BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XLI)

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME II)

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1904

RELAÇÃO
DO
NAUFRAGIO DA NAO CONCEIÇÃO
DE QUE ERA CAPITÃO
FRANCISCO NOBRE

A qual se perdeo nos baixos de Pero dos Banhos aos 22 dias do mez de Agosto de 1555

ESCRITA

POR

MANOEL RANGEL

O qual se achou no dito naufragio e foi despois ter a Cochim em Janeiro de 1557

Naufragio da nao Conceição, nos baixos de Pero dos Banhos no anno de 1555

No anno de 1555 ao primeiro dia do mez de Abril se fez o alardo em aquella praia de Belem (ou de lagrimas.) Acabando nós todos de ouvir missa deram todas as naos que iam para esta comprida viagem da India á véla, as quaes eram cinco, e de todas ia por capitão mór D. Leonardo de Sousa na nao *Galega* e em sua companhia a nao *S. Pedro*, *Assumpção*, *S. Felippe* e esta nossa mal afortunada por nome *Conceição*, em que ia por capitão Francisco Nobre, e por piloto Affonso Pires, todos moradores de Lisboa. Dando todas as naos á véla aquelle dia com muito contentamento pelo bom tempo que tinhamos (que elle nos fazia esquecer parte de nossas saudades,) assim com elle viemos até ás Canarias, que a oito dias de nossa partida houvemos vista da Palma, e D. Leonardo se apartou então de nós, e se lançou pela outra banda da Palma, donde o perdemos de vista, de maneira que nunca o pudemos mais ver em toda a viagem; e passando por diante saimos na costa de S. Thomé, e ahi encontrámos tantos ventos contrarios, que em quarenta e tres dias não andamos cousa alguma, e sempre nos achavamos em tres gráos

em todos estes quarenta e tres dias, da linha de Portugal da parte do Norte, donde quiz Nosso Senhor que passassemos.

Aos dezoite de Julho houvemos vista do Cabo da Boa Esperança, onde nos houveramos de perder, porque estavamos entre o Cabo Falso, e o Cabo das Agulhas: o piloto e o mestre não conhecendo a terra foram-se assim metendo com a nao na enseada, e quiz Nosso Senhor que donde o vento ventava Sul, se mudasse ao Noroéste, com o qual saimos d'alli, e logo caminhámos nosso caminho direito sem nunca termos (louvado seja Deos) senão bonança, e fomos assim dois ou tres dias na volta do mar, onde houveram conselho se iriamos por fóra ou por dentro? Determinaram de ir por fóra da ilha de S. Lourenço, por onde trouxemos tão bons tempos, que a vinte e um de Agosto nos achámos tanto ávante como em seis gráos da linha da India, onde a nao *Conceição* acabou suas viagens (como a diante direi) a qual era uma das melhores naos que havia no reino, segundo o parecer dos que continuavam a carreira da India, que bem o entendiam.

Estando nós assim tão perto da linha da India com todo prazer e contentamento de todos, que são bem alheios aos muitos enfadamentos que comsigo trás tão comprida viagem; o sol e terra alli mostraram ser mui demasiadamente quentes, de maneira que a gente todas as tardes se assentava por cima das entenas: onde vindo nós uma quarta feira á tarde com vento á popa, e bonança, olharam umas pessoas para a agoa e viram que era muito verde, e amassada, e logo disseram que estavamos perto de alguns baixos; mas como quer que estas cousas e outras semelhantes carregavam sobre o piloto, e viamos que elle as via, e que se calava, cuidavamos que não seria nada, e á noite vira-

riamos. Vinha nesta nao um Christovão Lopes por estrenqueiro, que era corrente nesta carreira da India; tanto que lhe disseram que alli havia agoa verde (a qual não podia ver por vir doente) começou logo de se agastar, e disse: —Agoa verde não é bom sinal, porque em tal paragem como esta não ha agoa verde. Passou assim aquella tarde até a noite, onde nos acodiram tantos passaros que cobriam o ceo; mas nós todos vimos que o piloto estava tão descançado como homem que governava seguro. Foi se cada um recolher a seo gazalhado: a noite era muito serena; e fazia luar claro com pouco vento á popa, que em irem assim as vélas passou o quarto da prima, e mandou o piloto então tomar o traquete da gávea e o da proa. Ficou a nao com a véla grande, traquete e cevadeira dadas, sem querer amainar, nem virar em outro bordo. Vendo que era noite, e os passaros que nos seguiam cada vez mais, e o ponto que levava o dito piloto ia dar comnosco em os baixos, e segundo diziam que se não fiava no seo ponto, nem no seo sol, e trazia dous pontos pelo seo sol, e outro na fantasia; Affonso Pires guardião, que carteava sempre o sol, quando vio tantos passaros por cima de nós, e que o piloto não virava em outro bordo ou amainava, foi se ao seo camarote com uma candeia aceza, e carteou, e tanto que vio que pelo seo ponto iamos dar nos baixos, lançou o compasso das mãos, e a carta, e logo sobio ao convés da nao, e disse: Valha-nos Nossa Senhora, que esta noite corremos grande risco, porque vamos dar por cima de uns baixos; e todavia aguardou mais até ver se o piloto queria virar em outro bordo, e tanto que vio que não mandava virar lhe disse:

— Piloto, olhai o que fazeis, que esta noite me faço com uns baixos; e a isto lhe respondeo o piloto:

— Ide mandar os gurumetes ao convés, que eu sei o que nisto faço.

Tornou se então o guardião para baixo á istrinqua a cartear, e achou o mesmo ponto, e foi-se onde estava o capitão, e disseram-lhe que estava dormindo: disse elle então que o acordassem, e não o quizeram acordar: e quando elle vio isto poz-se em cima de um camarote do feitor a vigiar, e o piloto d'ahi a meia hora mandou pôr a mão á istrinqua, e lançou o prumo ao mar; e eram as correntes tão grandes que assim como iam largando o cordel, assim levava a agoa a nao de mar em travéz, de maneira que elle sentio correr o prumo, e não quiz olhar o chumbo por lhe parecer que não havia alli fundo, e deixou-se assim ir, como se fosse pelo mar de Hespanha, sem temer baixos, e os passaros eram de cada vez mais, e nos seguiam.

Chamavam a estes passaros garjáos, e tenhosas a outros, que certo nos não ouviamos na nao com os brádos delles: e quando o guardião via cada vez mais a multidão delles, mandou dizer por um moço outra vez ao piloto que visse o que fazia, que á meia noite se fazia com os baixos, e o piloto não quiz dar ouvidos a isso. E certo quando cuido, que aquella tarde estando o piloto com o mestre, lhe disse o mestre ao tomar do sol: — Hoje me achei vinte e quatro legoas destes baixos, e pela estimativa do que a nao podia andar achava que ao quarto da prima rendido estariamos quatro legoas destes baixos: e estar elle tão descuidado e fóra do que lhe convinha, e á salvação de todos; não ha que dizer senão que Nosso Senhor permittia a tal cegueira por nossos muitos peccados.

Estando no meio do quarto de prima rendido, vigiando um bombardeiro, a que chamavam Jorge Gonçalves, tanto que vio que os passaros eram muitos, e

o que dizia o guardião ao piloto, veio-se ao cabrestante da nao chorando, e disse aos que achou acordados, desta maneira:—Homens somos perdidos, valha-nos Nossa Senhora; e nisto lhe responderam algumas pessoas que se callasse, e não fallasse nisso; e porque elle não era certo na carreira, não lhe deram orelhas ao qne dizia: e assim com todas estas couzas que viram, não aproveitou nada, que em tudo os cegou seo peccado, e a todos nos parecia que o piloto ouvia estes clamores, e que elle sabia nisso o que fazia, e desta maneira indo a nao *Conceição* com vento á popa, e mar bonança com as vélas todas dadas, ao quarto da madorna, dous relogios rendidos, deo uma muito grande pancada, que pareceo de todo se espedaçava.

Tanto que a nao deo esta pancada, logo a gente que dormia em catres, cahiram alguns delles com a grande pancada que a nao deo, e nos pareceo que virava de todo, e muitas pessoas se não puderam sustentar em pé, que cahiam para uma parte e para a outra, e pegavam se ás latas; e tanto que vimos que a nao daquella maneira tocava, todos, grandes e pequenos, chamaram por Nossa Senhora, com uma grita, que nos não ouviamos uns aos outros, chorando e pedindo misericordia a Nosso Senhor de nossos peccados: com vozes tão altas, que parecia que se fundia o ceo, e todos tinhamos aquella pela derradeira hora de nossa vida.

O pranto que assim todos faziamos era de maneira, que não havia homem que soubesse dar conta de si, senão tão pasmados; que nos pareceo que assim como a nao deo aquella pancada, assim nos haviamos de ir ao fundo; e foi tão grande que quasi esmorecemos, e logo apez esta pancada deu outra muito grande, que certo era pasmo ouvi-las. E nisto mandou o piloto arribar com a nao, e o marinheiro que ia ao le-

me lhe respondeu: Já não ha ahi leme; e tanto que lhe disse do leme, mandou amainar; e ahi não havia marinheiro, nem quem fosse amainar, nem entendimento para isso, e assim andavam todos fóra de seos juizos, e muito mal amainaram a vêla grande, e não puderam amainar o traquete e cevadeira: e nisto mandou o piloto lançar ancora, e não estava abocada, e tanto que a largaram rossou logo o cabo pela mão, e a nao com o traquete e cevadeira dada passou por cima da fragua, pelo vento ser fresco, e seria de quatro ou cinco braças por onde a nao passou; e assim veio a nao dando pancadas, caindo a uma e a outra parte, de maneira que para nenhuma se podiam ter em pé, e pegavam-se uns aos outros; e neste comenos lançaram outra ancora ao mar, e surgimos em alto, e tanto que o contra-mestre vio que a nao se ia ao fundo com a muita agoa que fazia, foi dar um pique ao cabo da ancora, e fomos assim com a nao por cima dos baixos tocando bem duas legoas, indo assim todos gritando por Nossa Senhora que nos valesse.

O pranto e grita que a gente fazia punha tanto medo, que nos parecia acabarmos logo, e todos pegados com os crucifixos e retabolos que levavam abrançando-nos com elles, pedindo a Nosso Senhor perdão de nossas culpas e peccados, confessando-nos aos Apostolos que iam em nossa companhia; e era a pressa de maneira, que não davamos lugar uns aos outros, e abraçavam-se com grande irmandade e choros; e vendo já que não tinhamos nenhuma salvação, se foi Affonso Pires ao guardião abaixo da cuberta com alguns marinheiros, que foram ajudar a arrombar pipas para ficar a nao mais leve: mas pouco aproveitava, que a nao era de todo arrombada, porque a não podiam já esgotar com todas as bombas, por ter já dadas quatro ou cinco pancadas.

Tanto que vimos que já não tinhamos remedio nenhum de salvação, senão aquelle que Nosso Senhor milagrosamente nos quizesse dar, o mestre, piloto, e contra-mestre de todo perderam o acordo, e o guardião se foi abaixo com alguns marinheiros a lançar as escotilhas fóra para tirar o batél, porque vinha debaixo da cuberta, e quando o acabáram de tirar fóra foi a tempo que já a nao era de todo arrombada, que se mais tardáram um quarto de relogio o não puderam tirar; e podemos dizer com muita verdade, que Nosso Senhor o tirou arriba, que as forças da gente não bastavam a cada um as suas para se ter em pé, que tamanho desmaio tinhamos vendo-nos assim de noite no meio do mar com a naō de todo arrombada, e cheia de agoa, com grande escuro sem vermos terra nenhuma, sómente as grandes pancadas que a nao dava; assim que toda aquella noite passámos com estes tragos da morte desde o quarto da madorna até pela manhã, que nos deu vista da estrella da alva.

E tanto que sahio a estrella da Alva, que deo alguma claridade vimos junto de nós o rolão e escuma dos máres que quebravam nas pedras : logo tivemos algum repouzo, inda que pouco, porque até então era o escuro tão grande, que a claridade da estrella não era tanta que pudessemos enxergar nada, mas cuidavamos que eram algumas pedras brancas. Logo procurámos por algum mantimento, especialmente agoa e biscouto, que depois do batel fóra a alguns nos pareceo que nos podiamos salvar, e logo nos fomos a um paiol a encher sacos de biscouto, e pelas cameras a tirar barrís de agoa para cima para a tolda da nao, que por baixo era toda quebrada e arrombada, e salvámos o mais mantimento que pudemos, entretanto que o tempo nos deo lugar, e punhamos tudo em cima da cuberta do chapitéo.

Tanto que amanheceo vimos junto de nós um pedaço de terra, que estava tão baixo, que quasi o não enxergavamos, e vimos neste pedaço de terra muitos passaros brancos com as pontas das azas pretas, a que chamam alcatrazes: e tanto que assim vimos aquelle pedaço de terra démos muitas graças a Nosso Senhor, por vermos em tempo de tanto trabalho aquelle pedaço de terra, ainda que a tinhamos por alagadiça, mas com tudo nos achavamos por muito ditosos, porque alli nos parecia que com duas horas que podiamos ter de vida pederiamos perdão a Deos de nossos peccados até a enchente da maré. E tanto que vimos tempo para lançar gente da nao fóra, começaram a levar no batel e esquife a mais que pudémos: e neste comenos se deixou vir vento e corrente com a agoa, que não podia o batel chegar á nao; e vendo a gente que em a nao estava como o batel não podia tornar com as correntes da agoa, se lançavam a nado e iam por cima das pedras, de que ficavam maltratados por os máres serem grandes, e quebrarem nas pedras; e os que não podiam afferrar a terra os tomava o batel que estava sobre ponta, por não poderem ir á nao; e tanto que o tempo deu lugar e a agoa, foram os bateis á nao buscar mantimento e algumas pessoas que não sabiam nadar, e nisto se cerrou a noite, e varámos o esquife em terra, e o batel grande ficou no mar com os cófres d'el Rei, onde ficou o contra-mestre com alguns marinheiros: e neste tempo ajuntámos todos os mantimentos, e fizemos uma choupana com uma véla, e por aquella noite nos agazalhámos com assás contentamento, por nos vermos em tal trabalho.

Tanto que ao outro dia amanheceo, logo lançáram o esquife ao mar, dizendo que queriam ir á nao buscar mais mantimento e madeira para acrescentarem

o batel grande e esquife, onde se meteo o capitão Francisco Nobre e o piloto, mestre e guardião, e alguns marinheiros, e Affonso da Gama, onde levou o mestre comsigo um sobrinho e dous cunhados seos, porque já de terra levavam determinado fugirem no batel; e logo leváram comsigo os carpinteiros e calafates, dizendo que eram lá necessarios, e com esta manha se embarcáram e foram á nao: e depois que lá foram meteram o mantimento que estava no chapitéo da nao, e começáram a fazer arrombadas ao batel grande para se acolherem. Em quanto nisto andavam se meteo Affonso da Gama no esquife com o guardião e alguns marinheiros, e vieram para terra, e segundo nos pareceo vinha tomar algumas pessoas com quem tinha razão; porém não se atreveram a sahir fóra com temor de lhe tomarmos o esquife, e tornáram se outra vez para onde estava o batel grande, onde vimos claramente como faziam arrombadas ao dito batel para fogirem e nos deixarem. E tanto que vimos que se queriam ir, começámos de nos agastar, parecendo-nos que levando-nos os batéis nos acabavam de matar de todo; porque até os não vermos partir parecia-nos que ainda viriam á terra tomar algumas pessoas; mas tanto que vimos que estavam todo o dia nos batéis sem vir á terra, nos ajuntámos todos á vista da nao, e tomámos uma bandeira, para de todo acabarmos de saber se iam ou não; mas algumas pessoas a quem elles tinham promettido de levar comsigo não o quizeram consentir, e logo se despediram quatro ou cinco homens, e entre estes um sobrinho do mestre, e se lançáram a nado, e foram á nao: e tanto que os do batel viram que se lançavam a nado, logo se desamarráram da nao e foram-se afastando pouco a pouco por se não botar toda a gente ao mar; e estando assim afastados lançáram fa-

texa para alli acabarem de fazer as arrombadas, e os homens que se botáram a nado estiveram esperando que os viessem tomar ; e tanto que viram que se vinha a noite chegando tornáram com o esquife á nao a buscar um mastro, e os homens que estavam nella ; e isto era já tanto de noite, que já os não enxergavamos de terra, e assim puzémos vigias ao redór da ilha, porque se sahissem á terra lhe tomássemos o esquife, e álem disto puzemos tambem guarda em D. Alvaro sobrinho do conde da Castanheira, que o não viesse tomar de noite ; de maneira que aquella noite nos agazalhámos com assás descontentamento por nos vermos em tamanho desamparo em um pedaço de area no meio do mar com pouca esperança de socorro humano, tendo-a só em Deos.

Tanto que amanheceo olhámos para o mar se viamos o batel grande ou o esquife, e nenhum vimos ; assim que na noite passada se foram sem nos deixarem nenhum remedio, de maneira que foi outro segundo pranto então pelos barcos que nos levavam ; porém ainda cuidavamos que não poderiam levar ambos, e que o esquife ficaria em algures : e assim estavamos com alguma esperança de remedio para nelle se poder ir á nao a tirar algum mantimento e madeira, para fazermos alguma couza em que alguns se pudessem salvar ; mas como quer que já era escuzado o remedio que esperavamos, senão sómente o de Deos, ordenámos pór regra sobre nossas vidas em o mantimento, e ordem a tudo para que della pudessemos merecer o que Deos quizesse determinar. Pelo que démos ordem em fazer logo capitão a quem déssemos obediencia, e foi eleito D. Alvaro de Ataide sobrinho do conde da Castanheira, homem mancebo, de idade de vinte annos, de boa condição, e amigo de

todos, mas não era para o cargo que lhe démos, por não ser temido, e ser juntamente mancebo.

Tanto que foi feito capitão mandou logo arrecadar os mantimentos que ahi havia todos juntos, e fomos logo ao longo do mar, onde foram algumas pessoas a nado a tomar algumas pipas de vinho, que acertavam de vir por cima das pedras á terra (que foi aquelle dia que desapareceram os bateis) e tomámos oito pipas de vinho, e alguns quatrocentos queijos de Alentejo, e perto de uma pipa de azeitonas, e tomámos muitos panos, mas vinham muito rotos das pedras; e assim algumas entenas que o mar lançou fóra, e muitas aduéllas, e alguns páos da nao, e nisto gastámos todo o dia, e quando foi ao outro nos lançou o mar fóra um pedaço de chapitéo da nao.

Assim desta maneira nos lançava Nosso Senhor o que nos fazia mister, sem ter nenhum batel para com elle tomarmos mantimento e madeira; e tanto que Deos nos mandou madeira e mantimento, determinámos com alguns marinheiros que alli ficáram de fazer alguma embarcação em que coubessemos sessenta ou setenta pessoas: e logo determináram de ir á nao em uma jangada que fizeram de uma entena a tirar madeira, e logo elegeram por mestre a um marinheiro para fazer o barco, a quem chamavam Brás Gonçalves, natural da Villa do Conde; e em quanto se fez a jangada se desfez a nao, pelo que nunca mais appareceo táboa, nem páo; e logo se fez a quilha de uma entena, que tinha vinte e tres palmos; e por não termos liames para fazer o navio, o fizemos de liames direitos. Não havia taboado que servisse mais que para o fundo, que para o mais não achavamos madeira, e foi necessario que fizessemos uma serra, porque de outra maneira não se podia fazer, e quiz Nosso Senhor que ferreiro e sapateiro viessem em nossa

companhia, que de uma espada a fizemos, e ahi achámos uma canna da India de rota da qual fizemos uns canos de fóles, e estes se fizeram de umas pélles que o mar lançou fóra, e o sapateiro os cozeo, e com a serra se serrou alguma madeira para fazer o barco : e ahi não havia quem soubésse bem serrar, mas alguns de nós nos puzémos ao trabalho, e não como de bons mestres, serrámos algumas táboas e páos com que foi feita a embarcação, e ainda que o marinheiro que a ordenava nunca tomára machado na mão, parecia que Deos visivelmente andava entre nós ajudando-nos, e dando-nos entendimento para o sabermos fazer ; e não puzemos mais em a fazer que desaseis dias, com todos os mastros e vergas, e tudo o que lhe era necessario e até o breu nos lançou Deos fóra. O mantimento que se recolheo em terra entregáram-no aos padres apostolos, para que tivessem cuidado delle, o quanão esteve em poder dos ditos padres mais que qual tro ou cinco dias, por elles sentirem nisso grande pezo, e largáram mão delle, e se entregou ao capitão D. Alvaro e algumas outras pessoas até sua partida para a India.

Em estes baixos de Pero dos Banhos não havia agoa, pouca nem muita, nem nós tirámos mais agoa da nao que tres barris della, que teriam seis almudes cada um, e com isto andavamos tão perdidos com sede, que não temiamos nossa morte de outrã maneira, senão desta, e isto causava tambem as grandes calmas que alli havia, que parecia que assavam as pessoas, e nos faziam pellar o rosto e mãos por não termos onde nos amparassemos dellas.

Da maneira que comiamos e ordem que tinhamos, era esta : pela manhã ajuntavamo-nos todos em ordem, e vinha um padre dos apostolos a benzer a meza, e depois tomavam aquelles que tinham cuidado

da despensa uma toalha ao redór de si, e dentro nella traziam o biscouto, e davam a cada pessoa tamanho como podia ter tres castanhas, e tamanho queijo como duas unhas, e meio copinho de vinho, o qual levava tres partes de agoa, e isto duas vezes: uma pela manhã, e outra á noite, tanto a um como a outro: e desta maneira se deo até D. Alvaro se partir. Neste tempo havia muitos passaros que comiamos escondidamente, com que a gente toda andava muito rija e valente: e seriam dez ou doze mil passaros, e em obra de vinte e quatro ou vinte e cinco dias não ficariam mais de dous mil: e elles nos deram tanto trabalho pelo máo regimento que tinham, que de todo nos deixáram por perdidos, porque todo o mantimento destruhiram primeiro que se fossem; e foi de maneira que até leváram uma cachorra que veio da nao em um pedaço de chapitéo.

As nossas choupanas que nestes baixos tinhamos em que nos recolhiamos eram de páos e de aduéllas de pipas, e cubertas com panos de todas as sórtes, e sedas que o mar lançou fóra; e assim nos recolhiamos de seis em seis pessoas, assim altos como baixos; e as choupanas que tinhamos eram cincoenta e seis. Neste tempo que alli sahimos em terra, lôgo começámos a cavar, a ver se podiamos achar alguma agoa, e cavámos um dia, e não a podemos achar; ao outro dia insistimos mais, e achámos a terra molhada, e quando veio aos tres dias já então tinhamos esperanças quasi certas de a termos alli, e logo a primeira que achámos a provámos, e tinha tão máo sabor, que parecia purga, mas a pressa era tamanha da sede que havia, que aquella ainda não engeitavam, e pela gente ser muita não vinha a cada um buziozinho della.

Despois que assim passáram alguns dias, logo Nos-

so Senhor parecia que a dava muito melhor, e cada vez mais: e de noite tomavam alguma para com ella se agoar o vinho, porque a que havia de dia a bebiam toda, de maneira que quando nos fomos enchemos tres pipas de agoa. Assim que Deos milagrosamente nos sustentou em quanto alli estivemos.

E porque ainda até aqui não tenho relatado o que aconteceo ao desembarcar da nao, o quero dizer.

Tanto que Simão Vaz feitor da nao a vio arrombada, logo se meteo na primeira batelada, em a qual sahio em terra, e andou nella por espaço de uma hora toda em redondo tão pasmado, como homem fóra do seu juizo. Lembrou se que lhe ficára um pouco de dinheiro em um cofre; tanto que lhe lembrou, tornou-se a embarcar para tornar á nao, e quando lá foi já o não achou, então se tornou com o capitão, e com Affonso da Gama, que ainda não tinha vindo á terra, e quando veio ao desembarcar não se quiz sahir do batel, e disse-lhe o capitão Affonso da Gama: Não torneis á nao que não tendes lá que fazer. Elle, dizem, que lhe respondeo: Eu quero tornar para fazer tirar algumas couzas que são necessarias: e não se quiz sahir, e ficou-se em o batel com o contra-mestre e marinheiros: e tanto que o batel foi remando, e que se afastou das pedras, olhou para terra, e então disse que o tornassem a pôr em terra: e os marinheiros e contra-mestre não quizeram, porque tinham já levada a fatexa, e os máres quebravam muito rijo; não ouzaram a tornar; e nisto chamou por um mancebo que se chamava Pedro Alvares sobrinho do mestre, marinheiro da nao, e dizem que elle lhe dissera desta maneira: Dizei-me Foão: querem-me matar os marinheiros? E elle lhe respondeo, que não dissesse tal couza, nem cuidasse nisso. Respondeo então o feitor: Se sois meo amigo ponde-me em terra, se não

lançar-me-hei ao mar. E nisto lhe disse um Antonio Gonçalves, que vinha por condestavel da nao, que se lançasse se quizesse, que não havia de tornar á terra; e elle com isto se despedio, e se lançou ao mar, e indo para terra viéram uns máres grandes e passáram por riba delle, e vindo junto das pedras veio um mar e o botou entre as mesmas pedras, e alli se afogou, e ao outro dia o achámos morto, porque o mar o botou fóra, e vinha com umas mordeduras nas pernas, que pareciam de peixes, e enterramo-lo na Ilha, e com a sua morte fomos todos muito tristes, porque até então não tinha morrido nenhuma pessoa.

E tornando atrás, tanto que passaram dous dias que havia que D. Alvaro era capitão, mandou lançar pregão que nenhuma pessoa matasse passaros na ilha, nem fizesse fogo nenhum, mais que aquelle que elle quizesse. Mas tanto aproveitou o pregão como se nunca o deram, porque não se passava noite nenhuma que não matassem mais de duzentos passaros, e assim se gastaram sem nenhuma necessidade a este tempo, e isto causava não haver regimento na gente, e não temerem o capitão por ser mancebo, e de pouca idade.

Temendo D. Alvaro que ao tempo que se quizesse embarcar lhe pudessem fazer algum mal, e o não deixassem embarcar, tomou quantas espadas e adagas ahi havia, e as meteo em uma arca, as quaes seriam algumas sessenta, e de noite as mandou enterrar em a sua despensa: tambem tomou toda a prata e peças de ouro, e dinheiro que em o arrayal achou, com algum coral lavrado, e algumas sedas que ahi havia, e de tudo lançou mão, e tanto que o navio foi feito de todo, em terra lhe metteram muita soma de fato, e todo o mantimento que havia de levar, e quando foi ao lançar delle se houvera de perder; e foi desta maneira.

Tanto que o tivemos junto da agua vieram uns máres grandes, e lhe davam de uma parte e da outra, que o traziam de cá para lá, e com isto dava nas pernas aos homens que lhas pizava todas, e não havia quem podesse parar diante com a força grande que trazia a agoa; e nós quasi desesperados de poder ter remedio de embarcação, com choros e prantos nos lançavamos de bruços, pedindo misericordia a Deus. Nisto veio um mar tão grosso e grande, que delle esperavamos o contrario do que succedeo, e o lançou no pégo, e tanto que assim o vimos nos alliviámos algum tanto pelo grande trabalho que dava aos marinheiros; com tudo desesperámos de poder navegar nelle, por nos parecer que estaria arrombado das grandes pancadas que dava na area; mas Deus parecia que andava entre nós, que de outra maneira não se podia cuidar menos, pelos grandes trabalhos que todos até então tinhamos passado.

Tanto que vimos esperanças grandes de Deus, e o navio fóra dos trabalhos, determinámos de tornar a meter os mantimentos que d'antes tinhamos tirado, porque se não molhassem, os quaes em terra tinhamos metidos em o navio. Não tinhamos couza que os pudesse levar, sómente uma jangada que d'antes tinhamos feito, porém não era couza que pudesse carregar mantimentos por serem os mares grandes, e botava os homens fóra de si, e virava por cima delles. Fizemos então um batel, o qual foi feito em tres dias, e o lançaram ao mar a levar uma amarra ao navio com uma ponta, porque já estava desamarrado, e a gente que nelle estava andava em grande trabalho, porque as correntes eram grandes e o vento muito rijo, e não tinham mais que uma amárra, e tanto que o amarráram logo lhe metteram o fato e mantimento, o que foi desta maneira.

D. Alvaro mandou apartar oito sacos de biscouto para levar, e sessenta caixas de marmelada, das quaes deixou obra de cincoenta, e levou alguns trinta barris de quarta de conserva, e deixou alguns vinte e cinco. Levou duas duzias de lançoes cozidos, e deixou oito para a gente que ficava na ilha; e assim deo um barril de farinha que sahio da nao; mandou fazer tambem empadas de passaros, e cozeram-se em uma fornalhasinha que mandára fazer para o mar; e levou mais duas pipas e meia de vinho, e deixou uma só, e assim tres de agoa, sem deixar pouca nem muita; e uma caixa encourada cheia de prata lavrada, e alguns capacetes e malhas, e outras trouxas de fato, o qual levava tambem em barris, de que tudo carregou o navio de maneira, que por carregar fato deixou de levar a gente que tinha dito, que seriam sessenta ou setenta pessoas, das quaes não levou mais que quarenta.

Eu me achei ao tempo que D. Alvaro se quiz embarcar, e me embarquei a nado com levar um barril de seis almudes de vinho, por me mandar dizer o dito D. Alvaro o levasse ao navio, e depois de eu já lá estar foi D. Alvaro e D. Duarte Rodrigues ambos a nado dissimuladamente por amor da gente por não vir já o batel a terra, e os mares serem grandes; tanto que chegaram ao navio, disse D. Alvaro que elle se achava mal disposto e enjoado, e por não estar para poder governar, e ser pouco experimentado, dava seo poder a Duarte Rodrigues, para com elle mandar o que melhor lhe parecesse, e veio então o mesmo Duarte Rodrigues com este poder, e mandou despejar o navio da gente que levava, dizendo que tinha treze pessoas de obrigação, as quaes havia de levar, e que não podia ser sem despejar alguma da que ahi estava: e nos lançaram então fóra, tendo já metido dentro todo

o nosso vestido, e as pessoas que para fóra fomos foram treze, tantas quantas em nosso lugar haviam de ir: e nos meteram todos em o barquinho que d'antes tinham feito, ás estocadas, sem nenhuma piedade, nem nos valia chamarmos por Deos, nem por Santa Maria, nem menos pormos diante delles um Crucifixo, que tão cruamente desamarraram o batel do navio, no qual não cabiam mais que oito pessoas, e fizeram caber por força as treze: e entre nós não havia quem soubessse remar, mais que um só homem; e quando assim nos vimos nos puzemos em um grande pranto, e nos davamos por perdidos por não sabermos tomar a ilha: e as correntes eram muito grandes, de maneira que Duarte Rodrigues e Alvaro de Andrade nos botaram ás estocadas assim desta sorte que já disse.

Então foi vermos nossa perdição tão propinqua, e não termos outro remedio senão em altas vozes pedir misericordia a Nosso Senhor de nossos peccados, e que nos livrasse daquelle trabalho. Tomámos então dous remos, e começámos a remar para terra: eram os mares tão grandes, que nos parecia que nos soçobravam debaixo; não tivemos outro remedio senão lançar-nos a nado, o que fizemos doze pessoas, afóra uma que ficou no batel por não saber nadar, e sahimos quasi afogados. O que ficou era um homem que vinha na nao por despenseiro d'el-Rei, ao qual chamavam Duarte da Costa; e este sahio fóra milagrosamente, por vir um mar muito grande que ergueo o batel tão alto, que quando deo a pancada na agoa cahio o homem fóra, e o batel soçobrou, e cahio por uma banda delle: e quando tornou acima juntamente com o batel se pegou a elle da outra banda, e tomou um Crucifixo, e se abraçou com elle, pedindo-lhe ajuda e favor: e nisto as correntes da agoa levavam o batel para fóra da ilha, e com elle a Duar-

te da Costa. Quiz Deos que a corda que levava o batel se embaraçasse no fundo, e se metesse entre duas pedras de maneira que fez estar quelo o batel; então lhe acudiram algumas pessoas das que estavam em terra, e trouxeram o dito batel junto do arrayal. Nisto veio um mar que o botou fóra, de maneira que Nosso Senhor milagrosamente nos sustentava alli, e os que foram no batel disseram todos primeiro que partissem um Pater Noster e uma Ave Maria pelas almas dos que alli ficavam; álem de outras muitas mercês, quiz no-la Nosso Senhor fazer de nos dar este batel para podermos ter mais alguma esperança de vida.

Eu me achei no navio com meo irmão, o qual viera com D. Alvaro e Duarte Rodrigues tambem a nado, porque sabia bem nadar, para os esforçar, e alli era temeroso o nadar, por cauza dos tubarões, que alli havia muitos. A cauza tambem porque este meu irmão se embarcava, era porque ao tempo que se fez o navio não havia batel, por onde correo grande perigo de se quebrar, e pelas grandes pancadas que dava na area não podiam saber se estaria aberto ou não: veiu então meu irmão, e deitou-se a nado, e o foi ver todo ao redór, e se estava por dentro quebrado ou não; trouxe então novas que estava muito são, por tanto o admittìram a levarem-no comsigo.

Tanto que veio ao botar da gente fóra do navio, deitáram tambem este meu irmão, então se chegou elle a Duarte Rodrigues, e lhe lembrou o trabalho que passára quando foi ver o navio, que portanto merecia que o levassem, e tambem lamentando duas irmãs que tinha; por onde me chamáram a mim que estava na proa do navio enjoado, e vindo pegou em mim um Alvaro de Andrade, criado do conde da Castanheira, e me botou fóra do navio, por me não que-

rer quasi deixar fallar; e com tudo roguei a Duarte Rodrigues que me não mandasse botar fóra; respondeu-me então que qual queria, que um de nós havia de ir fóra, ou eu ou meu irmão.

Houve muitos que disseram que ficasse eu, e que meu irmão fosse fóra: e nisto se chegou Vicente Vaz, marinheiro qne tinha andado no batelinho a acarretar mantimento, por não haver quem se atrevesse a querer trazer couza nenhuma nelle; disse então este, que lhe fizesse uma mercê pelo trabalho que tinha passado. Respondeu-lhe então que faria. Disse então Vicente Vaz. Botai-me antes fóra. E como alli não havia razões que se pudessem escutar, não tratou mais de dar repósta, mas antes disse que me botassem antes fóra, que a meu irmão.

Com isto nos despedimos com grandes prantos e choros, como em tal trágo convinha, mas segundo me parece, de Deos veio lançarem-me fóra, porque de outra maneira não nos podiamos ambos salvar, porque já pudera ser que indo eu, e ficando elle morrêra, como morreram as cento e cincoenta e quatro pessoas, e assim escapámos ambos. Do que succedeo depois que o navio partio até a minha chegada depois a Cóchim, e os trabalhos que passei com os meus companheiros, adiante farei menção.

—

Lembrança que eu Manoel Rangel fiz das couzas que nos aconteceram, e das misericordias que Deos comnosco uzou, e trabalhos em que nos vimos despois de ser partido D. Alvaro em o navio que fizeram a 26 de Setembro, e chegaram a Cóchim a treze de Novembro de 1555

Tanto que o navio foi partido da ilha de Pero dos Banhos com D. Alvaro, e os mais que com elle iam, e que nós varámos o barquinho em terra, logo a primeira couza que fizemos foi sabermos quantos ficámos em terra, e achámos ser cento e sessenta e seis pessoas, entre as quaes estavam duas mulheres que em a nao vieram. Nós assim como disse, e tambem sem quem nos regesse ordenámos que o mantimento que na ilha estava se entregasse aos apostolos, e o tivessem mettido em uma despensa, e para governarem os mais ordenámos tres pessoas, quaes eram Diogo da Rosa, Gaspar de Barros, e eu, todos tres governámos a gente toda em tudo, e no comer principalmente, que era mais necessario, e os que ajudavam a estes tres eram Jorge Gomes criado d'El Rei, e Domingos Lopes: os outros ditos acima no mais governavam como capitães, e castigavam os que o mereciam, e assim ordenado isto puzeram cobro sobre os passaros que na ilha havia, que os não comessem todos juntos, os quaes remediavam parte alguma da fóme que entre nós havia.

A estes que tinham a seu cargo os passaros deram-lhe juramento de não consentirem tomar passaro ne-

nhum pessoa nenhuma, sómente aquelles que tinham cuidado de os tomar para a despensa, e dahi se destribuirem como viam ser mais necessario, e mais para hiscas que lançavam para pescar, e assim se guardavam de noite como de dia aos quartos, e dahi por diante se gastáram os passaros muito mais regidamente que de antes. Mais ordenámos para o barquinho um mestre com seis homens que fossem ao mar pescar todos os dias, para que o peixe ajudasse ao mantimento que na terra ficára, até que Nosso Senhor nos mandasse soccorro, e todos os dias que o mar dava lugar punhamos muita diligencia em o barquinho trazer algum peixe, e o que nelle vinha o levavam logo á despensa, e o faziam em póstas tamanhas umas niomo as outras, e o coziam, e mandavam assentar a gente toda em ordem, e tanto davam ao grande como ao pequeno, e ao negro como ao branco, e desta maneira se governava a gente toda como irmãos, sem entre elles haver nunca brigas, porque os que os regiam não o consentiam, e quem havia mister castigo davam-lho.

Puzemos tambem grandes guardas em as fontes que já na ilha tinhamos, e a agoa que recolhiamos levavam-na á despensa para agoar o vinho com ella, e D. Alvaro tinha levado tres pipas de agua que havia na ilha, e não deixou pouca nem muita, por onde nos pareceu que nossas vidas fossem breves por causa das muitas calmas que na ilha havia: mas como Nosso Senhor sempre usava de misericordia comnosco tinhamos para a gente beber, e a que sobejava a metiam na despensa, para quando nos vissemos em pressa nos soccorrermos della; porém o vinho, que seriam tres pipas, vinha misturado com a agoa salgada de quando as tirámos do mar, e fazia muito mal á gente, que lhe secava os bofes, e para isto foi necessario que

quando o bebiam lhe deitassem tres partes de agoa, e assim o bebiam, e nos duraram tres mezes e quinze dias.

D. Alvaro e Duarte Rodrigues nos tinham promettido diante de um Crucifixo, que como chegassem a Cóchim nos mandariam soccorro, e que se o governador nos não quizesse mandar buscar, que elles á sua custa fariam navio que viesse a esse effeito, e com este promettimento tinhamos algum descanço. A este tempo andavamos tão debilitados da fóme, e nossas forças eram tão poucas, que quantos eramos não podiamos botar um batel ao mar para ir pescar, e todo o dia andavamos metidos na agoa até o pescoço por termos mão no batel, que o não quebrassem os grandes mares que nelle davam, que algumas vezes o lançavam sobre as pedras, e os que topava diante tambem iam para uma e outra banda, e a muitos feria nas pernas, e passava por riba delles: e o batel ia logo pela manhã, e vinha á tarde, e muitas vezes vinha sem peixe, do que recebiamos muita dor; e o que vinha do mar era mais mantimento nosso, que o que tinhamos em terra; por ser muito pouco não comiamos mais que duas vezes ao dia, e o comer era uma postinha de peixe tamanha a um, como a outro, e de biscouto como duas castanhas, e de queijo como uma unha do dedo polegar, com meio quartilho de vinho com as tres partes de agoa, e com isto, e com a graça de Nosso Senhor nos sustentavamos.

Os peixes que o batel trazia eram desta qualidade, vermelhos de tamanho de gorazes, aos quaes nós chamavamos pargos, e tubarões, como os da Costa da Guiné; eram muito ruins de pescar, porque lhe levavam as linhas e anzoes, e para isto tivemos grande ardil para que os pescadores não deixassem de ir todos os dias ao mar: tinhamos dous ferreiros, que outra cou-

za não faziam senão anzoes, por haver dia que o peixe levava dez e quinze anzoes, e desta maneira sempre andava a cousa bem ordenada. Quando o tempo era roim tinhamos então grande trabalho, e quinze dias se faziam que o batel não podia ir pescar, e neste tempo nos soccorriamos das raizes das hervas, e as assavamos, e aos caranguejos, os quaes eram poucos, e com isto passavamos neste tempo.

Mais viviamos com a esperança que tinhamos do soccorro que nos podiam mandar da India, que com o que nos sustentavamos: e cada um procurava vigiar se vinha alguem que nos tirasse daquelle purgatorio, para que tambem lhe dessem alviçaras de tão grandes novas, como era o porque esperavam, e com isto nos parecia um dia um anno.

Estando nós assim, que havia dezaseis dias que o derradeiro navio era partido, vimos pela parte do sul ao lume da agua uns relampagos que pareciam fogo, e todos os que os viamos julgavam o mesmo, e por fazer escuro o não enxergavam senão quando os relampagos allumiavam, e pareceram-nos vélas. Nós com este alvoroço fizemos outro em terra com grande procissão ao redór da ilha, disciplinando-se todos, e pedindo misericordia a Nosso Senhor, com grandes gritos e choros, todos juntos de joelhos diante do altar, em que pediamos o de que tanto tinhamos necessidade, e toda aquella noite andámos desta maneira: e quando chegamos a outro dia pela manhã que não vimos vélas ficámos muito tristes, que de todo nos parecia que nossas vidas acabavam: e logo arvorámos um mastro do traquete da nao no mais alto da ilha, e nelle puzemos um farol de uns arcos de ferro para ter fogo, o qual ardia toda a noite, e nos deu grande trabalho pela muita lenha que se gastava, e na ilha haver pouca: e tivemos este fogo trez mezes

e meio, ou quatro, e estava sempre acezo em chama, e podia-se ver trez ou quatro legoas, e em riba delle um lançol para que se passassem de dia, que o podessem ver; porém fomos tão mofinos, que nem navios, nem nem galés pudemos ver.

Todos os dias que a gente podia andar em pé faziamos procissão ao redor da ilha: cada quinze dias nos confessavamos, e nos disciplinavamos alguns por nossas devoções em quanto se rezava o *Psalmo Miserere*; e o que nos dava maior dor era não termos aviamento para poder tomar o Santissimo Sacramento, que, se o tiveramos, nossa pena não fora tanta em fallecer alli, como tinhamos.

Os padres apostolos eram tres, os dous de missa, e o outro não.

O padre Gonçalo Vaz era prégador, e o outro se chamava Pascoal, e o prégador nos prégava sempre nos domingos e festas, e era muito devoto de Nossa Senhora, e nos encomendava que sempre andassemos aparelhados para quando quer que nos chamasse Deus. Todos ainda eramos cento e sessenta e seis pessoas de differentes pais, porém no mais irmãos muito confórmes: todos sabiamos que não tinhamos mais mantimento que só para vinte dias com toda a estreiteza que se pudesse pôr, e que haviamos de esperar por socorro tres mezes, e acabado o mantimento seriam acabadas nossas vidas; com tudo isto terem bem sabido, não houve quem se quizesse amotinar a tomarem o comer uns a os outros, mas antes morrer, que tal offensa fazer a ninguem: e tinham tanto acatamento aos que o regiam, que era couza pasmosa; e alguns havia que traziam máos costumes de jurar, nestes puzemos tanta diligencia, que dentro em dez dias não havia ninguem que soubesse jurar, e todos os bons costumes que podiamos ter tinhamos.

Tornando, como digo, aos mantimentos, tanto que uns poucos de alcatrazes se gastáram na ilha, que delles tambem os pescadores levavam ao mar, quiz Nosso Senhor dar-nos outro, que foi encher se-nos a terra de hervas, que foi o melhor mantimento que houve, porque deste se abastou a gente toda do que lhe era necessario. E com estas misericordias que viamos, tinhamos tão grandes esperanças que Deos nos havia de salvar, como se claramente o viramos diante de nossos olhos.

Quem cuidára que cento e sessenta e seis pessoas se podiam sustentar cinco mezes em uma praia de area de trezentos passos de comprido, e cento e sessenta de largo, sem outro mantimento, senão o que Deos ministrava? Tendo nós assim tanto cuidado de nos encomendarmos a Elle, tinha Elle tambem de nos dar remedio cada dia para nos sustentarmos. E alguns dias que o barquinho não podia ir ao mar, logo Nosso Senhor delle nos lançava o mantimento, que era lobo ou tartaruga: algumas tomavamos as quaes vinham a desovar á terra: e cada uma tinha muita soma de ovos, uns delles tinham a clara propriamente como os de galinhas, e outros mais pequenos sem claras, que pareciam gemas de ovos, e os que tinham clara, tinham uma pelle por casca como propriamente pergaminho: e traziam tanta soma de ovos, que uma vez tomamos uma, e contámos-lhe os ovos, e achámos mil e oitocentos e trinta e seis, e destes seriam duzentos de casca, e os mais de gema; e algumas vezes pela manhã as achavamos cavando na terra com as mãos, e fazendo covas para porem os ovos, e os punham em altura de uma vara de medir, e calcavam-nos muito com a terra, e depois de póstos se tornavam para o mar; e delles nasciam as tartarugas pequenas, e nascidas logo iam em

busca do mar sua natureza, e não saiam fóra senão quando o mar e o tempo andavam tempestuosos.

Era tanta a agoa que se descubrio depois na ilha, que o comer de peixe se cozia com ella; porém a calma e a muita gente a gastou de maneira, que foi necessario pôr cobro sobre ella; e como a ilha era baixa no meio, e alta pelas bordas, quando chovia, a agoa não corria, e ficava dentro, e a tomavamos. Assim que com estas misericordias que Deos comnosco uzava, tinhamos esperanças que nos salvariamos; e assim viveu toda a gente até Janeiro, e não falleceo pessoa nenhuma em cinco mezes, que era o tempo que se esperava por soccorro da India. E vendo nós que passava o tempo, e que ninguem vinha por nós, logo a gente começou a adoecer e morrer, e dentro em Janeiro falleceram trinta pessoas, e cada dia sepultavamos seis e sete pessoas, e não havia quem já tivesse forças para os poder enterrar, nem menos metter nas covas; que se acazo fora que o soccorro viera por todo o mez de Dezembro, não acháram mais mórtos que seis pessoas. Se o fogo do purgatorio dá tão grandes penas nas almas, verdadeiramente que aquelle o parecia, e tantos eram os que jaziam doentes, como os que andavam em pé: uns pediam uma gota de agoa, outros pelas chagas de Christo que lhe déssem alguma couza para comer, e assim nos viamos com tanta piedade, que pediamos a Nosso Senhor que houvesse por seo serviço levar-nos para si antes que ver-nos em tanta pena e tribulação, que já não sentiamos senão não ter quem nos enterásse, e o primeiro que fallecia se achava por ditoso, pois tinha quem o sepultásse. Aos doentes sempre tivemos cuidado de lhe darmos sua reção bem cozida, e assim andavamos com este trabalho, e com tudo sempre Deos uzava comnosco de muitas misericordias. Até

Janeiro démos á gente toda o comer cozido, e d'alli por diante por não haver lenha se dava o peixe crû, e aos doentes se dava cozido, e lho levavamos pelas choupanas, e os outros com trapos velhos e hervas o coziam : e com tudo isto nos trazia Deos a alguns em pé para remediarmos os doentes, e nisto andámos até Fevereiro.

Sendo meado de Janeiro nos deo uma tormenta tão grande de ventos Nordéstes, que parecia que queria levar a ilha em que estavamos, pelo ar, e durou dez ou doze dias, e neste tempo não ia o barquinho ao mar, e passavamos tão mal nestes dias, que quasi morreo toda a gente neste tempo, e não nos mantinhamos senão em azeite cosido com uma pouca de agoa, e isto bebiamos naquelles doze dias; outros matavam passaros que passavam pela ilha, que vinham de outras terras, e lhe atiravam com os páos, e os matavam, e destes eram poucos; e nestes dias não podiamos andar senão arrimados em páos. Umas hervas havia tambem na ilha a que chamavam baldroegas, estas comiam cozidas; depois disto sobrevieram nos quinze dias de grandes calmas, que parecia que andavamos metidos em brazas e chamas : porém deu-nos Deos tanto peixe neste tempo, que mandavamos pelas choupanas perguntar a quem queria mais peixe, e nestes dias nos sahio um lobo marinho, e uma tartaruga, e os puzemos a secar ao sol, e os ovos, que foi grande remedio para passarmos alguns dias. Depois sobreveio outra temporada tão grande, que nos deo tambem grandissimo trabalho, porém Deos primeiramente, e o peixe que tinhamos a secar nos deo mais algum alento.

Estando já (como disse) sem esperança de termos soccorro nenhum da India, e que a maior parte da gente era fallecida, e a que mais ficava jazia doente, e

que se não pod:a levantar, tomámos todcs conselho, que meio poderiamos ter para que não acabassemos alli todos? Pareceu-nos bem, que se d'alli se pudessem salvar algumas pessoas, que seria bom. Assentámos que dos páos que estavam pelas choupanas se ordenasse um barco em que pudesse caber a mais gente com que o barco se atrevesse, que de outra sórte não havia remedio nenhum: e quando isto ordenámos, era naquella derradeira tormenta que tivemos, que nos não deixava ir o barquinho ao mar; mas quando o começamos fez logo bom tempo, e foi o barquinho a pescar, e houve tanto peixe, que secámos oitenta tubarões; e ás pessoas que ordenámos para fazerem o barco lhe démos alguma ração maior que aos outros para terem forças para o fazerem; e o mestre delle foi Jeronymo Vaz, bombardeiro, por ser homem de engenho, e velho. Trabalhávamos no barco pelo manhã e á tarde, por causa das calmas: e uma serra velha que alli ficára de quando fizeram o caravelão de D. Alvaro, estava tão ferrugenta, que quando começámos a serrar logo quebrou, e ordenámos então outra de uma espada com que serrámos alguns pedaços de páos, e uns seis bordos da nao, que o mar lançára fóra. A quilha do barco se fez de um páo que estava em uma choupana, e sahiu curta, e emendaram-na com sete palmos mais, de maneira que ficou de comprimento de vinte e sete palmos. Ella assim feita levamo-la em dia de S. Pedro todos com procissão, e o padre Gonçalo Vaz lhe rezou um responso, e lhe puzémos nome S. Pedro á sua honra.

Posta a quilha em seu logar não tinhamos um páo para as ródas do barco, e quiz Nosso Senhor que fossemos achar uma curva da nao, de que as fizemos de popa a proa: e a serrámos pelo meio, e permettio o mesmo Senhor que nunca a vissemos senão em tempo

que fosse necessaria, porque se a viramos antes que determinavamos de fazer o barco, tiveramo-la queimado, e alli nos dava Nosso Senhor todo o apparelho que era necessario.

Os braços para o barco fizeram-se de quaesquer pedaços de taboas, e do cisbordo da nao que ainda tinhamos; e assim desfizémos todas as choupanas, e de noite dormiamos ao sereno, e de dia andavamos á calma que nos assava; e assim se fez o barco de um cisbordo e de uma duzia de taboas, e das aduelas das pipas fizemos carvão para se fazerem pregos pequenos e anzoes. Dizer, a estas pessoas que fizeram o barco, a ajuda e engenho que Deos lhe deu, era muito para pasmar, que de quantos o fizeram nenhum sabia tomar enxô nem machado na mão para o ordenar, senão Deos os mettia em esforço, e os ensinava, porque era servido que alguns escapassem, para que estes fossem nuncios de tão grandes cousas, como alli passámos, e das misericordias que Deos comnosco tinha uzado. Os que carpintejavam eram cinco pessoas: os que serravam, quando uns cançavam, outros ajudavam, outros aparavam as taboas, e outros as pregavam, e todos faziamos como Deos nos ajudava.

Ordenado e posto em pé o barco, não havia quem o soubesse calafetar: quiz Nosso Senhor que um Francisco Rodrigues da casa do armador da nao, que vinha por despenseiro do mesmo, disse que se atrevia a calafeta-lo (cousa de que nós fizemos pouca conta pelo não ter costumado) sómente dizia, que elle vira calafetar a nao em que viemos, e que por alli se atrevia a calafetar tambem o barco; e para vermos quanto Deos nos ajudava, e quanto era servido, se pôs em feição, e o calafetou tão bem como se o uzara sempre: e a estopa se fez de uns pedaços de cabos que o mar lançava fóra, e duas mulheres que entre nós estavam

os destrociam. Depois de calafetado fizemos uns páos para o lançarmos ao mar, e eram roliços, porque nos não atreviamos a lança-lo na agoa sem elles, pelas forças tornarem já a fallecer; o mastro para o barco foi o que estava arvorado com o faról: e as vélas se fizeram de camizas, e as cordas das linhas com que pescavamos, quanto era bastante para a dirça e escota: e fizemos duas amarras da estopa com que calafetámos o barco; e porque outra não tinhamos, e era fraca, e as correntes eram grandes, e não poderia ter o barco, estivemos em desfazer uma peça de veludo carmezim, porém Deos de muito pouco fez grande; e assim tambem os cabos para o barco, onde eram fracos confiámos que seriam fórtes com ajuda de Deos. Posto, como digo, o barco em pé com tudo aquillo que Deos nos deo para elle, o lançámos ao mar todos quantos eramos: e dentro nelle iam cinco homens com um dos apostolos, e aqui nos accrescentou Deos as forças, e o puzemos á borda da agua com cair o batel fóra dos páos. Nisto veio um mar tão grande, que parecia que o havia de fazer em pedaços, e o meteo dentro na agoa sem perigo nenhum, nem menos dos que iam dentro: e logo lhe deitaram uma amarra com uma pedra, e lhe meteram dentro obra de quinze tubarões tamanhos como uma pessoa, com uma pipa de agoa, e mais dois barris de vinho de quatro almudes cada um, sem mais mantimento nenhum.

No primeiro dia de Abril nos embarcámos os que podiam ir dentro no barco, e muitos que dentro iam dezejavam de se tornar fóra, por razão da muita agoa que fazia. Partindo nós sem que soubesse reger-nos nem governar-nos, sómente Deos, e o caminho não era tão curto, que não fossem trezentas ou quatrocentas legoas, e as pessoas que dentro iamos seriam vinte e sete, não fazendo conta que poderiamos viver, mas

indo por esse mar onde a ventura nos quizesse levar. Os trabalhos que passámos emquanto andámos pelo mar, não tem conto, porque de dia e de noite não faziamos outra couza senão lançar a agoa fóra, e com quantos eramos a não podiamos vencer.

Já seriamos, haveria obra de vinte dias, partidos da ilha com o mantimento que acima disse: nelle tivemos tanto regimento, que não bebiamos mais que um copinho de vidro muito pequeno de agoa, e dos tubarões comiamos uma só talhada da grossura de dous dedos, e assim iamos tão fracos, que nos não podiamos ter, e assim passámos muita fóme e sede pelo mar, que houve pessoas que bebiam mijo, e delle morreram quatro pessoas, outras da agoa salgada. Indo nós com esta fome e sede sobreveio uma trovoada em que tomámos obra de um almude de agoa da qual nos fartámos todos, e assim tomámos sete ou oito douradas, que nos duraram obra de quatro dias; e no cabo dos vinte dias vimos cobras pelo mar, e pareceu-nos que estavamos na costa da India, de que tivemos algum descanço; mas indo nós governando ao Nordéste nos deu tanto vento que nos fez governar ao Suéste: e indo nós assim correndo sem levarmos mantimento nenhum, mais que barbatanas dos tubarões para o outro dia, e um almude de agoa (já então tinhamos andado pelo mar trinta e tres dias) naquelle dia em que o mantimento se havia de acabar houvemos vista de duas ilhas, e aportámos em uma dellas, e quiz Deos levar-nos pelo meio do canal, porque ambas eram cercadas de recifes, que acertando de não entrar por alli, corriamos risco de nos perder: e tanto que démos em terra nos lançámos fóra, e iamos tão fracos, que caiamos todos de focinhos, onde estivemos obra de duas horas, e como tornámos a cobrar alento nos puzémos de joelhos com choros grandes em altas vozes dando

ao Senhor graças, pois nos trazia á terra onde pudessemos ser enterrados.

Procurámos então de buscar couza que comessemos, e tomámos caranguejos, que cozemos e assámos ; e estando nós assim disséram algumas pessoas que lhe dessémos licença para irem pelo mato a ver se achávam alguma agoa para beber nas tócas dos páos : e tanto que foram pelo mato viram alguns negros, e o primeiro que os vio no lo veio dizer ; mas não lhe démos credito, que cuidaria algum dos nossos que seriam negros, por virmos taes, que ao longe não enxergavamos nenhuma couza ; e dahi a obra de meia hora veio um negro ao longo da praia como homem que vinha haver fálla de nós, estando tambem juntamente comnosco um dos apostolos, o qual estava mais ao longo do mar : e vendo este padre ao negro começou a fogir ; o negro que isto vio fez o mesmo para onde estavam outros que habitavam na outra ilha, e tanto que os vimos ir assim foram tres pessoas dos nossos em seo alcance ; os negros lançáram seos batéis ao mar, e fogiram ; pelo que fomos muito tristes por não sabermos onde estavamos, e tambem por cuidarmos que iriam buscar gente para nos matarem. Depois fomos ver a terra, e achámos muita agoa salobra, e peixe pelo canal acima, e com isto démos muitas graças a Nosso Senhor, e puzemo-nos a comer quanto achavamos : e elles nunca mais tornaram, por onde nos pareceo ser gente para pouco.

Dahi a oito ou dez dias determinámos de tomar o caminho para outra ilha para onde os negros fugiram, e não a pudémos tomar pelo vento ser contrario, e nisto andámos obra de tres dias sem fazermos já conta de a tomarmos. Vendo nós que o peixe era já pouco, determinámos de pormos forças para a podermos vencer.

Indo assim no meio do caminho, que seriam quatro legoas pouco mais ou menos de uma a outra, se nos fez o vento escaço de maneira, que a ilha nos ficava muito a balravento, e iamos cair sobre os baixos, que todos estavam quebrando em frol, e houvémos então conselho, que nos tornassemos, pois já não podiamos tomar a ilha. Fizemo-nos então em outro bordo, e tão escaço era o vento para uma banda, como para a outra, e a corrente impetuosa que nos levava aos baixos. Vendo-nos nós assim lançámos a fatexa ao mar, e assim estivemos sobre ella até o vento acalmar, e como désse algum logar logo nos erguemos e tomámos os remos, e começámos a remar para tomarmos a ilha donde partimos, e não pudémos puxar tanto, que não fossemos dar em um pedaço de area onde tivemos as esperanças perdidas. Sahimos então do batel fóra, e nos metemos na agoa, que nos dava pelo pescoço, e algumas vezes nos cobria, e tomámos o batel á sirga, e outros pegados nelle que o não levassem as correntes da agoa, que eram muito grandes, e levámo-lo a uma enseada, e alli lhe tirámos o peixe todo, e puzémos nelle muita regra; e neste comenos se fez o batel em pedaços, que com tanto trabalho tinhamos feito; e o peixe que tinhamos não podia durar mais que um mez, e já adoeciamos todos. Tomámos então eu, e Gaspar de Barros, com mais outros dous homens que vimos serem necessarios para nos ajudarem, e fizemos um esquife pequeno para nelle podermos passar á outra ilha, fomos então ao mato a cortar cavernas e braços para o ordenarmos.

A ordem que tivémos foi esta: que dous iamos a cortar os braços e cavernas, e o páo era tão molle, que nos não dava trabalho ao falquejar, e ao outro dia os acarretavam do mato, e logo despregámos o

taboado do outro batel que se nos quebrou, e outros a cortar as táboas, outros a furar e a pregar, de maneira que foi feito o melhor que pudémos, em obra de quinze dias.

O batel feito não havia com que o calafetar, e com camizas o calafetámos; e a véla do outro batel nos servio ainda para esse effeito, e acabado o botámos ao mar, e um dos que no-lo ajudáram a fazer se fez doente por não ajudar a deitar a agoa fóra (que tanta fazia) e mais por não ir nelle com medo de se ir ao fundo, e nos meteo dentro nelle dez pessoas, e partimos um dia pela manhã, e chegámos á tarde tão fracos por haver dias que andavamos doentes de febres, e estas ilhas tambem serem muito doentias, as quaes se chamam de Mameluco, e estão na altura de Melinde; e nós na ilha sahimos fóra em terra, e nos metemos debaixo das palmeiras, e foram dous homens cada um por sua parte se viam alguma gente, e quando vieram trouxeram noticia que não acháram mais que palmeiras e choupanas, e lhe perguntámos se havia couza que pudessemos comer? Disseram não haver mais que caranguejos do mato, e da area, e muitos cocos; pelo que então folgámos muito, e por haver tambem choupanas de palha, por onde nos pareceo bem mandarmos alguma gente a buscar cocos, e delles comemos dez ou quinze dias, o que nos punha mais fastio que sustentação. Neste comenos veio um homem fazer leite de cocos, e coziamo-lo, o qual bebido com a virtude de Deos nos pôs muita sustancia e forças. Como com ellas nos vimos, determinámos ir com as agoas vivas a mariscar áquelles baixos na derradeira maré; achámos cinco moreas, e uma lagosta, de que ficámos assás contentes por termos certeza que alli nas agoas vivas teriamos que comer.

A estas ilhas viemos ter em Agosto, e já tinhamos

por certo que não podia alli vir gente senão em Janeiro, que eram seis mezes, e os negros não vinham a esta ilha senão a pescar, e a fazer cairo, porque nella haviam muitos tanques de agoa doce cheios do dito cairo, e com estas esperanças de virem os negros nos podiamos salvar; e d'alli por diante iamos no batelinho a mariscar com as agoas vivas, onde claramente vimos as grandissimas misericordias que Deos comnosco uzava, porque havia dia que traziamos oitenta ou noventa lagostas, e comia cada pessoa tres ou quatro lagostas a cada comer, e muitas moreas que matavamos com páos ás pancadas, e quando não haviam agoas vivas iamos de noite aos baixos, metidos no mar até os peitos a buscar buzios de uns que tem miolo, os quaes não sahem senão de noite a buscar de comer, então pelos rastos achavamo-los, os quaes nos puzeram muitas forças e alentos.

Postos nós em nossas forças procurámos de tornar em busca da gente que ficára na outra ilha, entre a qual ficaram os tres apostolos, e um delles já quando de lá viémos era morto, e assim mais um Diogo da Rosa que viera por bombardeiro da nao, com mais outras quatro pessoas, e tanto que o tempo deo lugar nos tornámos em busca dos mais á ilha; dos quaes não achámos mais que dous quasi mortos, e os padres apostolos tambem mortos: quatro morreram á fóme, porque quando já de lá viemos não haviam mais que cento e sessenta palmeiras, as quaes elles cortáram para lhe comerem os palmitos. A estes dous que digo que achamos quasi mortos, e que se não boliam, lhe démos das moreas que levámos, e tornáram a seo accordo, e os trouxémos comnosco, muito tristes por acharmos todos mortos, principalmente os apostolos, e além disto temerosos, por acharmos a destruição feita nas palmeiras, por amor

dos negros, que vendo este destroço nos matariam.
Estando assim aos cinco de Novembro em amanhecendo vimos duas vélas em outra ilha, e começamos e esconder tudo aquillo que trouxémos da outra para podermos negar que não sahiramos a tal ilha; e passando bem quatro horas que os negros chegáram á outra ilha, uma parte delles veio ter onde nós estavamos, e a outra ficou na outra ilha; e tanto que os vimos vir nos começamos a esconder, para que se nos vissem não fugissem; e querendo chegar á terra sahiram dous homens dos nossos a elles, dizendo-lhes que eramos homens perdidos, e que houvessem misericordia comnosco; e tanto que nos viram com medo começaram a fazer volta esquipados, e parecendo-nos que tornavam em busca dos mais para nos matarem, então pedimos a Deus misericordia, que nos não deixasse morrer em mãos de negros, deitados por terra chorando, e pedindo perdão de nossos peccados: e nisto puzeram-se ao mar afastados de terra, e tanto que isto vimos me despi, e me botei a nado para haver falla delles, e tanto que elles viram que me lançava ao mar, me acenáram que me tornasse á terra, e isto por muitas vezes, e eu assim que isto vi me quizera tornar, e advertindo que ficava a terra muito longe, e que as aguas corriam muito, me fui ao seu batel, e me peguei nelle, e elles me meteram dentro, e disse-lhes por acenos como eramos portuguezes, e nos perderamos, e me perguntavam se tinhamos dinheiro, e disse-lhes que sim, e que fossem á terra, que lá lho dariamos, e elles não queriam ir com medo de sermos ladrões; e tanto que em elles senti haverem medo tomei então uma córda e comecei a amarrar as mãos dizendo que fossem á terra, e se lá fosse feita alguma couza, que se tornassem a mim. Tanto que viram que me amarrava, e que chorava

se lhes moveu a vontade, e houveram dó de mim, e então me disseram por acenos, que me não agastasse, que elles queriam ir á terra, como logo foram, com me deixarem no seu batel arrecadado, que não fugisse; e tanto que sahiram tres negros á terra se arredáram com o seu batel, e comigo dentro, e logo viéram todos os outros, e lhes beijáram as mãos e os pés, e abraçando os a todos com grande choro e pranto por vermos o que tanto desejávamos, porque por sua parte podiamos ser póstos em porto seguro.

E logo lhe démos todo o dinheiro que traziamos, e tres cópos de prata, e duas colheres, e dous maços de coral por lavrar, e uma peça de veludo carmesim, que traziamos para a Misericordia, e lhe démos todo o mais fato que traziamos sobre nós. O dinheiro seriam até sessenta cruzados que traziamos para gastarmos pelas almas dos que morreram na ilha dos baixos. E quando isto viram acharam sermos gente perdida, e então acenaram para o seu batel, e o fizeram vir a terra, e estivémos assás receosos de nos matarem; e tanto que veio a noite nos deitámos junto delles na praia sempre vigiando que nos não matassem; e tanto que veio a manhã se foram todos pôr debaixo das palmeiras com uma bacia de arame nas mãos, e se ajuntáram todos em roda, e lançaram sórtes se tinhamos mais dinheiro, e logo se viéram a nós a perguntar se nos ficára mais dinheiro, e nós lhe dissémos que não, e elles a porfiar comnosco que traziamos mais, com a mão na area, dizendo que o tinhamos enterrado; e nós respondemos que bem nos podiam matar, porém que não traziamos mais que aquelle que lhe deramos: e em nos pedir este dinheiro se detivéram tres dias, os quaes nos pareceram tres annos; de maneira que nos meteram em dous bateis, que o outro veio depois, e nos repartiram, eu

com cinco homens, e meu parceiro Gaspar de Barros com outros cinco: e assim nos partimos sem sabermos onde nos levavam. Com tudo não pediamos a Deos senão que não morressemos á fóme, que antes tomára servir mouros com guardar a fé de Christo, que perecer como vi muita gente, que juro em verdade, que de tripas de peixe me não pude nunca fartar.

Despois que partimos desta ilha em poder dos negros, nos levaram a uma ilha povoada, onde havia um mouro por Rei, o qual tanto que lhe foi dado recado que vinham portuguezes se veio com muita gente a receber-nos, ainda a este tempo Gaspar de Barros não tinha chegado: e nos meteram em uma choupana, que estava ao longo do mar, e o Rei comnosco no chão com a mais gente, e me fez assentar junto delle, e nisto veio um mouro que sabia fallar portuguez, e me perguntou miudamente por nossa perdição por parte d'el-Rei, por não saber a nossa lingoa, nem eu menos entender a sua; e como o lingoa lhe dizia o que eu com elle fallava, se maravilhava muito: e nisto chegou Gaspar de Barros, e o foram receber com um amor, como se todos foramos christãos, e o mostravam pelas obras e gazalhado que delles tivémos. Imaginai aqui o prazer e contentamento que poderiamos ter vendo-nos fóra de tão grandissimas afrontas e trabalhos.

De maneira que nos teve este Rei nesta ilha nove dias, e nos dava em cada um delles, para a nossa gente comer, arrôs, figos, e cocos, e nós ambos iamos comer a sua casa, que os outros não queria que sahissem fóra da choupana. Depois nos deu uma embarcação, e nos mandou á India para uma villa que se chama Cananor; e vindo assim viémos ter a outra ilha onde havia outro Rei; tanto que o soube

nos mandou tomar, a mim, e a meu parceiro, por um fidalgo mouro, e tanto que chegámos nos veio receber um filho do dito Rei com muita gente, e nos leváram a casa d'el-Rei, onde tambem nos fez muita honra, e nos deu de jantar, e estivémos com elle um dia : e quando foi ao embarcar veio muita gente comnosco, e nos mandou uma vaca com meia duzia de gallinhas, e algumas canas de assucar ; e partindo uma noite, puzemos em chegar a Cóchim dez dias, onde fomos recebidos como homens que resurgiam do outro mundo, e vieram homens honrados, e leváram cada um seo para sua casa, e logo nos confessámos, e pedimos ao Senhor nos acabasse em seo santo serviço. Chegámos á India em Janeiro de 1557 annos.

RELAÇÃO

DA

VIAGEM E SUCCESSO

QUE TIVERAM AS NAOS

AGUIA E GARÇA

Vindo da India para este reino no anno de 1559

COM UMA DESCRIPÇÃO

DA

CIDADE DE COLUMBO

PELO

PADRE MANOEL BARRADAS

Da Companhia de Jesus

Enviada a outro padre da mesma Companhia morador em Lisboa

Successo que tiveram as naos Aguia e Garça vindo da India para este reino, no anno de 1559.

TOMANDO o Viso-Rei D. Constantino de Bragança posse do governo da India, ficou o governador Francisco Barreto em Goa, para d'alli se partir para o reino; e porque a nao Garça, em que viera o Viso-Rei D. Constantino no anno de 1558 era de mil toneladas, a maior que até então se vira no caminho da India, e não havia em Goa carga bastante para ella, pedio Francisco Barreto ao Viso-Rei que désse aquella a João Rodrigues de Carvalho para ir tomar a carga a Cóchim, e lhe désse a elle a de João Rodrigues, que era mais pequena, e já velha, por causa das muitas vezes que invernára naquella viagem, antes de chegar á India. O que o Viso-Rei fez com facilidade, por ser assim mais proveito da nao, e dar gosto a Francisco Barreto, que o tinha de partir de Goa. Concertada a nao Aguia (que tambem

se chamava a Patifa) começáram de a carregar e meter nella os mantimentos necessarios para a viagem. Sendo vinte de Janeiro do anno de 1559 se fez Francisco Barreto á véla da barra de Goa, com quem foram embarcados muitos fidalgos e cavalleiros, a requerer satisfação dos serviços que tinham feito a El-Rei; aos quaes Francisco Barreto foi sempre dando meza.

Foi esta nao fazendo sua viagem com ventos prosperos e bonançosos, e as outras partiram de Cóchim no mesmo tempo, em que vinha D. Luiz Fernandes de Vasconcellos na nao Gallega, com as mais naos da mesma conserva, que partiram quasi no fim de Janeiro. Todas estas naos, assim a de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, como a em que ia Francisco Barreto, e as mais que partiram de Cóchim, foram seguindo sua derróta com tempos levantes, até dobrarem a ilha de S. Lourenço e irem demandar a Terra do Natal. E chegando á primeira ponta della, que está em 31 gráos da banda do Sul, duzentas e trinta legoas do Cabo de Boa Esperança, pouco mais ou menos, lhes deo uma tormenta geral, e mui rija, que as abrangeo a todas, e as tratou de maneira que foi a total causa de as mais dellas se perderem, umas mais de pressa, outras mais de vagar, confórme ao menor ou maior impeto com que as alcançou, sem estarem á vista umas das outras. Ficáram desta tempestade os ventos tão rijos e contrarios, e os máres tão grossos, empollados, e cruzados, que as fez andar ás voltas com grande trabalho e perigo: e o que as tratou peior foram os muitos dias de pairo que tiveram, que as deixou abertas e desgovernadas, com curvas quebradas, cavilhas torcidas, e entremichas arrebentadas; como aconteceo á nao de Francisco Barreto, de que logo trataremos.

Gastaram estas naos em demanda do Cabo de Boa Esperança todo o mez de Março. As naos Tigre, Castello, e Rainha, que eram da conserva de D. Constantino, parece que se souberam seos pilotos melhor governar, ou foram tão bem afortunados que lhes deo Deos tempo com que dobraram o Cabo de Boa Esperança, e vieram a Portugal; mas as outras, que eram do anno atrás da armada de D. Luis Fernandes de Vasconcellos, que todas invernaram, todas se vieram a perder em differentes paragens. A nao Framenga, de que era capitão Antonio Mendes de Castro, ainda que passou o Cabo de Boa Esperança, ficou tão destroçada, que se foi perder em S. Thomé.

A nao Garça, que era da armada do Viso-Rei D. Constantino de Bragança, de que era capitão João Rodrigues de Carvalho, teve muitos dias de pairo, em que se lhe passou o tempo de dobrar o Cabo, e por fazer muita agoa e lhes faltar a que haviam de beber os que iam nella, foi forçado a arribar a Moçambique como fez.

A Patifa, em que ia o governador Francisco Barreto, teve muitos ventos contrarios, com que esteve arvore secca desoito dias, entre umas ondas de mares cruzados, que pareciam altissimos montes, de cujos cumes a nao se via cair muitas vezes em uns valles que parecia não poder mais apparecer; e com os grandes balanços que dava de uma parte a outra, lhe arrebentaram as 36 curvas pelas gargantas e torceram mais de 40 cavilhas tão grossas como o côllo de um braço, que prendia as curvas á nao: e quebraram 18 entremichas que cirgiam as curvas, que junto tudo isto á velhice e podridão da nao a fez abrir por tantas partes, que se fora muito facilmente ao fundo se faltara o valor e diligencia com que Francisco Barreto fazia acodir ás bombas, e lançar fóra a agoa que

entrava nella por muitas partes que estavam abertas.

A estes trabalhos acodiram com muita vigilancia e diligencia os fidalgos que nella vinham, sendo Francisco Barreto o primeiro, com cuja presença e exemplo andavam todos tão animados, que parecia que não estimavam um trabalho que só portuguezes puderam aturar para remedio do mal que soffriam, sem largarem os aldrópes das bombas das mãos de dia, nem de noite: e foi necessario acrescentar-se outro, de baldearem a pimenta de uns paioes em outros para se tomar a agoa que a nao fazia por elles, porque se receava outro, que fora a total perdição da nao, que era ir a pimenta ás bombas e ficarem com isto entupidas, de maneira que não pudessem laborar nem tirar fruto deste tão excessivo trabalho, e tudo fosse em vão, por se não poder lançar a agoa fóra, que crescia de maneira, que com darem continuamente a ellas, a não podiam acabar de vedar e secar: antes era tanta a agoa que entrava pelas abertas da nao, que um muito pequeno espaço que deixavam de dar á bomba achavam nella mais de tres e quatro palmos de agoa de ventagem da costumada.

Neste trabalho passou a nao quatro dias continuos sem se largarem os aldrópes das mãos de dia nem de noite. E porque lhe ficava fazendo maior o fumo do fogão, que os cegava, por ainda naquelle tempo vir debaixo do convés, houveram os fidalgos e criados d'El-Rei, que davam á bomba, por menos mal não comerem couza que houvesse de ser feita ao fogo, que fazer-se de comer com tão grande contrapezo, como era o do fumo. Para o que pediram a Francisco Barreto mandasse prover aquillo d'outro modo, porque se não atreviam a dar á bomba, por o fogão estar aceso: o que elle fez com mandar cerrar duas pipas pelo meio, de que se fizeram quatro celhas, que se pu-

zeram no convés da nao cheias de vinho, agoa e biscouto, e algumas conservas, de que se sustentaram tres dias, em que se não comeo couza que se houvesse de fazer com fogo. Achadas as agoas que a nao fazia, que foram 54, trataram os officiaes della, as aber calafates e carpinteiros, de as tomarem por dentro da nao, que por fóra não era possivel; e assim as foram tomando, com se cortarem algumas curvas, liames, e entremichas; que ainda que desta maneira ficou a nao fazendo menos agoa, ficava todavia mais fraca por causa dos liames que lhe cortaram, e assim qualquer balanço que dava a fazia jogar toda tão desengonçada que cuidaram os que iam nella ser cada hora a derradeira em que se havia de abrir, e elles acabarem todos miseravelmente. Pelo que foi necessario darem-lhe um cabo de proa, e outro de popa, virados e apertados com o cabrestante, para que não abrisse de todo, e se dividisse em muitas partes. E como a nao com todas estas ajudas e remedios não deixava de fazer tanta agoa, que não faziam outra cousa todos os fidalgos e cavalleiros que iam nella, senão dar continuamente a ambas as bombas, sem a poderem vencer e esgotar; mandou Francisco Barreto, por conselho dos officiaes della juramentados, alijar ao mar muitas fazendas de mercadores, como eram bejoim, do que se lançaram ao mar muitos quintaes, e muitos fardos de anil, e algumas caixas de sedas, e muitas couzas da China muito ricas e curiosas.

Aconteceu neste mesmo tempo, em que se lançaram ao mar estas fazendas, irem dar os trabalhadores com uns fardos de anil de um alvitre de que El-Rei D. João fazia cada anno esmola e mercê para as obras da egreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa; e perguntando a Francisco Barreto, se havia tambem aquelle anil de ser lançado ao mar, como foram as mais fazen-

das a que o tinham feito? Respondeu que não: que quando não houvesse outro remedio para se salvar, senão lançar-se a sua propria delle, que se lançasse, porque ás costas havia de salvar a fazenda de Nossa Senhora, em cujo favor confiava estar o remedio e salvação daquella nao.

Indo o trabalho da agoa, que a nao fazia, por diante, e não bastando dar-se a ambas as bombas para deixar de ser maior quantidade da que entrava, que a da que deitavam fóra com as bombas, e receando-se o piloto, que quando menos cuidassem lhe fosse a nao ao fundo, por quão rota e aberta ia, ordenou com consentimento de Francisco Barreto encaminhar a nao a demandar a primeira terra que pudessem aferrar, que era pouco mais ou menos a do Natal (onde se perdera Manuel de Souza Sepulveda, no galeão S. João a 14 de Junho do anno de 1552 em 30 gráos da banda do sul:) havendo por melhor sorte acabarem em terra as vidas, que comerem-nos os peixes do mar.

E indo assim com a proa em terra, de que estariam 50 legoas pouco mais ou menos, chamou Francisco Barreto a conselho o piloto, e todos os mais officiaes da nao, e dando-lhes juramento sobre um missal e um crucifixo, em que todos puzeram a mão, lhes mandou que cada um delles dissesse pelo juramento que tomara o que entendiam do estado em que a nao estava, e o que lhes parecia bem que se fizesse. Ao que o piloto, como pessoa principal, respondeu primeiro dizendo: Que elle havia cincoenta annos que andava no mar, e tinha passado aquella carreira muitas vezes, onde se vira em grandes perigos, mas que nunca se vira em algum tamanho, como aquelle, em que então se via, pelo estado em que a nao estava de podre, e a muita agoa que por estar aberta fazia. E que se Nosso Senhor por sua misericordia os levasse a haver vista de

terra, que haviam demandar, era a maior mercê que podiam desejar homens que andassem no mar, e se vissem em tamanhos perigos, como eram os em que elles se viam. Do mesmo vóto foi o mestre, e todos os mais officiaes, sem discreparem uns dos outros.

Vendo Francisco Barreto o estado em que estavam, fez a todos os da nao uma breve falla, nascida de um animo, a quem nem trabalhos cançavam, nem perigos atemorizavam, para perder um muito pequeno ponto delle, dizendo-lhes: Senhores fidalgos e cavalleiros, amigos e companheiros, não deveis de vos entristecer e melancolizar com irmos demandar a terra onde levamos posta a proa, porque póde ser que nos leve Deos a terra onde possamos conquistar outro novo mundo, e descubrir outra India maior, que a que está descuberta: pois levo aqui fidalgos e cavalleiros por companheiros, com quem me atrevo acometter todas as conquistas e emprezas do mundo, por arduas e difficultosas que sejam: porque o que a experiencia de muitos que aqui vão nesta companhia me tem mostrado, me assegura e dá confiança, para não haver cousa no mundo que póssa temer nem recear.

Estas palavras disse Francisco Barreto com o rosto tão alegre e desassombrado, como se estivesse recreando-se nas hortas do Valle de Enxobregas, e não posto a varar na terra da mais barbara gente que o mundo tem. E todavia accrescentou com ellas a todos os daquella companhia novas forças, e deu-lhes novos espiritos para poderem continuar a levar ávante o pezo do trabalho com que iam, que era assás grande.

Indo assim determinados a varar na Terra do Natal; como as mercês que Deos costuma fazer aos necessitados de remedio são mostrar-lhes, que na maior força da desesperação delle, ahi lho concede, assim uzou com estes trabalhadores e affligidos navegantes,

fazendo-lhes mercê de lhes abrandar os ventos e abonançar os mares (que até então eram muito grossos e empollados) que foi causa de a nao ficar com menos trabalho, dando menos balanços, e de fazer menos agoa.

Vendo o piloto e mais officiaes da nao ser menor o perigo, foram de parecer que mudassem o rumo, e fizessem seo caminho para Moçambique, onde esperavam em Deos os havia de levar a salvamento, e assim foi; que com os tempos galérnos e brandos que d'alli por diante sempre tiveram, foi a nao fazendo sua viagem. Mas os fidalgos e passageiros foram sempre com os aldrópes das bombas nas mãos, sem os tirarem dellas um só momento; porque por breve que fosse o intervallo que houvesse de se deixar de dar a ambas as bombas, logo a agoa crescia muitos palmos, e os vencia; e porque não fossem vencidos della, iam dando a ambas as bombas continuamente.

E querendo Francisco Barreto alliviar este tão grande e continuo trabalho aos fidalgos, chamou um capitão dos cafres, que vinha na nao, que os fazia trabalhar e era seo presidente, e lhe prometeo cem cruzados, se elles com seos companheiros esgotassem as bombas. O que elles aceitaram; e pondo os peitos ao trabalho, e o olho no que se lhe tinha promettido, em um dia que trabalharam esgotaram as bombas. Foi tamanho o contentamento de todos, que se deo boa viagem pela nao, como se passaram pelo Cabo da Boa Esperança ou entraram pela barra de Lisboa. E assim foram até Moçambique, onde chegaram na entrada de Abril do anno de 1559. E acharam a nao Garça de João Rodrigues de Carvalho, que chegára o dia de antes destroçada para invernar alli.

Tanto que Francisco Barreto chegou a Moçambique, tratou do concerto da sua nao, e da de João Ro-

drigues de Carvalho, o que fez com muito cuidado e diligencia, e com muito grande despeza de sua fazenda (couza que já nem os capitães nem os governadores e Viso-Reis querem fazer nos tempos presentes.) O cuidado do concerto das naos não foi causa de o deixar de ter mui particular dos fidalgos que iam em sua companhia, e dos mais passageiros, e gente do mar de ambas as naos; porque todo o tempo que esteve em Moçambique, (que foram mais de sete mezes e meio) proveo e acodio a todos mui liberalmente com o dinheiro necessario, confórme a qualidade e gastos de cada um, por lho pedir assim sua condição, e ser um dos mais liberaes fidalgos daquelle tempo; e por ver que se o não fizesse assim, haviam todos aquelles homens de passar muitos trabalhos e necessidades, por estarem em parte onde não tinham quem lhas remediasse, nem de quem se pudessem valer, senão desbaratando a pobreza que traziam que fora para elles outro segundo naufragio, pela qual tantas vezes os navegantes arriscam as vidas. E com esta liberalidade e largueza, de que uzou com esta gente fez dous bens: remedia-la a ella, e a si proprio; porque de tal maneira lhes grangeou as vontades com os remediar, que sempre os achou comsigo nos maiores trabalhos em que se vio, que foram muitos e mui grandes, com cuja ajuda o livrou Nosso Senhor de todos os perigos que teve em toda esta viagem. E assim gastou nella, no concerto das naos, e nas invernadas mais de dezoito mil cruzados, como disseram pessoas muito verdadeiras, e dignas de muita fé, que se acharam presentes em todas estas couzas, e nos deram todas estas informações. De maneira que querendo Francisco Barreto concertar as naos em que havia de vir para o reino, começou a dar ordem, e dinheiro para isso com a ajuda de Bastião de Sá (qne então era capitão de Sofála, e

estava em Moçambique) que mandou logo muitos officiaes carpinteiros e marinheiros á terra firme a cortar a madeira necessaria para o concerto dellas: donde a trouxeram muito boa, e no Rio lhes deram pendor muito grande, e foram mui bem concertadas quanto podia ser, sem virem a monte, o que tambem se lhes fizera, se o lugar fora capaz disso.

Despois das naos estarem muito bem concertadas e aparelhadas, foram fazendo sua agoada, e metendo os mantimentos necessarios para a jornada que haviam de fazer, e chegando-se o tempo de partir se fizeram ambas á véla com a monção dos levantes, uma segunda feira aos 17 de novembro de 1559, ficando os capitães ambos concertados de irem sempre um á vista do outro, e nunca se apartarem, para se ajudarem em qualquer trabalho e perigo que lhes acontecesse.

Ao terceiro dia despois de partidos da barra, donde poderiam estar obra de 50 legoas pouco mais ou menos, começou a nao de Francisco Barreto a fazer muita agoa, e por causa della deram aquelle dia cinco vezes a ambas as bombas, e de noite outras tantas, e ao outro dia fazia já a nao tanta, que a não podiam esgotar, com darem continuamente a ellas. Pelo que mandou Francisco Barreto pôr fogo a um falcão, e fazer sinal á outra nao para que arribasse sobre elle: e chegados á falla mandou dizer por um marinheiro ao capitão da outra nao que elle ia com muito trabalho por razão da sua nao fazer muita agoa, que lhe pedia muito por mercê o não desamparasse, porque ia arribando na volta das ilhas do Bazaruto que estão junto á Costa de Sofála, e com ventos escaços iam forçando a nao, por não poder tornar a tomar Moçambique, por ser já entrada a monção dos levantes com que de lá partiram.

Indo assim a nao nesta volta fez-lhe Deos mercê de

vencerem a agoa da bomba, com o que pareceu bem a todos tornarem a voltar, e fazerem sua viagem para o Cabo da Boa Esperança. Continuaram com este trabalho dous ou tres dias, em que chegaram tanto ávante como o Cabo das Correntes, defronte da derradeira ponta da ilha de S. Lourenço, que está em 25 gráos da banda do Sul, quazi duzentas legoas de Moçambique: Foi a nao fazendo tanta agoa, que havia já nella tres ou quatro palmos della sem se poder vencer. Pelo que forçado Francisco Barreto da necessidade presente, e receoso do perigo futuro, mandou pôr fogo a um falcão, e fazer sinal á outra nao de João Rodrigues de Carvalho, para que arribasse sobre elle, que ia já outra vez na volta das Ilhas de Bazaruto: o que ouvido pelo capitão della mandou ao piloto e mestre que seguissem aquella bandeira d'El-Rei nosso Senhor, pois aquella nao era sua e ia em tão grande trabalho e perigo tão evidente; pois não havia mais que oito dias que eram partidos, e já arribára duas vezes.

A este mandado do capitão João Rodrigues de Carvalho não quizeram o piloto nem o mestre e mais officiaes obedecer: antes lhe fizeram grandes protestos e requerimentos, que fizesse sua viagem para Portugal, porque aquelloutra nao se ia a perder, e que já não tinha remedio: e que não era razão que tambem elles se perdessem com ella: que menor mal era perder-se uma nao que ambas. E como o capitão era só, e os outros muitos, venceo a força á razão; e seguindo elles a sua, sem darem pelo que lhes o capitão mandava, se foram caminho do reino, deixando a outra nao em que ia Francisco Barreto, com tenção de se não tornarem mais a ver.

Ao outro dia seguinte tornaram os da nao de Francisco Barreto a vencer a agoa; e com esta melhoria que sentiram na nao voltaram e tornaram a cometter

a jornada do Cabo da Boa Esperança, tendo-a posta só em Deos com confiança que lhes faria mercê de continuar com aquella que lhe começara a fazer. E sabendo que naquella monção são os ventos brandos no Cabo, e os tempos menos tempestuosos, iriam (ainda que com trabalho) dando sempre á bomba até os Deos levar á Ilha de Santa Elena, onde esperariam as naos da viagem, e ahi tomariam uma ou duas, em que se metessem com a fazenda que pudessem salvar nellas, e a artelharia da nao, e ella fazer alli a ossada. Indo esta nao de Francisco Barreto com estes intentos, seguindo o rumo da nao Garça que a tinha deixado com tanta deshumanidade, sem culpa do capitão: como a nao Patifa era muito veleira foi alcançando a outra, que com tambem o ser muito, ordenou Deos que a alcançasse a nao de Francisco Barreto, pois havia de ser o meio e o instrumento de salvação dos que iam na Garça, que se havia de perder.

Tanto que a nao Garça teve vista da outra nao, amainou os traquetes, e foi esperando por ella até chegarem á falla, que seria alli ás tres horas depois do meio dia. E chegando á nao, mandou Francisco Barreto fazer um requerimento ao capitão e aos officiaes, em que lhes requeria da parte d'El-Rei nosso Senhor, que seguissem aquella nao, e a não desamparassem, sob pena de os haver por traidores, e alevantados contra El Rei, e lhes encampava toda a fazenda que ia nella para El-Rei haver a sua pela delle capitão, e de todos os mais officiaes, de que logo mandou fazer um auto. A isto responderam os da nao Garça que elles seguiriam a nao, e não fariam outra couza.

Indo assim as naos ambas á vista uma da outra, logo ao outro dia depois de feito o protesto, quasi a horas de vesperas, atirou a nao Garça um tiro, fazendo sinal que lhe acodissem: o que Francisco Barreto

logo fez, mandando lançar uma manchúa ao mar; e por elle não estar para poder acodir em pessoa (por estar sangrado daquella manhã) mandou Jeronymo Barreto Rólim em seo logar, a quem deo poderes para que se houvesse algumas controversias ou dissenções entre o piloto ou mestre com o capitão, elle com sua prudencia os compuzesse: e sendo outra couza, a remediasse confórme o negocio o pedisse e requeresse.

Chegado Jeronymo Barreto á nao, vio a todos mui atribulados e trabalhados, e assás desgostosos, revolvendo os paioes da pimenta em busca de uma agoa que a nao fazia, de que estavam todos mui inquietos, por temerem que fosse má de tomar, e que lhes désse ao diante muito trabalho, como deo; pois ella foi a total causa de se a nao perder. Com esta nova se tornou Jeronymo Barreto para a nao de Francisco Barreto, a quem deo conta do que passava na Garça, que toda a noite passou com grande vigia, sem nunca deixarem de dar a ambas as bombas. Tanto que foi manhã lançou a nao Garça uma manchúa ao mar com quatro marinheiros, e o escrivão da nao, que se chamava João Rodrigues Paes, e veio á nao de Francisco Barreto com um escrito do capitão para elle, que dizia assim: *Senhor, cumpre muito ao serviço de Deos e d'El-Rei Nosso Senhor chegar V. Senhoria cá, e pela brevidade deste veja o que cá vai. Bejo as mãos a V. Senhoria.*

Visto o escripto por Francisco Barreto meteo se logo na sua manchúa com alguns fidalgos da sua nao e foi á outra, que já estava muito trabalhada, por causa da muita agoa que fazia, andando os officiaes e marinheiros baldeando a pimenta dos paioes de uma parte para a outra em busca da agoa, no que se gastou todo aquelle dia, e Francisco Barreto se tornou para a sua nao com os fidalgos que com elle foram todos muito

tristes por verem o miseravel estado em que a outra ficava. E entrando Francisco Barreto na sua disse a todos os fidalgos e cavalleiros que nella estavam: Senhores, aquella nao está em muito trabalho, e corre muito perigo de se perder, encomendamo-la a Nosso Senhor, que por sua misericordia a queira salvar. E assim passaram todos aquella noite sem dormirem, pelo estado e perigo em que ambas as naos estavam: pela muita agoa que tambem a de Francisco Barreto fazia, que não bastava para lha diminuir lançarem della ao mar muita fazenda de partes, pimenta d'El-Rei, e dous mil quintaes de pao preto, com que vinha assás carregada de Moçambique (que é a total destruição das naos que alli invernam, o que se houvera de atalhar com grandes defezas.) Ao outro dia pela manhã fizeram sinal na nao Garça com um tiro, que lhe acodissem, o que Francisco Barreto não esperou, porque quando atiraram, já elle ia bem afastado da sua nao, acodir á outra com alguns soldados, que pudessem ajudar aos da nao, que já os de lá estavam sem esperança de salvação, por fazer muita agoa por parte que se lhe não podia tomar nem vedar; porque era pelo delgado da popa, a que chamam picas, lugar irremediavel.

Vendo Francisco Barreto com o capitão da nao, e todos os mais officiaes o estado em que ella estava, e que nenhum remedio tinha senão deixa-la, assentaram que se recolhessem á outra as mulheres, meninos e toda a mais gente que não fosse para poder trabalhar, primeiro que tudo; e apoz isso os mantimentos que na nao havia para remedio dos perdidos; porque os que vinham na nao de Francisco Barreto não podiam abastar para tanta gente. Para isso lançaram logo o batel grande fóra, para com as duas manchûas, que já andavam no mar, se despejasse a nao mais depressa,

assim da gente como dos mantimentos, que logo começaram de levar, a saber, biscouto, arrôs, carnes, e alguns barris de vinho, o que se fez em tres dias, que sempre Francisco Barreto esteve na nao Garça, por atalhar a confusão que sempre ha em casos semelhantes, e dar ordem a se trabalhar nella porque se não fosse ao fundo, até que se tirasse della o que fosse necessario para a viagem que haviam de fazer. E em quanto se despejava, esteve sempre Francisco Barreto no convés della, com uma espada nua na mão, sem consentir passageiro algum levar para a outra mais que o que cada um pudesse meter na manga ou na algibeira, pela não carregar, que tambem se estava indo ao fundo com a muita agoa que fazia. E para isto se poder fazer com a facilidade com que se fez, uzou Deos com esta gente de uma grande misericordia, que foi em todo este tempo estar o mar tão brando, como se fosse um rio de agoa doce, sem ondas; que a não ser assim ou todos se perderiam, ou os que se salvaram o fizeram com muita difficuldade.

Assim que despejada a nao dos mantimentos necessarios, mandou Francisco Barreto recolher toda a gente, ficando elle ainda na Garça para se ir na derradeira batelada, em que foi a gente do mar que seriam oitenta homens, por estar quasi cheia de agoa até á cuberta do cabrestante. E sendo já apartados della um tiro de pedra viram do batel vir um bogio, que todo aquelle tempo em que se a nao despejou esteve na gavea sem vir abaixo, senão quando se vio só, então se desceo pela enxarcia, e se foi a bordo, como que pedia aos que iam no batel que o tomassem: o que vendo Francisco Barreto, não pode acabar comsigo apartar-se da nao sem salvar tudo o que tivesse vida, e logo disse aos que iam remando o batel, duas vezes, que tornassem á nao e tomassem aquelle bogio:

porque se diga em Portugal, e onde quer que se fallar neste naufragio, que não ficou cousa viva nella, que não salvassem. Ao que todos responderam que lhe requeriam da parte d'El-Rei Nosso Senhor, que não quizesse chegar á nao, porque estava já quasi metida no fundo, e que quando se sobmergisse, com o redemoinho que fizesse levaria o batel comsigo. O que pareceo bem a todos: e assim se afastaram da nao, ficando só o bogio nella. Quando se apartaram de todo della para a deixarem, poderia ser ás tres horas depois do meio dia pouco mais ou menos; e ainda á boca da noite se via sem se ter ido ao fundo. Recolhido Francisco Barreto com estes homens do mar, e o capitão da Garça João Rodrigues de Carvalho, com muita tristeza e lagrimas de verem perder assim uma nao sem tormenta, sendo a maior e mais rica que até aquelle tempo houvera na carreira da India: e tanto foi o seo pezar e tristeza, pela perda da fazenda daquella gente, que foi necessario consolarem-no, como se a perda toda fora só delle. Despois de recolhida a gente della, fez Francisco Barreto um escripto, em que dizia estas palavras:

«A nao Garça se perdeo, tanto ávante como o Cabo das Correntes, em altura de 25 gráos da banda do Sul, e foi-se ao fundo por fazer muita agoa. Eu com os fidalgos e mais gente que levava na minha nao, lhe salvei a sua toda: e imos fazendo nossa viagem para Portugal, com o mesmo trabalho. Pedimos pelo amor de Deos a todos os fieis christãos que disto tiverem noticia, indo ter este batel aonde houver portuguezes, que nos encomendem a Nosso Senhor em suas orações, nos dê boa viagem, e nos leve a salvamento a Portugal.»

Este escripto se meteo em um canudo, e o taparam e brearam muito bem, e fizeram uma cruzeta alta no

batel, aonde o ataram, porque lhe não chegasse a agoa, e deixaram o batel que o levassem as agoas onde quizessem. Foi Deos servido que fosse ter dentro a Sofála, onde estava Bastião de Sá por capitão, como despois se soube, quando Francisco Barreto tornou a invernar a segunda vez a Moçambique.

Despois disto feito, e recolhida a gente da nao Garça, quiz Francisco Barreto fazer alardo da que tinha na sua para a accomodar, e lhes ordenar como fosse melhor agazalhada: e achou entre fidalgos, soldados, gente do mar, escravos, mulheres, e meninos 1137 almas; e com toda esta gente cometteo o caminho do Cabo da Boa Esperança, por ventarem os levantes, que só servem para ir a Portugal.

Indo a nao fazendo muita agoa, e navegando (como digo) para o Cabo de Boa Esperança, com tempo brando e ventos galérnos, lhe deo subitamente pela proa um ponente tão rijo e furioso, que lhe rompeo a véla grande por muitas partes: pelo que foi necessario dar com a verga em baixo para a cozerem e remendarem, e ficar a nao arvore seca ao pairo, de que os pilotos e mais officiaes de ambas as naos se espantaram muito, por verem que em monção de Levantes ventaram Ponentes, o que lhes pareceo não duraria mais que aquelle só dia; mas enganaram-se, porque ventaram outros dous mais. Visto isto pelos pilotos e mais officiaes das duas naos, se foram a Francisco Barreto, e lhe fizeram uma falla em que lhes disseram: — Que elles havia muitos annos que cursavam aquella carreira (principalmente Aires Fernandes, que era o piloto da nao Garça, que D. Constantino trouxe comsigo, com lhe fazerem muitas honras e vantagens, por ser já muito velho, e estar aposentado; e tinha passado o Cabo de Boa Esperança trinta e quatro vezes) e que se não lembravam em tempo de Levantes, ventarem tres dias

continuos Ponentes, que aquillo parecia mais disposição Divina, que effeito natural. Que parece que queria Nosso Senhor mostrar-lhes que não era servido de se perder aquella nao, e tantas almas quantas levava; e que cometterem aquella viagem da maneira que a nao ia, era temeridade, e que parecia mais tentar a Deos, que esperar nelle. Pelo que requeriam a sua senhoria da parte de Nosso Senhor, que quizesse arribar a Moçambique, e dahi lhe daria por sua misericordia remedio para se salvarem, ou faria o de que elle fosse mais servido. O que visto por Francisco Barreto, e ouvidos os pareceres de todos, se foi com elles; e mandou fazer um auto disto que se assentou, assignado por todos os officiaes de ambas as naos. E assim fez volta e foi Nosso Senhor servido de os levar a Moçambique, mas sempre com as mãos nas bombas, e com muito trabalho, que não fora possivel poder-se aturar, se não fora tanta a gente por quem se repartia.

Indo a nao já perto de Moçambique, lhe aconteceo outro desastre, não menos perigoso que o da agoa que fazia; e foi, que estando cincoenta legoas de Moçambique pouco mais ou menos, e dez ou doze de terra, costeando-a com vento de todas as vélas: indo um filho do piloto pescando, do chapiteo da popa, deo um grande grito repetindo duas vezes: Pai, braça e meia, braça e meia. A este tempo estava Francisco Barreto na sua varanda, donde ouvio o que dissera o filho do piloto, sahio muito depressa para a tolda, e achou uma revolta e traquinada, que havia em toda a nao, sem ninguem se saber dar a conselho, nem sabiam o que fizessem, por não saberem a causa de tão grande confusão e murmurinho como havia. Nesta conjuncção deo a nao uma pancada, com que tremeo toda, e com ella ficou a gente em tão grande silencio, como se não

estivesse nella pessoa viva. Vendo o piloto isto sobio muito depressa á gavea para de lá mandar a via, e por ver se via diante da nao algum baixo, de que se desviasse (o que não podia fazer da cadeira, por razão das vélas, que todas iam dadas) e assim mandou ir a nao á orça por se afastar da terra, que logo foi perdendo de vista. A causa da pancada que a nao deo foi, que naquella costa de Moçambique, dez, quinze, vinte legoas ao mar, ha uns penedos, que o mar cobre com braça e meia, duas, e tres de agoa, que se não vem, que se chamam Alfaques: parece que perpassando a nao por junto de algum destes, tocou com alguma das ilhargas, e foi causa daquelle abalo que fez; que se acertara de dar com a proa ou com a quilha, alli fizera a ossada, e a gente toda se afogára sem remedio algum. Perdida a terra de vista, foram demandar a de Moçambique, onde entraram aos 17 de Dezembro de 1559, pondo nesta viagem um mez desde o dia que partiram daquelle porto, até que tornaram a entrar nelle.

Tanto que Francisco Barreto chegou a Moçambique da segunda arribada, determinou logo de se ir caminho da India, a invernar em Goa, por estar muito despezo, e ter gastado muito de sua fazenda, e não ter dinheiro para comprir com as obrigações de quem era, e com o que lhe pedia a nobreza de sua condição, que era muito larga e liberal, o que em Goa poderia fazer com mais facilidade, e a menos custo de sua fazenda. E como não havia naquella fortaleza mais embarcações em que se pudesse ir, que uma fusta velha d'El-Rei, e desconcertada, e fosse avizado que na costa de Melinde tinha um homem chatim uma fusta boa, a mandou logo com muita pressa comprar. Chegada a fusta, a mandou logo varar, cifrar e concertar, mandando fazer o mesmo á velha que alli estava d'El-Rei.

e tristeza, que foi bastante para se lhe cerrarem os espiritos vitaes, e morrer.

Acabada de fazer a agoada das fustas se embarcou Francisco Barreto na sua, e Jeronymo Barreto na outra, e na entrada de Março de 1560 se partiram de Moçambique caminho da cósta de Melinde na monção pequena. Chamam-lhe pequena em razão das muitas calmarias que alli ha. Os fidalgos que Francisco Barreto levava na sua fusta eram Manoel Danhaya Coutinho, Pedr'Alvares de Mancelos, Francisco Alvares Provedor Mór dos defuntos, Francisco de Gouvea, e um Foão de Araujo, afóra outros muitos homens que eram da obrigação de Francisco Barreto; porque os mais fidalgos ficaram em Moçambique para se virem na monção grande, que é em Agosto, na nao Patifa.

Foi Francisco Barreto tomando os portos que havia pela costa de Melinde, onde se refazia de agoa e mantimentos. O primeiro que tomou foi Quiloa, que está em seis gráos da banda do Sul, 150 legoas de Moçambique. Nesta cidade esteve quatro dias surto, com quem o Rei della nunca se quiz ver. Teve Francisco Barreto noticia de uns dous monstros que alli havia, filhos de um bogio, e de uma negra, que se dizia ser mulher de um Xeque. Trabalhou Francisco Barreto todo o possivel pelos haver, e levar a El-Rei D. Sebastião; mas como eram de El-Rei de Quiloa, não os quiz resgatar. Determinou então Francisco Barreto de os mandar furtar; mas como isto não esteve tanto em segredo que se não aventasse, sabendo o o Rei mandou que os puzessem em cobro até que Francisco Bareto se fosse.

Partido daqui desta cidade foi tomar a de Mombaça, onde esteve oito dias, espalmando e concertando as fustas. Aqui foi (quando logo chegou) visitado do Rei com um grande prezente de refresco, de vacas,

carneiros, gallinhas, mel, manteiga, tamaras, limões, cidras, e laranjas, de que a ilha (que será de sete legoas em roda) é mui abastada e fertil. Respondeo-lhe Francisco Barreto com outro de muitos brincos, e peças ricas e curiosas, que já levava para isso, em que mostrava quão liberal e grandioso era; porque, como já dissémos, era o mais liberal fidalgo que havia naquelle tempo. Tanto, que bem se verificava nelle aquelle dito de D. Antão de Noronha Viso-Rei que foi da India, que dizia: *Que não se podia sustentar a India com prosperidade, senão havendo nella capitães doudos, que sahissem ricos de suas fortalezas, e tornassem a gastar com soldados tudo o que dellas tirassem.* O que aconteceo a Francisco Barreto, que tirando da fortaleza de Baçaim (de que foi capitão) oitenta mil pardáos, assim os gastou em serviço d'El-Rei com soldados, que quando entrou na governança da India já devia vinte e oito mil pardáos. Daqui podemos muito bem inferir, e do estado em que a India agora está, quantos sizudos tem.

E tornando a continuar com a viagem de Francisco Barreto; depois que partio de Mombaça foi tomando todos os mais portos e ilhas que havia pela costa de Melinde, onde se vio com El Rei, que por ser muito amigo do de Portugal, e dos portuguezes, o foi visitar á terra, e lhe mandou um muito rico prezente. Partido daqui foi ter á ilha de Pate, onde achou um navio de uma gavea, que era de um chatim, e estava carregado para se partir para Chaul. E como Francisco Barreto ia na fusta muito apertado, por razão da muita gente que levava, fretou o navio a cujo era, e se passou a elle com a maior parte da gente que levava na sua fusta; e d'alli (que está esta cidade em tres gráos da banda do Norte, e seiscentas legoas da barra de Goa) se fez á véia, e pôs na viagem 40 dias, sendo

ella de 25, onde passou muito trabalho de sedes neste golfo, por razão das muitas e grandes calmarias que teve; que se tardaram dous dias mais, sem tomarem a costa da India, todos houveram de perecer de sede, por não levarem já um almude de agoa, e haver muitos dias que se não comia arrôs, por não haver agoa com que o cozer, nem biscouto, e só comiam tamaras e cocos, e algumas poucas vezes carne assada de uns poucos de carneiros que vinham no batel do navio.

Indo assim neste trabalho houveram uma manhã vista de terra da costa da India, e naquella tarde sahio de um rio daquella costa o catur de Roque Pinheiro, que vinha do Estreito de Méca, onde o Viso-Rei D. Constantino o mandára, em companhia de Christovão Pereira Homem, a lançar em Maçua o irmão Fulgencio Freire da Companhia de Jesus, com recado ao Bispo que estava na Abassia.

Vendo Roque Pinheiro aquelle navio, se foi a elle, e sabendo que ia nelle Francisco Barreto, entrou nelle, e lançou-se aos seos pés com muitas lagrimas pelo ver naquellas partes em outro estado, havia pouco, bem differente daquelle em que o então via. Depois de lhe dar conta de como o cossario Cafar tomara o navio de Christovão Pereira Homem, proveo o navio de Francisco Barreto de agoa, dando-lhe toda a que trazia, e tornou á terra com muita pressa a buscar mais, com que acabou de dar vida aos pobres, que já a não traziam: que se acertáram de não topar aquelle navio então póde muito bem ser que aquelle fôra o derradeiro dia de seos trabalhos. Ao outro pela manhã, que foi uma sexta feira 17 de maio de 1560 chegou á barra de Goa já com as mãos nos cabellos, bem temeroso e receoso das primeiras ameaças do inverno, que entra mui furioso naquella costa, e com a espada na mão,

como logo aconteceo. Ao outro dia seguinte, que foi sabbado, depois de todos estarem já desembarcados, e Francisco Barreto no mosteiro dos Reis Magos da Ordem de S. Francisco, que está em Bardês na barra de Goa, fez uma tão grande tempestade de vento e chuva, que parecia acabar se o mundo, e soverter-se a terra com outro segundo diluvio.

Tanto que se soube em Goa da chegada de Francisco Barreto á barra, foi logo visitado de todos os fidalgos e cazados de Goa, e elle se embarcou em um catur ligeiro e se foi caminho da cidade visitar o Viso-Rei D. Constantino de Bragança, acompanhado de toda a fidalguia e cidadãos, e tanta mais gente, que enchia desde o caes até a fortaleza, e todo o seo terreiro: e rompendo por aquella multidão de gente, chegou a elle, que o estava já esperando com muito grande alvoroço e cortezias, e se foram para dentro, onde, depois de descançar e dar conta do que lhe acontecera na jornada, se foram cear com uns fidalgos parentes de ambos, e alli dormio aquella noite. Ao outro dia pela manhã se tornou Francisco Barreto a embarcar para ir aos Reis Magos a cumprir uma novena, que tinha promettido no seu naufragio, e foi acompanhado de tanta fidalguia e nobreza, que parecia despejar-se a cidade. Vendo o Viso-Rei D. Constantino o grande concurso dos fidalgos e cazados de Goa que o acompanhavam, disse aos que estavam presentes: — *Quantas graças deve dar Francisco Barreto a Deus pelo fazer tão bemquisto.*

Depois de Francisco Barreto estar no mosteiro dos Reis Magos cumprindo sua novena, o mandou visitar o Viso-Rei, e lhe mandou quatro mil pardáos, de que lhe fazia mercê em nome d'El-Rei, para ajuda das despezas do inverno. Acabada a novena da romaria se foi Francisco Barreto apozentar além de Santa Luzia

nas casas de um cazado de Goa, que se chamava Fernão Nunes, onde esteve até meado de Dezembro, correndo sempre com o Viso-Rei muito bem, que o tornou a mandar visitar, e lhe mandou dous muitos fermosos ginetes, que elle logo deo, um a Luis de Mello da Silva seo parente, e outro a D. Felippe de Menezes seo sobrinho, filho de sua irmã D. Brites de Vilhena por sobre nome a Perigosa, e D. Henrique de Menezes. E como Francisco Barreto não tinha nao em que se viesse para o reino, lhe deo o Viso-Rei a nao S. Gião, que invernára em Goa, e estava varada em Panelim, onde se concertou muito bem para elle vir nella, satisfazendo a Antonio de Sousa de Lamego a capitania da nao.

Emquanto Francisco Barreto inverna, e a nao em que hade partir para o reino se concerta, daremos razão da nao Patifa, que ficou em Moçambique invernando da segunda arribada, que por vir muito destroçada a mandou Bastião de Sá, capitão que acabava de ser de Sofála, concertar muito bem para se ir nella para Goa na monção grande que é a de Agosto, em companhia das que haviam de vir ao reino. E como esteve concertada mandou Bastião de Sá embarcar nella agoa e mantimentos, e toda sua fazenda, e como foi tempo embarcou se nella com todos seos criados, e os fidalgos que vieram nella em companhia de Francisco Barreto, que ficaram invernando em Moçambique; donde se fez á véla aos onze de Agosto. Ao dia seguinte começou a fazer tanta agoa, que se ia ao fundo, e como não podia tornar a arribar a Moçambique, foi forçado ir demandar a barra de Mombaça, onde varou em terra, e se desfez, salvando-se tudo o que levava, assim d'El Rei, como de partes, e Bastião de Sá se embarcou em um navio, em que foi á India.

Tornemos a Francisco Barreto, que está invernando

em Goa, e concertando a nao S. Gião, em que se havia de embarcar; que depois de a ter concertada, e começando de a carregar, chegaram á barra de Goa cinco naos do reino: em uma dellas vinha D. Luis Fernandes de Vasconcellos, que veio ter a Moçambique, depois de se perder o anno passado na nao Gallega, e ficar invernando na ilha de S. Lourenço, onde foi ter no batel da nao, em que se tinha salvado com sessenta pessoas.

Tanto que o Viso-Rei soube de sua chegada, logo o mandou visitar com dous mil pardáos, e um cavallo, e um quartáo: correndo muito bem alguns dias, que esteve em Goa, com o Viso-Rei, até se embarcar para o reino na nao de Francisco Barreto, por ser cazado com D. Branca de Vilhena sua sobrinha filha de Diogo Lopes de Sequeira, que foi governador da India, e de D. Maria de Vilhena sua irmã.

Estando já a nao S. Gião prestes, aparelhada, carregada, e com os mantimentos e agoa embarcados, se fez Francisco Barreto á véla a 20 de dezembro, tendo muito próspera viagem, e dando em toda ella meza aos fidalgos que foram em sua companhia, os quaes eram: D. Luis Fernandes de Vasconcellos, D. João Pereira irmão do conde da Feira, D. Duarte de Menezes, Garcia Moniz Barreto da ilha da Madeira, Manoel Danhaya Coutinho, e outros a que não sabemos os nomes. Chegou a Lisboa um domingo 13 de Junho de 1561, onde foi recebido de toda a fidalguia, com muito alvoroço e contentamento, pelo terem por morto por haver tres annos que partira da India a primeira vez, e acompanhado de toda ella o levaram a beijar a mão á Rainha D. Catharina, que então governava o reino por El Rei D. Sebastião seu neto, que seria de sete annos de edade. Foi recebido della com muitas honras, assim pela qualidade e valor de sua pessoa, como

pelos muitos serviços que tinha feito aos Reis de Portugal na India e em Africa.

Discripção da cidade de Columbo pelo padre Manoel Barradas, da Companhia de Jesus

---

Em 16 de Março partimos de Cóchim em uma naveta do Geral de Ceilão D. Francisco de Menezes, que por ronceira chamam a nao Pedra, indo nella demandar o Cabo de Comorim, já na ponta para o dobrar, viram, e experimentaram os padres o que muitas vezes se dizia açontecia nelle, por ser divisa e marco das costas Malavar e Choromandel; que indo uma nao com as vélas de popa cheias de vento Nórte, o Sul no mesmo tempo lhe enchia as da proa. Com que foram forçados a arribar tres ou quatro vezes com o mesmo successo. Até que perto do Cabo, junto de uma povoação chamada Cariaputão lançaram ferro, sobre que estiveram surtos a Semana Santa e a da Pascoa, em que cuidaram ir ver a Columbo; no qual tempo os christãos daquella costa, que é a de Travancor, convertida e doutrinada pelos padres da Companhia do tempo do B. P. Francisco Xavier, que foi o seu primeiro Apostolo, os visitaram

e proveram de refresco; e com as lástimas que diziam, por se verem com clerigos de suas cores, faziam derramar muitas lagrimas, ainda a seculares que os ouviram. Emfim, cuidando, quando partiram, que a viagem durasse seis ou sete dias, aos 19 chegaram a Columbo, que é na ilha de Ceilão, da qual o que nella os padres viram e nella ha é o que relatarei.

Está a cidade de Columbo situada ao longo de uma arrezoada bahia, cercada pela parte da terra de uma fermosa alagoa de agoa doce, feita por industria de um capitão portuguez, e cheia de espantosos lagartos, por medo dos quaes se não póde vadear, nem passar a nado. Destes viram os padres mortos 18 pequenos, que da boca da mãi escaparam, para darem nas mãos de uma mulher, que os matou. E o caso (que por certissimo contaram aos padres muitas pessoas) é, que este féro animal, em acabando de parir, logo torna a comer os proprios filhos, e só vivem os que fugindo de pressa se metem na agoa ou escondem em terra, que comummente são poucos; e parece providencia do ceo, que se assim não fora, quem poderia viver com tanta multidão destas féras tão crueis, que nem homens, nem animaes chegam aos rios, por pequeno espaço, seguros delles. E destes devem ser os crocodillos do Egypto, por medo dos quaes os cães bebem correndo. Tem esta alagoa corrente para o mar pelo meio da cidade; em a parte mais alta desta corrente se fez agora um moinho, e é o primeiro que a India teve, visitado das mulheres, como Estação, Quinta Feira Maior, offerecendo esmola a quem lhe fazia andar as rodas de baixo, e as pedras de cima. E' este lago tamanho, que tem em si algumas ilhotas. No mato de uma dellas, que é a ordinaria recreação dos nossos, vi, oh padre, a primeira vez a afamada canella de Ceilão, cuja fruita é como pequenas landeas com seus cas-

cabulhos, mas a cor despois de madura preta como azeitonas, da qual tambem se faz oleo, que por ser de canella, é assás quente, e serve para curar frialdades. A agoa tão prezada, que em Portugal chamam de flor de canella, se estilla da casca, quando é fresca muito bem pizada e molhada com agoa, por ella de si ser um pouco secca, e com tudo só della se faz a distillação, porque a flor não se póde estillar. Como os portuguezes no tempo dos Reis de Ceilão, fóra dos muros nada possuiam, por os cercos serem ordinarios, a mesma cidade lhes servia de palmar, sem nella haver palmo que não estivesse plantado, até no monte por cima das pedras, como ainda agora se vê, e a bondade da terra e a frescura della tudo soffre. Assim que ainda agora com serem cortadas, e se irem cada dia cortando muitas palmeiras, o menos que parece, é cidade. E isto a faz um pouco sombria, e melancolica, posto que por dentro se vai ennobrecendo com muitos e bons edificios de cazas, que parecem paços: e de fóra com fermosas quintas, que estão feitas, e se vão fazendo, com casas lustrosas, e grandes cercas, e já vão chegando ao Rio Calane, que é perto de uma legoa.

Em logar de azemolas se servem alli de aléas (aléa é todo o elephante sem dente, quer seja macho quer femea) estes para os carregarem, desmentindo a Plinio, se deitam no chão, e com a carga em cima se alevantam, mas com serem tão fortes e grandes, carregam muito menos que camellos. E pois fallei nestes animaes, quero fazer delles uma relação.

Dos elefantes nenhuma femea tem dentes, e dos machos os menos são os que os tem, por isso são tão estimados para a guerra os de dente, e entre todos os mais cobiçados dos Reis do Oriente são os de Ceilão, com serem mais pequenos que os de Africa, Pegú, Arracão e Malaca, e ainda os de Malavar: e de muito maior

estima são ainda alguns que por natureza não tem mais que um só dente, e destes teve um ó general que foi de Ceilão D. Jeronymo de Azevedo; e é certo entre esta gente, que por grande que seja qualquer outro elefante de outra parte, encontrando-se com algum de Ceilão, ainda que pequeno, lhe larga o campo e foge, o que alguns querem attribuir ao respeito que todo o elefante grande tem ao pequeno; mas a experiencia móstra não ser isto verdadeiro, porque entre os outros de outras partes se não guarda esta regra de reverencia, e assim outra cousa occulta deve ser a deste respeito ou medo dos mais elefantes aos de Ceilão. A verdade é, que elles são mais generosos, mais animosos, e de maiores espiritos para guerra; ainda mais fermosos na postura, tendo pela maior parte o cóllo e mãos mais levantadas que os pés. Dizem com tudo, que as aléas machos são mais forçosos e valentes, que os de dente, e os matam, se com a tromba lhe embaraçam e senhoream os dentes. As femeas ordinariamente são mais pequenas, tem as tetas entre as mãos, e nos peitos como as mulheres; e póde ser que em parte daqui lhes venha a grande força que tem; se é verdade o que diz Aristoteles, que o cachorrinho que mama na teta do peito é mais animoso e forçoso que os outros.

Por couza mui certa se tem, e é pratica entre a gente daquella ilha, que quando a femea hade parir (que é despois de dous annos de conceber, pois tantos dá a natureza para se formar este animal) são taes as dores, que a obrigam a dar grandes urros, a que logo acodem as outras aléas femeas, e em parindo lhe escondem o filho, porque o não mate com o sentimento das dores que lhe causou. E não só servem de parteiras, mas de amas, creando o elefantezinho por tres ou quatro dias, que acabados o entregam á mãi já esque-

cida das dores. E o que é mais de notar e espantar (se é verdade o que aquella gente affirma) que ainda que estas aléas que acodem a esta obra de piedade, não criem, de repente lhes vem leite para criar o filho alheio; o que se affirma é, bem se deixa ver até onde chega a Divina Providencia, ainda com os brutos animaes.

E quanto ao que os elefantes grandes uzam com os pequenos, ainda que não sejam filhos, na passagem dos rios, é certo e visto cada dia, levantarem-nos nas trombas, para que não cancem; e outros porem-se de parte da vea e corrente da agoa, para que quebrando nelles a força e furia, chegue a agoa branda aos pequenos. E se um delles nos matos cae em alguma cóva ou poço (o que muitas vezes acontece) donde não podem subir, ao primeiro urro, que logo é conhecido, acódem quantos elefantes ha no mato, e todos com as trombas cortam ramos de arvores, e com os pés cavam terra, o que pouco a pouco e com muito tento, para que não faça mal ao que em baixo está, vão por uma parte lançando, e elle vae pondo debaixo dos pés, até entulharem a cova ou poço, de sorte que o grande de cima possa pegar com a tromba na do pequeno, e por ella o alça e livra do perigo. O que não fazem grandes a grandes, ainda que postos em semelhante aperto.

Grande é o medo que o elefante tem do fogo, e muito foge delle; e muito mais daquillo com que os touros e outros animaes féros se provocam, que são brados, gritos, e clamores de muita gente: e muitas vezes se espantaram os padres de vêr o que nesta parte fazem os aléas mansos e de carga, já acostumados a andar entre gente, contra os quaes não é tão certa a grita dos rapazes (com o ser muito, pois ainda os não vêm, quando já os brádos atroam as ruas)

como é a sua fogida em os ouvindo; e é com tanta préssa, que se os comacas com os ganchos de ferro, que são os freios, os querem ter mão, logo bramam e urram, e se com pura força os obrigam a ir por diante, vão-se cozendo e roçando com as paredes, e com gritos mostram o sentimento de ouvirem aquella vozeria, e não param até chegarem a parte que a não ouçam. E os do mato, quando andam juntos fogem mais de pressa ouvindo bradar, que quando andam sós. E todos são tão crueis só contra o homem, que havendo em Ceilão tigres, ussos, bufaros bravos, e outros animaes féros (porque só faltam na ilha leões, onças e abadas) e só dos elefantes se tem medo, e do seu nome se foge sem repairo, porque só elles se põem no caminho a esperar a gente, e o que é de maior consideração nesta ferocidade grande, que a buscam só para a matar pelo odio que lhe tem, porque não cevam nella. De um comtudo ouviram dizer os padres naquella ilha, que matando uma mulher a comera.

Para prova desta braveza e odio referirei um caso, que referio muitas vezes um padre nosso de muita virtude e religião, por nome Luiz Matheos, e aconteceo a um moço de casa gentio, que o padre estando em Candia o mandou a um recado, e anoitecendo-lhe antes de chegar a povoado, o encontrou um aléa destes, que lhe não deo lugar mais que para com muita pressa se sobir a uma arvore grande, que as pequenas não bastam, e deixando a lança encostada na arvore, para de cima a recolher, quando olhou para o fazer, já a vio na tromba do elefante, que em breve a fez em cinco pedaços, fazendo com elles tiro a diversas partes; porque esta feia besta não só tem odio ao homem, mas a tudo o que elle toca. E o que ainda aqui acho digno de maior espanto é, que vendo que na arvore lhe não podia fazer o dano que sua furia

lhe pedia, dezejando acolhe-lo em baixo, de quando em quando fazia que se ia, e logo tornava a ver se o homem se descia, até que enfadado de esperar, se foi.

Mas perguntará alguem, como se caçam, e domisticam tão fórtes alimarias? Tomam-se, não como os antigos escrevem, em arvores meias serradas, a que encostados cahem com ellas, sem mais se poderem levantar; mas em Manar e Putalão (e é o mesmo nesta ilha) se tomam a cosso ás pancadas e lançadas, como algumas vezes os mesmos padres os viam; mas destes morrem muitos das feridas. E estes só são caça real, e ninguem mais, sem licença d'El-Rei, os póde tomar, nem matar, porque aos que o fizerem ha pena de morte.

Tambem alli os tomam com as aléas femeas, como nesse reino os bravos touros com as vacas mansas. Sabem primeiro os caçadores onde está o elefante de dente, e então guiando as aléas as levam áquelle lugar, e escondendo-se de trás dellas, o metem no meio, e trazem á parte onde ha arvores grandes, e então com muita destreza lhe lançam ao pé uma laçada de grossas cordas feitas de couro de veado, atando-a logo ao pé de alguma arvore: e neste passo é tal a furia e braveza, que tudo o que acha diante desfaz, mas logo lhe vão lançando outros laços aos pés e mãos, finalmente lhe atam de cada parte dez e doze aléas mansas, com que o trazem aonde querem, e fazendo-o entrar no meio de dous páos grossos e fórtes, o entalam e enforcam nelles, sem o deixar dormir, nem dar de comer por algum tempo. Alli naquelle tempo lhe começa o comaca pouco e pouco a sobir pela anca, e lhe vai dando de comer por onças, até que elle se vae abrandando. Então o tiram e atam outra vez a muitas aléas, e o levam com ellas a lavar

ao rio, e deixam lavar e deitar. E assim poucas e poucas lhe vão tirando as aléas, até ficar só com duas, que finalmente quando ja está manso lhe tiram. E então lhe ensinam as demais habilidades, como fazer reverencia ajoelhando-se, andar arrasto com a barriga pelo chão, borrifar com a tromba, jogar com a mesma e com os pés á péla, tirar uma pipa, e mete-la em um barco com tanto tento e segurança, que nem a ser de materia muito mais branda a quebrára, e outras semelhantes, que cada dia se vêm. Isto quanto aos elefantes.

Ha em Ceilão todas as sórtes de palmeiras, que pelas outras partes da India estão repartidas, a saber as brancas de Tresolins, as cajurins, nipeiras ou tamareiras, mas estas bravias, porque ainda que dão o fruito, não é de proveito. Ha as de Talapetes, que dão folha tamanha e unida a modo de aza de morcego, que só de uma se faz um sombreiro que póde amparar do sol e da chuva a tres e a quatro pessoas juntas. Ha finalmente as mansas, que dão cocos tamanhos, que tem em róda dous palmos e meio, em particular em Manteigama. Entre as mansas ha uma sórte em Ceilão, que não ha em outra alguma parte, nem desta até agora ouvi fallar. Em a nossa casa de Columbo ha uma palmeira, cuja casca, folhas novas e velhas, fruito em lanhas pequenas, e depois cocos, sempre tem a côr amarella como de ouro, e quando lhe dá o sol resplandece ; e já póde ser que este seja o ramo de que fálla o Poeta: *Aureus & simili frondescit virga metallo.* Digo isto, porque daquelle diz Virgilio que era a offerta de Proserpina : *Hoc sibi pulchra suum ferri Proserpina munus instituit.* E destas palmeiras, a que muitos chamam reaes pela formusura da côr, das quaes escreve o padre Niculao Paludano, que naquellas partes anda, da nossa Companhia, que com

mais razão se podiam chamar Luceferinas, pois o fruito dellas não serve de mais aos chingalás gentios, que de o offerecerem ao demonio.

Quando os padres chegáram a Columbo andava o Geral de Ceilão D. Francisco de Menezes com todo o exercito em Candia. E porque a entrada foi das boas que lá fizeram os portuguezes, a referirei brevemente.

Sahio o campo que seria de dez mil homens de Balané, que é a nossa fortaleza mais fronteira, já com receios que os inimigos haviam de dar nelle de noite; pelo que ao alojar puzéram quatro cilladas, cada uma em seo lugar, e quiz Deos que aquellas foram as paragens por onde os inimigos acometteram: e como em todas achάram gente se recolheram com perda de algumas cabeças, muitas armas, e alguns mosquetes de pé e berços; de que amedrontados nunca mais se atreveram a acometter os nossos. Mas quando o exercito se levantava vinham ao lugar, em que achando alguns coitados os matavam, de que informado o general, o mesmo era levantar o campo, que deixar boa parte delle escondido, porque vindo os contrarios cahissem na rede, em que por vezes ficáram muitos mórtos e cativos. E isto constrangeo ao Rei a mandar lançar pregão sobre graves penas, que ninguem fosse ouzado a entrar no lugar, que o nosso arraial deixava, senão depois de tres dias partido.

Perto de cinco mezes andáram os nossos passeando Candia, sem levarem de comer mais que por dois dias, e nunca lhes faltou o necessario em abundancia. Os cativos que trouxeram seriam quinhentos; as prezas do gado passavam de tres mil cabeças, não fallando das que lá comeram e matáram. Tomaram-se mais dois elefantes mansos, um delles de notavel grandeza, porque passa de sete covados, couza poucas vezes vista em Ceilão.

Partiram os padres de Columbo para Moroto, que é uma aldea por parte de Gale, distante da cidade tres legoas chingalás, que são seis portuguezas; (temos aqui uma igreja, que está entre fescos e espessos matos) foi a chegada em um sabbado, e ao domingo disseram missa, vindo toda a gente a ella com muita devoção.

Todos aqui são paréas, que é o mesmo que pescadores, dos quaes veio um casamento, cujas ceremonias por serem novas as apontarei. O acompanhamento é de todos os amigos e parentes, e escuzar-se algum é afronta grandissima ; vão os noivos andando sobre panos brancos, com que sucessivamente lhe vão alcatifando o chão, e cubertos por cima com outros do mesmo lóte, que os mais chegados levam nas mãos estendidos a modo de pallio, que os defendem do sol ; vai a noiva levada nos braços do mais chegado parente, e como este cansa lhe succede outro. As insignias que levam são as rodéllas brancas, e candeas acezas de dia, e uns buzios com que vão tangendo em lugar de charamellas. Todas estas são insignias reaes, que os Reis passados concederam a esta sórte de gente, porque sendo estrangeiros povoassem as praias de Ceilão, e ninguem mais que elles ou a quem elles derem licença póde uzar dellas. Estes sós pescam no alto, que no rio, ainda que o tem mais perto que o mar, nem no inverno, quando o mar está impedido, por maior necessidade que se lhes offereça querem pescar, pelo terem por afrónta. E certo que faz espanto nesta e noutra gente desta sórte, que sendo tão mesquinha, coitada, e pobre, tem tantos pontos de honra, que antes morrerá, que ir contra ella.

Ainda que entrei algumas legoas pela ilha, não me quero meter na frescura da terra, na variedade dos

rios e riquezas delles, na immensidade dos matos, nas suas mucalinas, que são as nossas devezas, na diversidade das arvores, na bondade das fruitas; só quero declarar o que na segunda jornada notei e soube ácerca do que se commummente diz, que nos matos de Ceilão se dá e acha toda a fruita de espinho, como laranjas, que por experiencia vi serem excellentes, e nada inferiores ás do reino, cidras, limões, limas. E para verdade deste dito se hade advertir o que na nossa aldea de Vergampeti achei, que as fruitas de espinho em Ceilão são em duas maneiras, ou mansas, que se pódem comer, e são as gabadas, mas estas só se acham em lugares que já foram povoados, e são muitos; porque os chingalás por causa das guerras continuas todos móram pelos matos, hoje neste lugar e ámanhã naquelle: e como a terra é fertilissima e regada do ceo, quasi todas as semanas dá tudo o que nella se planta. E assim ainda que se mudem, como mudam a cada passo, como ficam as arvores que semeáram, acodem com seos fruitos muito bons, e estes ainda que estão, não se pódem chamar do mato. Outras fruitas ha em Ceilão destas de espinho, que de sua natureza são montesinhas e agrestes, logo conhecidas na cor e folhas que tem sobre negro, e tão lizas e tenras, que parece reluzem; o fruito destas arvores não se come por não ser para isso, mas tudo por estes gentios é offerecido ao diabo, que tudo acceita dos homens a troco de o reconhecerem por quem não é.

Perto de Columbo se embarcáram os padres em um estreito por onde foram sahir no rio Calene, e indo um pouco pelo rio abaixo se meteram por outro Estreito tão estreito, como sombrio, porque escaçamente os remos com serem bem curtos podiam fazer seu officio, e por bom espaço as arvores que com

seus ramos se estavam abraçando lhes serviam de sombreiro contra o sol, até que sairam em umas vargeas por onde a vista tinha bem que se estender. Por elle foram até Negumbo, que são seis legoas chingalás.

Foi este Estreito artificiosamente feito pelo Rei, estando de guerra com os portuguezes, porque sendo o principal commercio da ilha adentro pelo rio Calene, e tendo elle a fós perto de Columbo, facilmente por mar os nossos lho impediam; pelo que elle o divertio por este estreito, que não é pequena commodidade.

E pois cheguei a Negumbo quero aqui contar o dito de um moço que esteve em Candia, e agora no collegio de Columbo. Este contou aos padres que vira lá um olandez mancebo, que só estava então naquelle reino; este pediu ao Rei por mercê ser capitão de Negumbo; e perguntado porque o pedia, sendo dos portuguezes? respondeo que por isso pedia aquella mercê, para que quando conquistada a ilha por elles, como esperava, não houvesse quem primeiro que elle pedisse aquelle posto. O rei com muita solemnidade lhe fez mercê, e em sinal lhe poz na testa uma lamina de ouro com o nome de Capitão de Negumbo, e assim se nomea já entre elles.

O dia seguinte já manhã clara, por causa dos elefantes haverem de caminhar pela terra dentro por matos e vargeas, partiram por Manteigama, que estará como déz legoas da praia. E como estas terras estão sogeitas a um Chingalá principal, que é uma das quatro cabeças da ilha, e amigo da Companhia, chamado Simão Correa, por todo este caminho lhes fizeram as honras que antigamente faziam ao Rei, e agora ao general, quando por alli passa. Estas são, cortarem os matos, e alargarem os caminhos por onde haviam de passar (e só por isso se não pudéram,

ainda que não levavam guia, perder) e fazer cada aldea ao principio de sua entrada uma comprida rua de folhas de palmeiras tenras, dependurando a uma e a outra parte cocos e lanhas, para os de nossa Companhia se aproveitarem delles á sua vontade.

Neste caminho passamos por uma aldea chamada do Ferro, por nella se tirar copia delle; sobre a tarde chegamos a Manteigama, que é povoação grande e bem arruada, cabeça das sete corlas ou conselhos, que das provincias sogeitas é a maior. Está situada no meio de dous rios, um grande, e outro pequeno, na fórma em que Punhete está entre o Tejo e o Zezere; mas este sitio é muito mais fresco ainda que algum tanto doentio.

Confórme ao recebimento do caminho foi o da povoação, tambem real; este era, ter cada casa á sua porta um calão, que é como quarta, mas redonda, cheio de agoa, cuberto com um pano branco, e em cima uma candea aceza. Esta mesma honra nos fizeram ao dia seguinte por algumas ruas por onde fomos, que são muito compridas, largas e direitas, mas a casaria pouco lustrosa. Com esta occasião perguntou o padre Provincial a um bramene principal que nos acompanhava, a causa de receberem ó seo Rei com a agoa e fogo juntos? E respondendo, que para mostrar que de tudo era senhor; lhe tornou o padre que devia ser por lhes significar que para um ser Rei havia de ajuntar e unir os discórdes e contrarios, ainda que o fossem tanto como o fogo e agoa; da qual interpretação mostrou ficar muito satisfeito. Passo por outras festas de tangeres e bailes; só direi que ha alli uns atabalinhos que são muito guerreiros, e parece que fallam, e quando se tocam se ouve o som uma legoa nossa. Daqui partimos por outro caminho em que achámos o mesmo recebimento, e

ainda avantajado ao passado, sahindo algumas aldeas com toda a gente, como em fórma da cidade, a fazer offerecimento ao padre Provincial.

Chegámos á tarde a Mudampé, aldea principalissima, e por ser muito rendosa andava antigamente em Principes, como o Crato em Portugal; achámos que nella o padre tinha feito passante de trezentos christãos só neste anno, e confórme a disposição da gente muitos mais fizera, se do senhorio della fora favorecido, não com datas aos que se convertem, senão só com bom rosto e palavras; mas o interesse tem na India grande valia, e aqui ceptro levantado; mas passo pelo que não tem remedio, senão do ceo: pelo que não faltam bons que receem se venha a tirar aos portuguezes, por serem ruins lavradores, o que lhe tem dado para grangearem para elle, fazendo muito bem cada um por si. Aqui vi um elefante por reverencia por-se de joelhos, e andar um pedaço com a barriga pelo chão até perto de nós, e fazer outras cortezias a seo modo, que não me espantáram, tanto por commuas nelles, como ve-lo pôr todos os quatro pés juntos em cima de um pilão, que é como um gral de páo grande, e não tinha maior circuito e de róda do que era a de cada um dos pés do elefante; e posto em cima com todos os quatro pés dar uma volta em redondo. Bem é verdade que só com ver aparelhar o pilão em que havia de fazer esta peça, que foi enterrarem ametade do pilão na area para poder suster o pezo de tão grande máquina, presentindo o trabalho e aperto em que se havia de ver, começou por todo o corpo a suar em fio, e ainda com outros sinaes maiores da natureza mostrar o grande medo que tinha; e como no pilão poz só as pontas das mãos e pés, não couberam mais que tres, que o outro pé ficou sobre dous.

Outra ... elle, hav ... causa da ... sos prez ... dous, co ... grandes ... fez preza ... grande a ... tornar a ... pretendia ... debalde, p ... foi levand ... bos na sua ... porque diz ... senão que ... ser quando ... dos bufaros ...

...io, que começa em Chilao ... rio, mas um fermoso bra- ... dina, donde toda a ilha ... a praia do mar, ou ... as, aljofar, coral ... l eu vi algum, ... ão o tomára, ... rio dentro ... nte sem ... anti- ... ro

estar á conta da Companhia, ... res já são christãos. Não ... que poucos dias havia ti... padres sahindo á caça ... junto della encont... do-lhes os cães ... junto da qual ... zer preza ... que im... della ... (de...

armou uma ... de grossos páos, dentro da qual lhe poz uma negaça, e tanto que pela porta o sentio entrado, lha tapou, e nella o prendeo, e vazando-lhe a agoa o matou. Correo logo a fama da enormidade de sua grandeza, levado da qual foi tambem o padre a ver o que se dizia, cuidando ser couza notavel, e o mandou medir, e tinha de comprido doze covados esforçados, e tres de alto.

De Mudampé partimos para Chilao, que é d'alli meio dia de caminho, por um esteiro semelhante ao porque viemos de Columbo, a maior parte delle cuberto de frescos arvoredos. Recebeo nos aqui o padre com uma grande procissão de meninos, que devotamente iam diante cantando a doutrina, do qual recebimento não faço menção nos outros lugares de que fállo, por ser commum em todos.

No mesmo dia fomos a Muneçarão, que foi aldea do Pagode; e por assim o temporal como o espiritual

estar á conta da Companhia, quasi todos os moradores já são christãos. Não quero deixar de apcntar o que poucos dias havia tinha acontecido aos moços dos padres sahindo á caça; e como tudo são matos, logo junto della encontráram um veado, cuja dita foi, indo-lhes os cães no alcance, uma façonhosa cobra, por junto da qual passavam, parece que não podendo fazer preza nelle, por sua muita ligeireza, a fez no cão, que immediatamente o seguia, o qual vendo-se prezo della, e mal tratado de varias dentadas que lhe dava (de que eu ainda vi os compridos sinaes) com gritos e alaridos deo sinal do aperto em que estava, aos quaes acodindo um moço de desasete ou dezoito annos, que acaso levava um arco com suas fréchas, e embebendo uma a despedio com tanta furia e destreza, que passando a cobra pela cabeça com que estava mordendo o cão, sem tocar nelle a matou, sem ser necessario segundar com outra. A cobra, nos disse o padre que a foi ver, que na grossura e comprimento era como uma arrezoada palmeira; o cão sarou das feridas, porque a cobra não era peçonhenta, que ao ser, mal pudéra escapar de tantas feridas dadas tão vagarosamente, pois bastava qualquer pequeno tirar de sangue para logo acabar.

Com isto me vou sahindo por um pouco da ilha de Ceilão, e entrado pela de Calpeti ou Cardina, tão nomeada com a vitoria que no rio que faz, houve André Furtado de Mendonça do famoso cossario Catanuça, tomando-lhe quatorze parós, em vingança de com elles ter queimado uma nao da China, e destes quatro se fizeram e serviram depois de escusa-galés. Tem esta ilha de comprido doze legoas chingalás, que são vinte e quatro portuguezas esforçadas, e de largura meia legoa; de sórte que mais se póde chamar uma lingoa da terra ou area ao longo de Ceilão, di-

vidida por um pequeno rio, que começa em Chilao e vai sahir, sendo já não só rio, mas um fermoso braço do mar, em Calpeti ou Cardina, donde toda a ilha toma o nome. O que nella ha pela praia do mar, ou para melhor dizer nelle, são perolas, aljofar, coral preto, alambre, que lança fóra, do qual eu vi algum, e se me não disseram o que era, nem na mão o tomára, nem com o pé lhe tocára. E pela praia do rio dentro tem arvores de lacre, sal que se faz naturalmente sem beneficios de marinhas, nem saleiros, grande quantidade de passaros tamanhos como grous. Por dentro ha certa herva chamada xaja, que serve de tinta como nas ilhas o pastel; os matos são povoados de elefantes, bufaros, ussos, e todos os mais animaes que dá Ceilão, que lhe manda esta fazenda. O que toca á christandade, que nesta ilha temos em cinco igrejas, terá V. R. pela Annua.

E assim não tenho aqui mais que dizer, senão que na primeira igreja, que está em Muripo, armáram certos mouros um laço de arame para tomar um veado, e indo ao dia seguinte dous delles ver se tinha cahido, cahiram elles no que não esperavam, isto é nas unhas e dentes de uma ussa, cujo filho em lugar do veado estava no laço, e ella junto delle esperando quem lho armára para se vingar, e por não levarem nada nas mãos os tratou tão mal, que ambos estiveram á morte, e ainda quando nós chegámos não estavam sãos.

Tanto póde o amor natural, ainda nas féras, fazendo-as mais do que são; assim dera elle a esta o sabelo desatar do laço, como lhe deo animo para o defender em quanto pode. Em Calpeti vi um arco triunfal feito de um queixo debaixo de um baleato, que alli deo á cósta, o qual tinha de vão desoito palmos, a grossura de cada osso destes, não fallando no mais que estava metido na terra, era de cinco palmos lar-

gos em róda: a altura tanta, que com um bordão de sete palmos, que na mão tinha, a não alcançava, de sórte que folgadamente se podia passar por baixo, sem abaixar a cabeça, um homem a cavallo.

Daqui atravessando o rio, que é de mais de uma legoa, nos tornámos a meter na ilha de Ceilão, caminhando dous dias por matos despovoados. E assim sendo-nos forçado dormir no meio delles, uma noite nos alojámos ao longo de uma fermosa alagoa cercada de espéssos matos, cheios de elefantes bravos, e mais bestas féras, por medo dos quaes nos cercámos de muitas fogueiras, que é o muro ordinario contra elles, não faltando a cada hora da noite atiçadores, que por uma parte o medo dos elefantes, por outra os bramidos dos tigres e ussos, e os urros dos adibes despertavam e obrigavam a faze-lo. Quanto estes matos mais se vão chegando a Manar, vão sendo menos frescos, e mais infructuosos em larins, que são umas arvores tão carregadas de espinhos, que nascem de dous em dous, quasi como a ollaia de flores.

Entre os veados ha uma sórte delles, que chamam veados vellosos, por terem as pontas todas debaixo a alto cubertas de couro e cabello; destes ha em Ceilão grande copia. E neste caminho achei uma armação destes de extranha grandeza, que por irmos por terra deixei, ainda que se estimam muito para varias enfermidades.

Fomos sahir destes matos junto das praias de Aripo, porque caminhámos meio dia a grande pressa, e são as em que antigamente se alojava o exercito dos Paravás, quando vinham fazer as pescarias das perolas e aljofares, que tantos annos nos faltam.

Vi eu ainda por estas praias serras de chipo, e cascas de ostras, bem altas e continuadas por muitas legoas, e nellas achei em varias partes muita gente ari-

pando, que é o mesmo que cavando, e joeirando a terra para nella pescar o aljofar, que antigamente iam mergulhar ao mar, e por miudo deixavam cahir, sem fazer caso delle. O que julguei e ouvi dizer, é que andavam aripando nestas praias continuamente duas mil almas, e ainda tiravam para se sustentarem. E por certo me disse um religioso de S. Francisco, que aqui é Vigario em uma povoação, que o menos que cada sabbado se vende no bazar são cem pardáos de aljofar, afóra o que os particulares compram e vendem.

Todas as ostras destas praias são brancas, lizas, e reluzentes, como madre-perola, e bem mostram no de fóra o preço do que dentro de si encerram.

Notei mais a grandeza e fermosura dos lagostins deste mar, que em tudo quer ser famoso; porque a grandeza é a maior que nunca vi de semelhante pescado, as cores azuis e verdes excellentes, com outras entresachadas tão vivas, naturaes, e lustrosas, que desejei haver uma para mandar, o que cuido me nasceu de nunca ter visto lagostins destas cores, nem ouvido que o ceo os criasse em outras partes desta sórte. E porque vou no fim de Ceilão, antes que de todo me saia desta famosa ilha quero brevemente recopilar o que nella se cria. No mar álém do muito e bom pescado, se criam perolas, aljofar, coral preto, ambar, nos rios e vargeas varia pedraria de topazios, olhos de gato, safiras e rubins; nas serras cristal, ouro, ferro e binga, que é uma piçarra, que depois de cozida se desfaz em tezes finas, como de cabellos alvos e transparentes, como de vidro, de que se uza muito nos sepulchros. Nos matos álém de toda a fruita de espinho, ha muita canella, areca, sapão, pao preto, mais que o de Moçambique, não porém tão fino nem lustroso, mas melhor que todo o outro da In-

dia, que em nenhuma parte della falta. Nos mesmos se acham todos os animaes até armadilhos, tirando leões, onças e abadas. Os campos são de manjariquão, nem falta madresilva.

Ha mais nesta ilha duas sórtes de barro, um vermelho, outro branco: este serve de caiar em lugar de cal, porque é alvo como gesso, e fino como alvaiade: daquelle se uza como vermelhão, e em lugar delle. Emfim Ceilão tudo dá, mas de tudo pouco, tirando canella e areca, de que é abundantissima, e ambas as melhores da India. Já a canella é tão differente a desta ilha da das serras do Malavar, que esta em sua comparação é como pintada assim no ardor, como cheiro, o que eu neste caminho por vezes experimentei, e me espantei de tão grande differença em tão pequena distancia de terra e clima.

Sahimos de Ceilão, entrámos na ilha de Manar, na qual com quinze dias que nella estivémos impedidos do tempo contrario, nada achei de gosto, e bom para contar; e porque nesta não pretendo referir mágoas, vou-me embarcando em um pequeno toné para nelle passar o Golfo até Negapatão, por entre muitas ilhotas, tão juntas e continuadas, que bem mostram foi antigamente esta ilha e a de Ceilão uma couza continua com a terra firme do Pande e Choromandel.

O Golfo passámos em um dia com tanta bonança, que no meio delle fomos forçados a nos ajudar dos remos. Com a mesma entrámos em Negapatão, de que só direi duas cousas brevemente. A primeira, que a terra é de maior trato e comercio, que agora ha na India, porque além de todas estas costas, todos os mezes do anno, de Malaca, Bengála, Pegû, Tanacarim e Junfulão, por onde comunica grande parte das mercadorias da China, é imperio nobilissimo; assim fora elle d'El-Rei de Portugal, como é de um senhor gentio, e

tivera boa barra; mas nesta costa nem uma ha que preste. A segunda, que não ha terra mais supersticiosa e cheia de Pagodes que esta, porque são sem numero; e muitos de notavel fabrica e grandeza; entre os quaes é famoso o que chamam dos Chinas, por ser fama constante entre esta gente que elles o fizeram quando foram senhores do comercio da India; é de tijollo, e com haver muitas centenas de annos em que não é habitado nem repairado, ainda está com sua magestade, e obra perfeita. Ao pé delle mandou o Naique agora cavar um thesouro que um feiticeiro lhe persuadio acharia, fazendo muitos sacrificios: elle os fez, e eu vi muita gente que andava cavando; mas o thesouro foi muita agoa que se descobrio, que ficará servindo de tanque para a gente.

Em outro Pagode chamado do Naique, por estar á sua conta, e é o mais soberbo desta povoação, vi eu uma columna quadrada de marmore preto, na qual estão esculpidos de meio relevo alguns sinaes da Paixão de Christo, como os açoutes, a córda, o gallo, e a toalha; e estes gentios a tem por couza dos christãos, e veneram como sagrada, lançando-lhe azeite em cima, e ornando-a de flores; e tal a achei quando a fui ver: e a razão que dão desta veneração é terem para si, e dizerem, que esta columna veio nadando por cima das ondas do mar; e assim entrou por esta barra de Negapatão, onde elles a recolheram e puzeram fóra da porta do seo Pagode. A isto accrescentam elles uma fabula, e é: Que estando esta columna fóra da cerca do Pagode lha quizeram os portuguezes furtar por ser couza sua; mas que indo elles para o fazer, uma vaca deo um bérro tão grande, que ouvindo-o daqui dous dias de caminho, o Naique em Tanjaor acodio, e defendeo que a não levassem; e para lhe tirar as esperanças de a poderem haver a mandou me-

ter dentro da cerca, e mandou pôr junto do seu Pagode onde eu a vi: e para gratificação da vaca que deo o berro, tem feito á porta do Pagode uma de tijollos de mais de vinte palmos de altura muito bem feita, pintada e proporcionada, pósta debaixo de uma charóla de pedra e cal de excellente obra, para que sendo caso que os portuguezes outra vez pretendam a columna, ella desperte ao Naique e a elles. Isto é o que estes gentios dizem e fabulam; o certo é que a columna tem os sinaes que digo, a verdade do mais só Deos a sabe, porque ella entre estes gentios anda tão misturada com a mentira, que poucas vezes se póde averiguar.

Depois de outros quinze dias detidos do tempo sahimos a barra no mesmo toné, com bem differente successo do que entrámos; porque ou por ser maré vazia, ou por o piloto errar o canal, na maior furia das ondas, que aqui sempre são muito grandes e perigosas, tocando o toné, assentou a popa na area, e com tres grossos mares, que no meio tempo que esteve atravessado a elles lhe entraram, esteve meio alagado e metido no fundo. Confesso, que em vinte e quatro annos que navego, e me ter visto em muitos e grandes perigos, nunca tão perto me achei de fazer naufragio. Estes são os machos, em que os Provinciaes da India, e particularmente os deste Malavar cavalgam, estas as estradas porque caminham, estes os perigos em que cada hora se vem, gastando seis mezes em visitar pouco mais de trinta pessoas. Com tudo por misericordia do ceo sahimos a barra, tendo bem que fazer meio dia em alijar a agoa, que o toné recolheo: o mais da viagem, que são quarenta e cinco legoas até S. Thomé, andámos em pouco mais de vinte e quatro horas.

Muito havia, que eu desejava ver esta cidade, para visitar os lugares sagrados, e frescas memorias do

Apostolo S. Thomé, e depois de os ver, dei por bem empregados os trabalhos passados. Oito memorias notaveis achei deste glorioso Apostolo; das quaes posto que se tem muitas vezes escrito com differente estylo e espirito, não deixarei de fazer aqui menção dellas, assim como as fui visitando, por me parecer que outros terão mais devoção de as ler e ouvir, do que eu tive de as ver e visitar.

O primeiro lugar foi o Santo Sepulchro, que está na Sé Episcopal desta cidade, em uma ilharga da qual fica por porta travéssa a da Sê antiga, que agora serve de capella do Santissimo Sacramento; e á mão direita do altar desta fica uma capellinha, onde só cabe e está um altar fechado com grades de ferro, e este é o Santo Sepulchro: a chave tem o Senhor Bispo, e ninguem sem sua licença póde nelle dizer missa, nem entrar das grades para dentro pessoa alguma, que não seja sacerdote, nem ainda para ajudar á missa. Aqui a fomos dizer uma vez: a capellinha é muito devota, e a memoria das reliquias do Santo, que alli estão, a faz muito mais. Estranhei com tudo não a ver cozida de ouro, ainda que a vi armada de seda. Nesta Sé velha se conserva ainda o coro onde o nosso B. Padre Francisco Xavier ia ter oração, e o passadiço em que o demonio o encontrou. E no nosso collegio está a imagem da Virgem, diante da qual orava, e á que o Santo quando dos espiritos malignos era mal tratado, pedia favor. E pois fiz menção do Santo, quero-a tambem fazer de uma reliquia sua, que aqui em S. Thomé deo um secular ao Provincial em muita estima, como elle a tinha havia quarenta annos, a qual lha dera sua sogra em dote de casamento, por dote de grande preço, dizendo-lhe que não tinha outra de maior valia que lhe dar. A péça eram umas contas de páo milagroso de S. Thomé, porque o Beato Padre rezava, e havendo-

se de partir desta cidade, as deo a esta mulher, que era sua devota e confessada, dizendo-lhe que lhas dava naquella ultima despedida, por não ter outra couza; ella as guardou com muita veneração, como reliquia de um Santo, e as deo a seo genro, que é um dos principaes cidadãos de S. Thomé, e se chama Ignacio de Gamboa, que sempre as estimou tanto, que arriscando muitas vezes o fato, e a pessoa no mar, nunca quiz levar comsigo as contas, pelas não pôr a perigo. Não tinha elle agora mais que vinte e duas contas destas, tres estremos, e a cruz, que deo ao padre Provincial, tendo dado algumas por via de um filho seo, que agora está na Companhia, a um irmão italiano por nome Marco Aurelio, que de cá tornou para Italia com o padre Theolao Espinola. E as mais que faltam se deviam tambem repartir pelo mesmo modo; nem agora ficamos fóra de esperança de cedo mandar uma relação de serem com obras maravilhosas apoiadas do ceo por suas.

O segundo lugar que visitámos foi o Monte Grande, uma legoa desta cidade, no alto do qual está uma igreja de Nossa Senhora, que por esta causa se chama do Monte. O caminho do pé delle até acima, que é um bom espaço, é todo ladrilhado e largo, e por ir em vóltas tem tres estancias, e em cada uma sua cruz arvorada, muito fermosa, com seo pé: a primeira na raiz do monte; a segunda quasi no meio; a terceira lá perto do cume, e todas estas estações sobem muitas pessoas por sua devoção de joelhos. No altar não ha outro retabolo mais que uma cruz entalhada em pedra preta de obra de meio relevo, com umas letras ao redór, qual a pinta o padre João de Lucena; foi alli mesmo achada por um Vigario da Vara de S. Thomé, que por esta causa está enterrado na mesma igreja com campa e letreiro, que diz ser elle o

inventor daquella Santa Cruz feita por S. Thomé. Esta é a cruz milagrosa, que sua muitas vezes no dia de Nossa Senhora do O, ao cantar-se o Evangelho; e o primeiro lenço, que nesta derradeira vez que suou, se ensopou no suor, me veio á mão da do mesmo sacerdote, que a meteo nelle, e o tinha em muita estima, e com a mesma mo deo por ter sido meo discipulo. E pois eu tambem o sou de V. R. com a mesma o mando a V. R.

Fóra a um lado desta igreja está uma fermosa charóla de pedra e cal, e debaixo della uma columna de quinze palmos pouco mais ou menos, um pouco delgada, e de pedra preta, que é fama ser feita pelo mesmo Santo Apostolo, para esteio de uma cruz, de que parece servio. Nesta igreja dissémos tambem missa, a minha foi da cruz, para que Nosso Senhor a désse a conhecer, e fizesse adorar de toda a gentilidade que deste monte se descobre, cuja vista para todas as partes, por espaçosas campinas em que ella se pérde, é excellentissima de frescas ribeiras, montes, fortalezas, gados de toda a sórte, muitas povoações, e até do mesmo mar.

O ultimo lugar desta nossa perigrinação foi o Monte Pequeno, que todo é da Companhia, chamando-lhe monte, podendo-lhe com mais razão chamar uma grande pedra, pois não é outra couza; e sobre esta pedra, é fama lhe deram a lançada, ainda que dizem foi morrer ao Monte Grande. Neste pequeno tinha a Companhia uma capella e casas, que na guerra passada ficáram destruidas, e agora se iam refazendo. As memorias, que do Apostolo aqui ha ainda vivas, são as seguintes.

A lapa ou cova, em que morava; ou como outros querem, no tempo das perseguições se escondia, que está cavada em uma viva e dura pedra. A' sua mão

esquerda feita de meio relevo na mesma pedra se vê uma grande e fermosa cruz, que o mesmo Apostolo fez, e todos os que entram tocam e beijam no pé por reverencia. A porta é tão estreita, que escaçamente cabe por ella uma pessoa. A lapa dentro mais capaz e redonda, nella está um altar, em que se dizia missa, agora tem uma frésta, que os nossos lhe fizeram para luz; já póde ser que sem ella causaria mais devoção, ainda que agora não deixa de a causar a quem nella entra com uma pequena de consideração. Acima desta lapa para o Nascente no cume do monte ou pedra na mesma cavada de relevo, está outra cruz pequenina, onde o Santo tinha oração; esta mandou o Visitador o padre Niculao Pimenta, quando visitou estes lugares, cobrir por reverencia com uma abobedazinha como agora está. Junto desta apparece ainda chea de agoa a fonte, que milagrosamente Nosso Senhor lhe deo, na qual nunca falta agoa. E bem mostra ser por mercê do ceo conservada ha mais de 1600 annos, porque a pedra sobre que nasce é no meio de uma campina por todas as partes, nem tem donde lhe póssa descer tanta perpetuidade de agoa. Defronte da lapa para o Poente, está outra columna levantada semelhante á do Monte Grande, que tambem dizem foi hastia ou pé de cruz feita pelo mesmo Santo Apostolo: está tambem debaixo de sua charóla; e desta ser obra do Apostolo ha menos duvida na opinião, e commum pratica de todos. Assim nesta como na outra tinham os padres póstas em cima suas cruzes, mas por lhe tirarem os ferros com que estavam fixas, os negros a guerra passada as quebráram, deixando só as columnas em pé como estão. Estas são as memorias que aqui se vêm deste Santo Apostolo, nem sei que d'outro tenhamos tantas e tão vivas, as quaes Nosso Senhor aqui conservou por meio da

devcção dos armenios, para gloria sua e confusão destes gentios, e praza a Decs não seja tambem dos christãos, pois tão pouco dellas se aproveitam, e tão pouca devoção lhe tem.

Daqui cinco ou seis legoas para a parte do nórte está Paliacate, onde os olandezes tem fortaleza, que os nossos de S. Thomé os annos passados lhe tomáram, saqueáram, e arrasáram ; mas elles pelas necessidades que tem das roupas desta cósta para o commercio e trato que tem na Jaoa, a tornáram a reedificar aventajadamente, assim no sitio, como em tudo o mais. Agora estando nós em S. Thomé para partir, tivémos novas por via de uns negros, em como no mesmo porto estavam de assento com feitoria com licença da Rainha (cujo o porto é) alguns inglezes, o que se deixa ver por gróssas peitas que deram, e muito que ao diante prometteram ; porque queixando-se os olandezes á mesma Rainha, dizem que lhes respondeo que os inglezes haviam de estar alli com elles, e se assim não fossem contentes, que se podiam ir embóra e deixar o seo porto ; mas o cérto é, que os que mais derem ficarão, ou todos em quanto forem dando, ou aquelles que mais puderem se se desunirem. O que Nosso Senhor permitta para os confundir, pois o Estado quando foi senhor do porto o não sustentou, e agora deve custar mais toma-lo : e cada dia se irá isto impossibilitando, por elles se irem fortificando, ainda que agora bem pouco basta, confórme a opinião dos que bem entendem, e a cidade de S. Thomé só pedia duzentos soldados com alguns navios para tornar a tomar a fortaleza, estando mais fortificada e reforçada de artelharia e gente ; mas estes tempos são scos e não nossos.

Voltámos na mesma embarcação, desandando em sete dias o que em vinte e quatro horas tinhamos an-

dado, e ainda nos pareceo a viagem breve e boa, por ser contra o tempo e monção. Desembarcámos em Trangambar seis legoas de Negapatão em uma igreja que alli temos, donde caminhámos por terra ao longo da praia passando por muitas aldeas todas fresquissimas, por serem cortadas e regadas de varios esteiros e lagoas de agoa doce derivadas dos caudalosos rios que déscem das serras do Gate, maiores ordinariamente em suas fontes e principios, que nos fins quando chegam perto do mar. E por esta causa nenhum tem barra que préste em toda esta cósta; e a rasão que cuido é, porque como todos córrem por campinas rasas e planas como a palma da mão sem outeiro nem penedos que os impidam, os moradores vão tirando delles tantas levadas de agoa para uma e outra parte como eu fui notando em alguns porque passei, para regarem as vargeas semeadas de arrôs, que aqui dão tres novidades no anno; e por maiores enchentes que haja, quando chegam ao mar são mais pequenos ou ao menos não são maiores que em seos principios. Donde tambem parece que nasce em todos os que vi, que foram muitos, não entrarem direitos no mar, por não trazerem pezo de agoa que possa resistir ás dos máres; antes todos tem as barras enviozadas; e o que nellas não alcancei foi estarem todas abertas para o Nórte e nenhuma para o Sul, sendo o vento sul naquella cósta viração branda e saudavel, e os ventos do Nórte forçozissimos, sendo tudo na Cósta da India tanto ao contrario, que o vento Sul, por pequeno e brando que seja, logo engróssa e empóla as ondas, cava e alevanta os máres de modo que ninguem (se póde) o espera no mar; e as tormentas desta parte são as que se temem.

Chegando a Negapatão achámos novas frescas de Tanacarim, que é um porto em Bengála sojeito a El-

Rei de Sião, e muito frequentado deste, pelo proveito da mercancia. Sobre este depois que o barbaro Rei de Ova tomou a nossa fòrtaleza de Serião de Pegu, matou o capitão della Felippe de Brito Nicote, e levou pela terra dentro aos mais cativos, sem até o presente termos delles novas; mandou (como digo) este Rei sobre Tanacarim quarenta mil homens por terra, e por mar uma armada de sessenta vélas. Estavam dentro no rio sete embarcações de portuguezes, que alli foram negociar com suas fazendas, estes vendo a barra fechada com tantos navios de inimigos, e a terra tomada com tão grande exercito, e que não podiam (por serem poucos) defender todas suas embarcações, se refizeram em quatro, queimando as mais, e com estas pelejáram com o inimigo e o venceram, ficando alguns nossos feridos e morto um só por justo juizo de Deos, que pois de todos por tal foi havido e praticado, o quero contar.

Vai em cinco annos, que certos homens cruel e barbaramente dia dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo matáram a outro dentro na matriz de Negapatão, dando-lhe a primeira ferida ao levantar da hostia, estando elle de joelhos, e os mais matadores eram acabados pela Divina Justiça desestradamente em varias partes aonde ella para este effeito os levou, pois a Justiça da terra não podia com elles. Faltava este, que no primeiro encontro, ou como outros escrevem, o primeiro pelouro inimigo, que nos nossos navios entrou, matou sem elle poder dizer palavra, e assim parece que só para matar este fez Deos Nosso Senhor apparelhar aquella armada.

Vendo-se os inimigos vencidos e desbaratados todos dentro no rio, sahiram a barra para se recolherem a suas terras, e os nossos tambem para se irem curar e segurar na ilha de Sunduo em Bengála, onde é capitão

e Rei Sebastião Gonçalves Tibao; mas entrando-se no mar tiveram outra trisca, assás perigosa e baralhada, mas com o mesmo successo. Emfim por mercê do ceo chegáram a Bengála, levando comsigo todo o cabedal que salváram, e as vidas de que já na India se fazia pouca conta. O Ovai se recolheu com o exercito de terra, e armada do mar sem fazer nada em Tanacarim.

Partimos de Negapatão por terra, e fomos dormir a primeira jornada a uma aldea assás nomeada por um famoso Pagode que nella ha, que se chama Trivalor. Por toda esta terra, com buscar com os olhos não vi pedra nem outeiro ou terra mais alta que a outra, tirando os vallados que a arte dos lavradores tem feito para derivar e reter a agoa, com que se côlhem tres novidades de arrôs; e na verdade a terra é das melhores e mais fertis, que tenho visto. Mas tornando ao famoso Pagode de Trivalor, de uma fermozissima quadra de pedra preta de canteria, com muros muito altos, mas sem ameas, com que fica servindo de fortaleza, tem quatro portas respondentes uma á outra na grandeza e obra: as duas principaes são de figuras de relevo das historias de seos infames Pagodes repartidas por fóra em onze paineis ou quartões, uns maiores outros menores, e por dentro em nove ou dés sobrados, são em fórma piramidal quadrada mais larga na dianteira: o remate de cima é como uma tumba nossa com quatro conchas, uma em cada parte, obra por certo digna da soberba Luciferina, que aqui reina, nem me lembra ter visto outra de tanta magestade e custo; as portas porque se entra todas são de pedra preta, uma só de cada parte de quarenta palmos em alto e outra a travéssa das duas das ilhargas são algum tanto baixas e de obra chã.

No meio deste grande páteo ou cerca está a casa

do Pagode, não menos custosamente lavrada: mas logo parece na escuridade, que mostra ainda de fóra ser morada do Princepe das Trévas. E por esta mesma causa tem ordenado a seus ministros que de noite lhe façam todas as suas festas e procissões; e elles lho gurdam á risca, não passando nenhuma, que lhe não tirem sua figura a passear em procissão, umas vezes com mais apparato, outras com menos, conforme a solemnidade dos dias ou das noites. E nesta que aqui estivémos sahio a procissão com muitas e grandes luminarias diante atravessadas em táboas; não poucas bailadeiras (que os Pagodes para este effeito sustentam) e varios tangeres. Iam diante quatro ou cinco andores com alguns Pagodinhos: de trás ia outro maior como principal, que eu nunca pude divisar o que era passando por bem perto, todos iam cubértos de flores.

Para estas procissões fazem a proposito as ruas muito direitas, largas, e chãs para por ellas poderem correr os cárros que para este effeito tem de muito boa madeira, sobre quatro rodas muito grossas bem necessarias para tão grande máquina, porque tem nelles os mesmos repartimentos ou quartões que nos portaes com as mesmas figuras, e só a differença está em aquellas maiores serem de pedra, e estas de madeira, e por isso mais perfeitas a seu modo. Dentro da quadra ha varias casas de hospedagem para os romeiros; entre ellas á mão direita de cada porta principal vi duas da mesma obra, em uma das quaes contei desasete naves de columnas de marmore preto, tendo ao que mostrava mais de quarenta columnas no comprimento. Além destas ha outras casas mais pequenas e muitas columnas com boa ordem levantadas, e assim julgando a vulto me pareceo que seriam pérto de duas mil. Junto desta fortaleza, que disso serve, está um tanque quadrado da mesma

grandeza. Este tem no meio uma ilha, e nella situada outra casa do demonio assás grande; é este quadrado algum tanto mais comprido que largo, mas pouco, e de uma parte a outra não se divisa uma pessoa, se é homem, se mulher. Tinha o demonio antigamente aqui de renda sessenta mil patacões que os Naiques lhe foram agorentando de sórte, que hoje só dizem tem mil pardáos. É este dedicado ao Lingao, o mais torpe de todos os falsos deoses desta gentilidade, antes é a mesma torpeza, e este é o que reina por todo este Pande, até pelos caminhos debaixo das arvores tem suas estatuas.

Depois de caminharmos dous dias, sempre por fermosissimas vargens de arrôs, que respondem com tres novidades no anno, por serem não só regadas do ceo, mas com levadas de agoa tirada das ribeiras á vontade dos lavradores; e passando por infinitas aldeas, que estão á vista, e ainda á falla umas das outras, sem em todas ellas apparecer parede nem telha, senão taipas feitas á mão, cubertas de palha, tirando os Pagodes que todos são de pedra e cal, chegamos a Tanjaor corte do Naique, que é justamente a sua fortaleza, por estar cercada de fortes muros e barbacã mui bem torreada, e com sua cava de agoa á róda, tirando nas portas.

Antes da cidade meia legoa caminhámos por uma rua muito larga, e de uma parte e outra cuberta de arvores semeadas umas junto das outras, de sorte que fazem uma perpetua sombra aos caminhantes, e chega até os arrebaldes da cidade, que para todas as partes são grandissimos; aqui nos agazalhámos e detivémos tres dias em umas casas de prazer do Naique, que elle nos mandou aparelhar: estão ellas fóra dos muros no meio de um espaçoso terreiro, junto das quaes está uma forte parede de pedra e cal levantada de

sórte que por cima della se podem os elefantes pegar com as trombas e ferir com os dentes, e aqui os vem elle ver pelejar. Destes tem elle mais de duzentos, dos quaes cada dia duas vezes se vinham alguns ensaiar sobre a parede, trazendo muitos delles os dentes cheios de aneis de férro, uns mais outros menos, assim por galantaria, como por fortificação.

A casa é quadrada toda sobre abobeda de tijolo e cal muito fórte, tem muitos arcos abertos em lugar de cancellas para todos os quatro ventos com duas varandas sobre a parede que disse, no meio tem uma grande charóla quadrada em baixo com arcos e abobedas encontradas com muito artificio e graça, os corredores ao redór são da mesma obra e traça, e a serem mais largos e desempedidos dos pegões ou columnas do meio, podiam ser imitados em toda a parte.

Em um dos tres dias que aqui estivemos, cahio a festa do seo Pagode chamada Tromba do Elefante, e assim o pintam com a tromba por nariz e grande barriga. E a este dedicam o principio de todas suas obras; por ser grande comilão lhe offerecem neste dia cocos, e em especial o proprio Naique lhe offereceo neste dia cincoenta mil cocos, que todos se lhe deviam quebrar na cabeça. Digo isto, porque passando eu a caso por uma rua no meio da qual estava um destes Pagodes, vi um Bramene, que lhe tinha sacrificado, e estava sacrificando muitos cocos, e a estatua era de pedra preta, e o sacerdote estava com os braços arregaçados no meio de muita gente, e tomando os cocos dava rijo com elles na cabeça do Pagode, e quebrando-os sobre ella derramava a agoa do coco, e lavava o Pagode todo e as flores de que estava ornado; e tinha quebrado tantos, que além de todo o chão á roda estar molhado, tinha feito um rego por onde a agoa corria, e no fim uma cóva arrezoada cheia de agoa.

Da corte do Raju, que é rei sobre todos estes Naiques, ao qual elles pagam grandes tributos, veio o principal Bramene, que é como entre nós o Papa, trazer a este de Tanjaor doze ou quinze mil pardáos, que o Raju cobrou nas pareas deste Naique, que para honrar o seo Bramene em um destes dias o foi visitar com grande acompanhamento, levando-lhe as pareas, e sobre ellas um rico presente; o Bramene lhe fez outro de um elefante, e outras peças, mas o com que lhe quiz gratificar o que lhe fazia foi com ir a casa do Naique conceder-lhe uma indulgencia plenaria a todas suas mulheres, com lhas ferrar todas nos braços com uma chapa ou chavão quente, pagando-lhe pelo trabalho uma moeda de ouro cada pessoa; o mesmo fez depois a todos os que a quizeram alcançar, ou para melhor dizer, dar o fanão; o que muitos escuzaram, não tanto por pagar o preço, como por terem notado noutro que veio fazer o mesmo pouca limpeza, ou muita torpeza, de que este se mostrou sentido, mas ainda ganhou bem.

Sahimos de Tanjaor por outra rua mais fermosa, que a porque nelle entrámos, assim na largura em ser muito direita, igual, e sombria, como finalmente por ser muito mais comprida. Porque chegando a uma caudalosa ribeira boa meia legoa da cidade, cuidei que era o limite eterno da rua, mas passada achei que continuava na mesma fórma quasi ontro tanto, e a julguei por entrada digna de outra mais populosa cidade.

Sahimos aquelle dia do estado de Tanjaor, e fomos dormir no de Maduré, (que é o maior no poder e riquezas dos tres Naiques) em uma aldea chamada Sentacale, defronte de um Pagode, nada inferior nos portaes ao de Trlvalor, ainda que a cerca não era de canteria, mas de tijolo e cal, que emfim nestas partes só a idolatria está de pedra e cal, encastellada em custosas

e inexpugnaveis fortalezas. Aqui vi uns homens, que com muito cuidado acarretavam agoa para o Pagode, e inquirindo-os disseram que era para se lavar o Pagode, que até com isto querem os Bramenes authorizar seos lavatorios, dizendo que tambem os Pagodes se lavam.

Partidos daqui andámos a maior parte do dia por terras iguaes ás de Tanjaor; mas passando umas ribeiras fomos achando a terra somenos; e lá pela tarde achámos as primeiras pedras deste caminho, que parece são já raizes das afamadas serras do Gate; e estes foram os montes de Trichenepali, que é a principal fortaleza do Naique de Maduré, e onde, quando se vê em algum aperto, ou se teme do Raju, se recolhe e defende. Esta fortaleza ou grande cidade está situada nas raizes de um alto monte, e consta de tres cercas, duas quadradas, e uma redonda; esta cérca o monte á róda pelas raizes ou pé delle, da qual o maior, que é a cidade terá de comprimento um bom tiro de falcão, e pouco menos de largura. O comprimento da quadra ssgunda, que é a fortaleza, e se contiuua com a cidade, é a largura da mesma cidade, ficando mais estreita sua largura por ir entestar no monte, e depois desta se vae continuando. A cerca redonda, que disse, cinge o monte e tudo, tem maior circuito que a cidade de Evora. Os muros de que é cercada com suas barbacãs e torres muito amiudadas, tudo é de pedra preta de canteria, com seis palmos de parede, e suas ameias muito juntas, e por dentro são de entulho, que começando em mais de cincoenta palmos por todas as partes vão sobindo por degráos altos de tijollo, e acabam em cima em vinte e seis palmos largos. Da porta da da barbacã da cidade até á de dentro tem dous revézes fortissimos de canteria, e a fortaleza tres ou quatro. Alem disso a cidade, com a fortaleza, tem suas cavas largas e fundas com agoa.

Pude ver e notar tudo isto, porque o Naique nos mandou agazalhar dentro da fortaleza n'um baluarte em cima do muro, que por curiosidade andei medindo.

Sobranceira a esta fortaleza em que móra o Naique está outra, pósta e fabricada sobre um vivo rochedo que é um Pagode, que a fica senhoreando. Deste Pagode descia todas as noites uma procissão com muitas luminarias, tangeres, e bailes, e acabava em outro pequeno, que abaixo lhe fica: e tambem de quando em quando se ouvia uma voz grande em tom de prégador, que eu dezejei de entender o que dizia, mas como era longe, só o tom se ouvia. No mais alto do monte em cima de uma grande pedra, que está pendente sobre o Pagode grande, e a cidade toda, apparece de muitas legoas outro Pagode; a pedra sobre que está fundado tem fórma de cabeça ou tromba de elefante, ou seja natural ou artificialmente. Neste se accende todas as noutes um facho, para que vendo-o todas as aldeas que estão espalhadas por aquellas largas campinas, se lembrem de fazer reverencia ao demonio; pois não vejo outra couza de que possa servir, estando tantas legoas pelo sertão dentro; vi eu algumas vezes sobir muita gente ao cume do monte, e dar muitas voltas ao redór deste Pagode, o que parecia por devoção e penitencia; e era boa! E' esta fortaleza muito vigiada com continuas rondas, que tres e quatro vezes a correm de noite ao som de atabalinhos, trombetas, e bategas ou bacias, que vão tocando com fachos acezos. Artelharia não vi mais que quatro ou cinco peças de ferro grandes ás portas; mas tem repairos como uma legoa afastados desta fortaleza no meio daquellas campinas, como senhor dellas.

Vimos outro monte mais pequeno e baixo, mas redondo, e no alto delle feita de novo uma fortaleza quadrada, em que nos disseram estava de continuo prezi-

dio de gente, que guardava estas terras. Está tambem este monte cercado de muro pelas raizes.

Ao dia seguinte depois de chegarmos, mandou o Naique desta força visitar ao padre com um prezente de algumas gallinhas, um carneiro e um cesto de arrôs; em retorno do qual o foi o padre Provincial visitar com outro saguate bem differente. Fez elle ao padre muita honra, assentando-o junto de si em um feltro, em que estava. Eu cuidei que fosse negro como os outros, e achei-me com um cafrão mal assombrado, e o julguei por outro Sardanapalo; porque nem fallava, nem respondia a proposito. E em todo o tempo que com elle estivemos, só perguntou se tinhamos mulheres (tendo para si que sem ellas se não póde viver) e dizendo-lhe que não, ficou espantado, mais duvido que crente, porque por si medem aos outros. Em poucos destes gentios se acha primor; e assim nos aconteceo com este; porque depois de tudo isto mandou pedir ao padre alguma peça, o qual lhe mandou um copo de madreperola, com seu pé dourado por não levar outra couza: elle o engeitou outra vez, pedindo outra couza melhor; mas certificado de que o padre a não levava, e não se fiando no offerecimento que o padre lhe fez de lhe mandar de Cóchim: e por outra parte vendo, que tinhamos ollas muito honradas do Naique grande, e ainda uma para elle mesmo, para que nos désse gente de guarda até Maduré, houve de nos despedir com honra, mas não quiz que fosse sem lhe deixarmos o copo, que engeitára, e assim o mandou pedir; que estes são os seos primores: e já póde ser que por isso a natureza os cobrio de taes cores, que por mais que o sangue lhe acuda ao rosto, nunca appareça; e como se não vê, dá-lhes pouco ou nada que se sintam, e vejam nas pouquidades; e sendo riquissimos, como este é, fazem tanto caso de cou-

zinhas de meninos. E sobre tudo pedio ao padre lhe mandasse alguns covados de veludo verde de Portugal.

De Tunchenepali até Maduré puzemos dois dias e meio, caminhando sempre entre altas e asperas serras, todas cubértas de frescos arvoredos, como ordinariamente são as da India, que eu tenho visto, e ainda em parte cultivadas, mas o caminho era por campinas, semeadas não já de arrôs como as passadas, se não de milho, e povoadas de muitas aldeas, e por valles sombrios deshabitados, não porém sem medo, e perigo de ladrões. E assim um destes dias amanhecemos entre babaies e vozes de gente, e de atabalinhos, que de todas as partes soavam, e se viam á muita pressa chamar a gente para a guerra, pelos ladrões terem na madrugada passada assalteado uma aldea, e levado della boa preza. O sobresalto foi tanto maior, quanto toda a gente corria para onde nós caminhavamos, e alguns passageiros que iam diante, á muita pressa voltavam para traz; nós comtudo passando adiante, em breve com o favor do ceo sahimos do limite destes alaridos, mas não do temor dos ladrões, que ainda nos ficavam por proa em um valle, meia jornada de comprido, muito estreito e melancolizado pelas altas serras que o cercam, e espéssos matos de que está cheio; e por esta causa se não passa senão pela manhã ao sair do sol, e com cafila de gente bastante para poder resistir aos ladrões; para o que nas duas pontas deste valle ou mato, que só está duas leguas de Maduré, ha guarda que faz esperar os passageiros uns pelos outros; mas nós comettemos este passo na tarde sem guarda mais que a dos nossos Anjos, e ao pôr do sol sahimos da outra parte sem perigo algum.

Os ladrões que infestam estas serras e matos se chamam Maravás, dos quaes a destreza e atrevimento

ao furtar é o dote para casarem; porque se taes se não tem mostrado neste exercicio, não acham quem com elles queira casar: e sobre tudo são tantos e tão senhores dos matos, que além de nunca o Naique grande os poder sojeitar, nem trazer á sua obediencia, indo um anno destes passados em romaria ao Pagode de Remanancor, lhe deram na retaguarda onde levava a sua recamera, e lha tomaram, temendo elle tambem o levassem com ella, e apressando o passo para lhe não ficar nas mãos; e fora bem empregado, por se ter ido ao Pagode pezar tres vezes: a primeira a prata, a segunda a ouro, e a terceira a perolas. Vejam agora lá se acham alguns Principes christãos que façam taes votos, e os cumpram, ou tenham e mostrem tanta devoção como esta? Dos nossos que aqui residem não fallo, porque o faço na annua.

E' esta cidade muito grande em circuito, muito povoada de vária sorte de gente, rica de trato, e não menos fresca e de bons ares, cercada de muros, e de barbacãs, com muitas torres, e sua cava muito grande de agoa. Aqui vi já algumas casas de Dureis, e capitães mais authorizadas, por serem de pedra e cal com seos terrados. Os paços do Naique com serem terreos são muito soberbos e magestosos, porque antes de chegarem ao logar onde elle dá a audiencia, se passa por tres pateos assáz espaçosos e altos com muitas columnas e varandas todas pintadas. A' porta destes pateos, com que se fica fazendo o quarto, se vae agora lavrando uma torre toda de pedra preta de canteria, que se sobir acima na fórma que leva, será uma das couzas soberbas não só da India, mas do mundo; porque a aria que tomam os alicerces é muito grande, e como vão já fóra da terra mais altos que um homem, com os muitos arcos e portas que levam, mostram fabrica não de torre, mas de uns fermosos paços; e o

titulo com que se faz esta torre é para pôr nella um relogio.

Tem esta cidade, que está assentada em uma campina rasa, mas no meio de dous montes, dentro em si o famoso Pagode de Chocanada que *in re* é o mesmo Lingao de Trivalor, mas este excede muito na magestade e grandeza do edificio, assim na quadra, como nos portaes, que são quatro torres altissimas, que se vem de muito longe, e como finalmente na devoção que todos lhe tem, e reverencia que lhe mostram, porque nenhum de longe enxerga seus coruchéos, que logo com as mãos sobre a cabeça lhe não faça zumbaia, como eu vi e notei a muitos, considerando quanta vantagem nos levam estes cegos no respeito que devemos aos templos sagrados. Agora fabulizam estes gentios, que envejando o seu Deos Vesnû a honra que aqui tinha o Lingao, mandou contra elle um elefante, que o Lingao converteu em um destes montes, o que sabido por Vesnû, mandou a sua cobra Nante, do que avizado o Chocanada a converteo em outro monte: e estes são os dous entre que está Maduré. E assim ficou a torpeza do Chocanada vencedora e senhora de toda esta terra como na verdade o está.

Aqui foi o padre Provincial visitar ao Naique, que o recebeo com muitas honras e favores, um dos quaes foi fallar-lhe naquelle dia, em que por ser de festa não dava audiencia a estrangeiros mas como o padre estava para se partir, houve de cortar por tudo: fallou-lhe em pé encostado em uma columna á vista do seo trono, que era uma cadeira de marfim dourado, guarnecida de velludo verde, e foi o primeiro a que deo audiencia, estando a varanda cheia de todos os seos grandes, um dos quaes era um Hennachasim, que ficava junto de mim, e havia poucos dias tinha vindo de Tutocorim, aonde fora com um exercito fazer guerra ao

rei, matando-o a elle, com mulheres e filhos, sem perdoar a couza de sua casa, o que até os gentios notáram por castigo do ceo; e fallando no caso, não houve quem não affirmasse que assim o permitiria Deos Nosso Senhor, pelo atrevimento que teve em prender um padre nosso, quando estavamos na Cósta, e ser o principal em nos lançar della. Seja o que for, nelle acabou sua geração.

Sahio o Naique muito galante com um turbante ou carapução dourado na cabeça, ornado de ricas perolas, umas fermosas orelheiras, um collar ao pescoço, que lhe descia até á cinta, de safiras mui grandes, entresemeado de perolas tamanhas como ovos de pombas, mas não vi entre ellas nenhuma perfeitamente redonda; cingia-se com um relho de esmeraldas e perolas do mesmo toque e feição, tendo no meio uma muito aventajada na grandeza e fermosura; nos braços trazia umas manilhas ou braceletes largos de tres dedos, com tres e quatro pedras destas engastadas em cada um, e as pedras eram quadradas, e enchiam o vão dos braceletes. Vinha todo açafroado, com uma cabaya muito fina, os pés descalços á uzança da terra, e nelles uns chempos ou tamancos prezos entre o dedo polegar e o vizinho, com uma fermosissima perola. Bem é verdade que nos fez esperar um pouco dizendo que se queria ataviar para parecer galante diante do padre, que lhe offereceo um prezente de varias péças, sendo a principal um relogio a seo modo, que para este effeito mandou fazer em S. Thomé, de que muito gostou, e das mais péças, que recebeo com rosto alegre e aprazivel de mancebo que é: fallou poucas palavras, mas com magestade e a proposito: essas dizia a um grande privado seo, e aquelle as tornava a referir ao interprete que o padre levava, e na mesma fórma era a reposta do padre que fallava com

o interprete, e este com o privado que as repetia ao Naique. O padre Provincial lhe encomendou, e entregou os padres que tinha naquella cidade, pedindo-lhe os quizesse tomar debaixo de sua protecção; o que elle acceitou offerecendo-se para tudo o que lhes fosse necessario; e este foi todo o intento e fim da vizita e prezente; em retorno do qual mandou logo dar ao padre Provincial cinco pachavelões, que são uns panos pintados, um carapução a modo de mitra, semelhante ao que tinha na cabeça, e uma cabaya de veludo da terra. Ao padre André Bucerio, e a mim mandou dar a cada um quatro pachavelões mais somenos, com que nos despedio. E não montaram pouco estas publicas honras que fez aos padres, que logo se vio na differença com que os grandes depois nos tratavam, levantando-nos as mãos, e ainda de longe. E porque ao dia seguinte nos partimos, na mesma tarde mandou visitar ao padre por aquelle seo grande privado, que servio de interprete, que comsigo trouxe uns poucos de fanões, que o Naique mandava para os gastos do caminho; mas a verdade é que elles sempre ficam de ganho aventajadamente, nem nesta parte querem perder por primores seos fóros e costumes antigos.

Dous dias gastámos de Maduré até Palião, que está no pé das serras do Gate, que necessariamente haviamos de sobir para passarmos a esta cósta da India. Fazem aqui estas serras um regato a módo de gancho ou anzol, porque indo correndo direitas do Norte para o Sul até o Cabo de Camorim, aonde vão acabar, aqui na parte de dentro voltam para traz na mesma altura algumas legoas ficando na fórma que digo como anzol do mundo, cujo vão nesta paragem de serra e terra é uma planicie de pouco mais de uma legoa, onde está a aldea Palião, e depois se vai estreitando por espaço de duas até o canto, que fica em menos de

meia, com serras de uma e outra parte muito ingremes e altas, todas porém cubertas de fresco arvoredo aprazivel á vista: a campina em baixo é povoada de muitas aldeas ricas de gado, mas differentes na traça das casas de todas as outras; porque sendo a materia a mesma de barro e palha, na feição todas se parecem com as choças dos pastores da nossa terra, ou com palheiros do campo, mas muito baixinhos.

Não eramos bem chegados a Palião, quando um gentio veio buscar ao padre Provincial para lhe dar os agradecimentos de um bem que lhe fizera havia dous annos, quando por alli passou a primeira vez. E o caso foi, que tendo este homem a uma filha, a quem o demonio visivelmente, sem lhe valer remedio algum, avexava e tratava muito mal, nestes trabalhos andava o pobre quando o padre alli chegou. E chegando-se ao padre afincadamente lhe pedia alguma mézinha. O padre lha prometteo, dando elle sua palavra de não adorar mais, nem fazer reverencia ou cerimonias aos Pagodes. Tudo a necessidade lhe fez prometter, ainda que não sei se o cumpre. Por remate o padre lhe deo um papel, em que estavam escriptos tres vezes os Santissimos Nomes de Jesus e Maria, com estas palavras em baixo:

Diabo, em virtude destes santos Nomes te mando que nunca mais atormentes esta creatura de Deos.

O padre lho mandou, e elle obedeceo, se havemos de dar credito ao mesmo que recebeo o escrito! porque tornando d'alli a alguns mezes por aquelle lugar um moço que o acompanhava, elle lhe disse que nunca o demonio mais lhe atormentára a filha, e ainda agora nos certificou o mesmo em quanto lhe durava o papelinho, que emfim se gastou. E por esta causa veio agora á muita pressa, e com grande confiança pedir outra mézinha como aquella; com as mesmas

condições e promessas o padre lhá deo, e com ella se foi muito contente e satisfeito.

A tarde do dia seguinte gastámos em sobir a serra pelo mais baixo e facil, que com o ser é assáz difficultoso, por ter a sobida, de uma legoa, muito ingreme, de vóltas e boa parte de penedia bem fragóza, e o que mais me espantou é saber e ver que por aqui por onde eu escaçamente podia sobir com grande trabalho, sobem e descem cada dia cafilas de bois carregados.

No fim desta sobida foi a primeira vez, que depois que parti de Portugal, vi silvas: no fim desta trabalhosa sobida dormimos, e dalli partimos já manhã clara, não acabando de passar as serras em dous dias a bom andar, e não descançar. Pelo que julguei terem de largura nesta paragem doze ou quinze legoas, andando nós muitas mais pelas muitas sobidas e descidas, voltas e revóltas; porque caminhámos, levando umas vezes o sol nos olhos, outras a uma e outra ilharga, e algumas nas costas, com que este caminho fica sendo muito mais comprido do que é; os matos immensos de toda a sórte de madeira, os palhegaes continuos, e que a partes cobrem um homem a cavallo: os valles em parte profundissimos, e todos cheios de frescos arvoredos, e muitos de canas, cujos canudos são de tres e quatro palmos de comprido, bambús sem conto (que são outra sórte de canas da India) tão altos, que dos valles se igualam aos montes, tão direitos e grossos como arrazoadas fayas; cujos canudos nas noras servem de alcatruzes, e nos poços de baldes: e aqui os vi mais em numero e mais altos e grossos, que em nenhuma outra parte, porque nascem e se criam sem haver quem os córte, só elles a si, e ás mais arvores vizinhas se fazem damno, porque no verão roçando-se uns com outros pelo vento se accende e atea o fogo nelles de maneira que ardem logo

montes e valles, com tal estrondo que parece de furiosa artelharia. Ha tambem por estas serras muita canella, mas não presta, como acima toquei.

A descida por esta parte do Malavar será de duas legoas, mas ainda assim trabalhosissima, e difficultosissima de descer, quanto mais de sobir; e com esta passagem ser tão fragosa, e tão cheia de matos accomodados para salteadores, e de ordinario tão frequentada de continuas cafilas, e passageiros, é segura de ladrões, porque os não ha. Muitos rios caudalosos, infinitas ribeiras perennes, regatos de agoa sem conto, e todos tem sua queda para este Malavar; e daqui vem ser elle todo tão cortado de frescos rios, todos navegaveis, que mais parece mar cheio de ilhas, que terra firme regada de rios, e na verdade quem do alto do Gate, donde se descobre todo este Malavar, olha para baixo, não parece que vê senão um grande mar, e assim é todo plano e igual. Bem é verdade, que ainda depois de descida a serra caminhámos nós meio dia por entre montes e serras, que são as raizes que o Gate lança para esta parte, e por entre ellas, e infinitas ribeiras chegámos a Tinguré, onde descançámos na primeira igreja de S. Thomé, que se chama Santa Maria, por ser dedicada á Virgem.

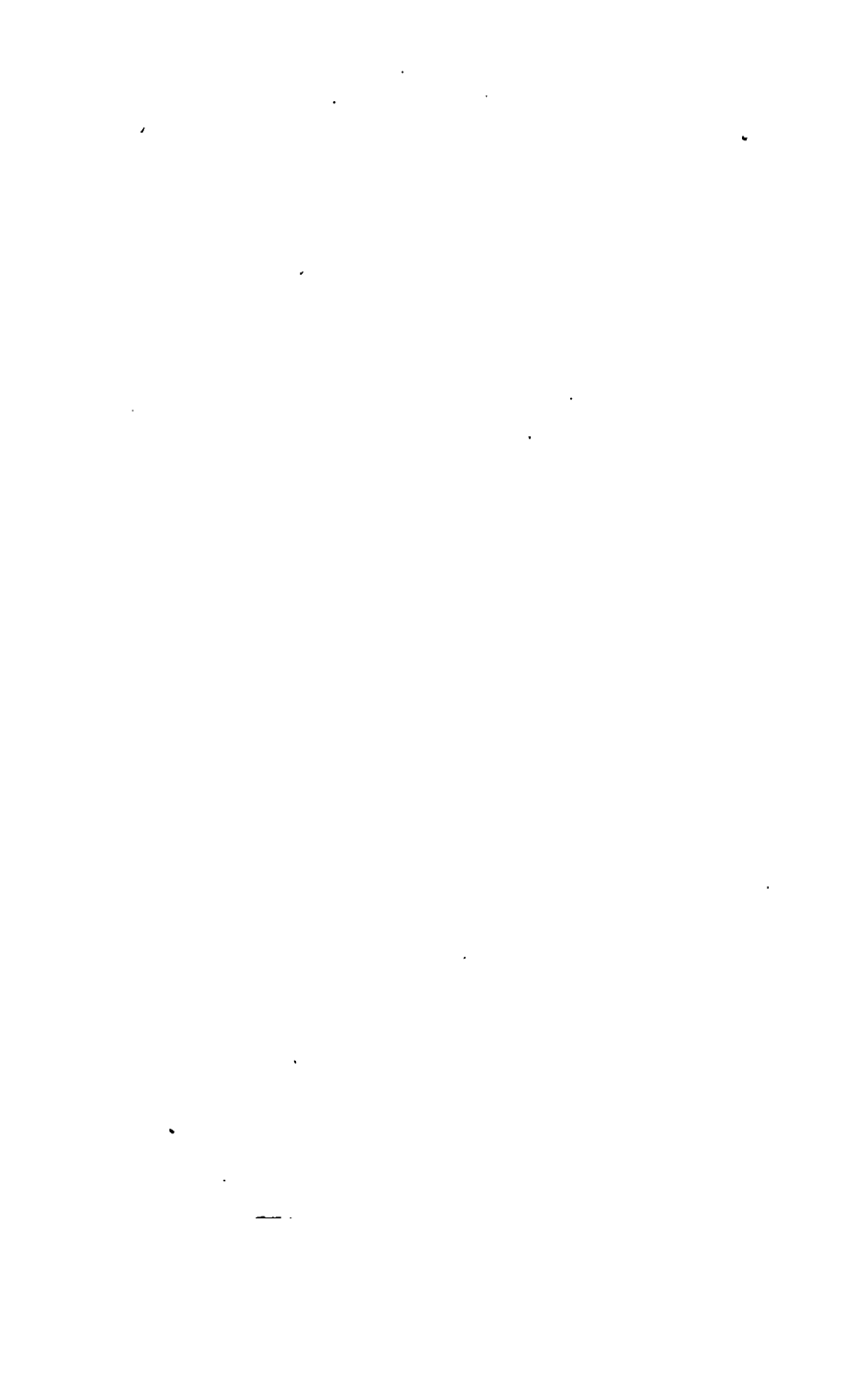
E pois cheguei ao alto da serra, donde se descobre a maior parte do Malavar, que só parece um espaçosissimo Oceano, tão plano e unifórme, tão quieto e ondeado, que para todas as partes por elle se estende a vista: e pois me vejo já entrado no reino de Tinguré, metido em uma igreja dedicada á Virgem Mãi de Deos dos christãos, a que commummente chamamos da Serra, havendo os com mais razão de chamar de S. Thomé, pois na serra nenhuns delles habitam, senão todos espalhados por estes reinos do Malavar, divididos em suas povoações apartadas, a que chamam bazares,

onde tem suas igrejas mui fermosas, todas de pedra e cal, e com sua cerca quadrada a róda. De tudo isto quero dar a V. R. uma brevissima relação; porque entendo folgarão lá de ouvir o numero dos reinos que encerra este Malavar, e o das igrejas que nelle ha.

O que commummente chamamos Malavar, é de costa que corre Norte Sul pouco mais de noventa legoas desde a ponta do Cabo do Comorim até a nossa fortaleza de Cananor, e pela terra dentro doze ou quinze legoas sómente até o pé das Serras do Gate, que nesta distancia pouco mais ou menos vão servindo de muro a este coução com poucas aberteiras, e essas não pouco difficultosas de passar, porque se communicam as duas Cóstas. Neste districto, que digo, ha cincoenta e nove senhores absolutos, entre Reis e Caimães, que tem continuamente pagos para a guerra duzentos e trinta e sete mil sete centos e cincoenta soldados, sendo a ordinaria para cada mil uma legoa de terra quadrada que aos que em comedias da terra se paga, porque a muitos se satisfaz o salario a fanões.

Entre estes Reis ha alguns que tem pagos trinta mil, outros vinte, quinze, e dez mil, e até de cinco mil, de dous mil, e de quinhentos, e de trezentos soldados pagos de ordinario para a guerra; mas isto afóra infinita gente dos cultivadores das terras; e dos mercadores, que quando são necessarios acódem a seos Reis; dos quaes todos os mais pequenos e de menos poder estão confederados e aliados com os mais poderosos, assim para delles serem defendidos, como para acodirem a seo chamado para as guerras que lhes soccedem.

Por todos estes Reis estão espalhados os christãos de S. Thomé, repartidos e divididos em muitos bazares, nos quaes ha ao presente cento e tres igrejas sojeitas ao Arcebispo de Cranganor; e nellas mais de

cincoenta mil christãos; os quaes se assim como estão espalhados, estiveram unidos e reconheçeram uma cabeça temporal, facilmente puderam ser senhores de todo este Malavar, por sua valentia. E' toda esta terra tão fresca, que parece um aprazivel pano de armar, toda cortada de caudalosos e frescos rios de agoa doce, que das serras desce, e com elles tão dividida em ilhas sem numero, que mais parece mar, que terra firme; e muitos querem que já o fosse até o pé da Serra. E com isto acabo, pedindo a V. R. me perdoe o enfadamento que com esta comprida, indigesta, e mal composta leitura desta nossa peregrinação lhe cauzei, em pago do qual nos santos sacrificios de V. R. me encomendo muito.

RELAÇÃO DO NAUFRAGIO

DA NAO

SANTA MARIA DA BARCA

De que era capitão

D. LUIS FERNANDES DE VASCONCELLOS

A qual se perdeu vindo da India para Portugal
no anno de 1559

Naofragio da nao Santa Maria da Barca no anno de 1559

No principio do anno de 1557 mandou El-Rei D. João o III de saudosa memoria, preparar cinco naos para mandar á India, de que deo a capitania mór a D. Luis Fernandes de Vasconcellos, filho do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes, que escolheo a nao Santa Maria da Barca, em que D. Leonardo de Sousa tinha chegado da India, para ir nella. As outras quatro naos eram Santo Antonio, de que era capitão Cide de Sousa; a Assumpção, que levava por capitão Brás da Silva; da Framenga era Antonio Mendes de Castro; e da Aguia João Rodrigues de Carvalho.

Estando estas naos prestes, e carregadas para darem á véla, abrio a nao capitania uma agoa tão grossa, que se ia ao fundo, e chegou a ter em si quatorze palmos della; e acodindo os officiaes para a remediarem, não sómente lhe não poderam tomar a agua,

mas nem saberem por onde a fazia; antes viam que cada vez lhe crescia mais, porque nem bombas, nem barris, nem outras vasilhas, que corriam por andaimos, lha poderam esgotar em muitos dias, trabalhando de dia e de noite. Vendo El-Rei que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras naos á véla, e que aquella se descarregasse; o que elles fizeram, despejando-a toda com muita pressa, para verem se lhe achavam por ónde fazia esta agoa.

Vendo D. Luiz Fernandes que já aquelle anno não podia fazer viagem, no que recebia muito grande perda, porque era um fidalgo pobre, e tinha gastado muito em se aviar, andava muito triste e discontente. Foi a nao revolvida, e buscada de popa a proa, sem lhe poderem dar com a agoa, e andava grande borburinho entre os pescadores de Alfama sobre aquelle negocio, que affirmavam publicamente que Deos Nosso Senhor permitira aquillo, porque aquelle anno lhe tirára o Arcebispo aquellas suas tão antigas ceremonias com que veneravam e festejavam o dia do Bemaventurado S. Pero Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxobregas, e com muitas folias, e de lá o traziam enramado de coentros frescos; e elles todos com capellas ao redor delle, dançando e bailando. E porque nos não lembra vermos escritas estas ceremonias em alguma parte, o faremos aqui brevemente.

Tem todos os homens do mar tamanha devoção e veneração ao Bemaventurado S. Frei Pero Gonçalves, e o tem por tão seo advogado nas tormentas do mar, que crêm de todo seo coração que aquellas exhalações que nos tempos fortuitos e tormentosos apparecem sobreos mastros ou em outras partes das naos, são o Santo que os vem visitar e consolar. E tanto que acertam de ver aquella exhalação, acódem todos ao convés ao salvar com grandes gritos e alaridos,

dizendo: Salva, salva, oh Corpo Santo. E affirmam que quando apparece nas partes altas, e são duas, tres, ou mais aquellas exhalações, que é signal que lhes dá de bonança: mas se apparece uma só, e pelas partes baixas, que denuncia naufragio. E tão crentes e firmes estão nisto, que quando aquellas exhalações apparecem sobre os mastaréos, sóbem os marinheiros acima, e affirmam que acham pingos de cera verde: mas elles não os trazem, nem os mostram. Ao menos nós os não vimos alguma hora, passando por muitas vezes esta carreira. E se os religiosos que vem nas mesmas naos lhes querem ir á mão, dando-lhes razões para lhes mostrar que aquillo são exhalações, e declarando as cauzas naturaes porque se geram, e porque apparecem, não falta mais que tomarem as armas, e levantarem-se contra quem lhes contradiz aquella sua fé, que por tal o tem.

A festa deste Santo se faz e celébra nas outavas da Pascoa; e aquelle dia é o de maior triumfo de todos os pescadores, que todos os outros, e em que elles fazem maiores gastos e despezas, que em todos os mais. Esta pequena luz, que estes mareantes portuguezes veneram em nome de S. Frei Pero Gonçalves e os estrangeiros no de Santo Anselmo, é de tão antiga veneração, que já em tempo dos gregos se celebrava. Porque, segundo muitos autores seos contam, quando aquelles famosos argonautas iam na demanda do Vellocino de ouro, em uma grande tormenta que tiveram no mar, appareceo aquella luz sobre a cabeça de Castor e Polux, e logo lhes cessou a tormenta: o que moveo aos homens a terem estes dous irmãos em tanta veneração, que os contaram no numero dos Deoses. E assim Plinio no segundo livro da natural historia, fallando nesta luz affirma que se via muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados em os exer-

citos, e que o mesmo apparecia em as naos, e lhe chamaram *Stella Castoris.*

E tornando aos nossos mareantes. Quando viram que só a nao do filho do Arcebispo deixára de fazer viagem, crêram que o Santo se quizera satisfazer nisso da offensa, que o Arcebispo lhe fizera em lhe defender suas tão antigas festas; e assim o affirmaram ao mesmo Arcebispo, que vendo tamanha fé e devoção, movido daquelle zelo, lha tornou a conceder, despois que se achou a agoa; porque nas voltas que lhe deram, foi um marinheiro dar com um furo de um prégo na quilha, que estava destapado, que por descuido deixaram os calafates de lhe pôr prégo, e quando a breáram se tapou o buraco, e por alli fazia aquella agoa. E permittio Deos Nosso Senhor que acontecesse isto a esta nao, estando no porto, porque se não perdesse á ida, que se fora no mar, nenhum remedio tinha.

Foi tomada a agoa com grande alvoroço, e tornou a carregar; porque disseram os officiaes que ainda tinha tempo; e que quando não pudesse passar á India, ficaria invernando em Moçambique, e assim deo á véla a dous de Maio; e foram seguindo sua derrota; e na Costa de Guiné achâram tantas calmarias, que os deteve setenta dias; e tomando parecer sobre o que fariam, assentáram que fossem inventar ao Brazil, porque era muito tarde; e logo se fizeram na vólta da Bahia de todos os Santos, onde chegáram a quatorze de Agosto, vespera de Nossa Senhora da Assumpção. D. Duarte da Costa, que ahi estava por governador, foi logo desembarcar o capitão mór, e muitos fidalgos que iam na nao, a quem agazalhou, banqueteou, e deu pouzadas á sua vontade, e o mesmo fez a toda a mais gente da nao a quem deu mantimentos em quanto alli esteve.

As mais naos que tinham partido diante, a Framenga de que era capitão Antonio Mendes de Castro, foi tomar Melinde, onde invernou. A Aguia em que ia João Rodrigues de Carvalho, invernou em Moçambique, por chegar tarde; as duas, Assumpção, e Santo Antonio, chegáram a Goa; e D. Luis Fernandes de Vasconcellos chegou a Moçambique a dous de Maio do anno seguinte de 1558 onde o Viso-Rei D. Constantino de Bragança lhe fez muitos gazalhados; e achando alli a nao Patifa, de que era capitão João Rodrigues de Carvalho, que por chegar tarde não póde passar á India, tomáram provimentos e agoa; partiram a cinco de Agosto, e chegárem á barra de Goa a tres de Setembro, onde estiveram até que no anno seguinte de 1559 despachou o Viso-Rei as naos para irem tomar carga a Cóchim, e dahi para o reino, onde se foi tambem embarcar D. Luis Fernandes de Vasconcellos na sua nao Santa Maria da Barca.

Partimos de Cóchim aos desanove de Janeiro em uma quinta feira ás outo horas do dia, e fomos nossa viagem até termos vista das Ilhas de Mamalle, onde andámos tres dias em altura de dés gráos escáços. Dahi fomos nossa derróta, não com vento, mas com calmarias e bonança até os nove de Março, que estivemos em vinte e cinco gráos e dous terços. Ao meio dia seriamos da Ilha de S. Lourenço sessenta legoas, e ao quarto da prima nos entrou o vento Suduéste, e tomámos as velas, e lançamo-nos ao pairo no bordo Lesuéste, e andámos até o sabbado antemanhã, que foram onze do mez.

Estando dando á bomha no mesmo sabbado ao quarto da madrugada, deram mais do que costumavam a dar, e então disse o guardião ao calafate, que fosse ver a baixo, e o calafate foi, e quando veio disse que déssem ás bombas ambas, porque havia dous

palmos de agoa sobre o palmejar, havendo dous relogios que davam á bomba.

Tanto que foram dizer ao capitão mór que faziamos agoa, mandou dizer ao guardião, que a este tempo servia de contra-mestre, por o dito contra-mestre vir doente da India, que désse ao traquete. Ao que respondeo o guardião que piloto e mestre vinham na nao para o mandarem fazer; e mais que viria a manhã, e que então advertiriam o que haviam de fazer, e como haviam de ir arribando, com não haver tempo para o fazer. E o capitão mór mandou logo que déssem á véla; e tendo-lhe tomado uns jegualhos, os tornámos a desfazer com medo do tempo nos não levar a véla; e fomos correndo todo o dia até a tarde com o traquete; e vindo a noite démos á véla grande, sem moneta, pela agoa vir em crescimento, e irmos correndo ao Nórte com o vento Suduéste e Susuduéste. Seriamos da terra cincoenta legoas até sessenta, com darmos continuamente ás bombas, sem levar mão dellas.

No proprio dia fomos á arca da bomba, para vermos donde vinha a agoa, e nunca o pudémos julgar, que com verdade fosse, porque nunca as bombas pudéram ser sem agoa; e com isto fcmos ao paiol da proa tanto ávante, como á arca da bomba da banda do estibordo, começámos a sondar, e não achámos mais que rever a nao por todo o costado: e fomos ao outro paiol da banda do bordo, correndo do paiol da popa até a boca da escotilha do convés da agoa, e não achámos mais do que vimos da outra banda: com isto se veio a gente para cima, sem fazer mais diligencia, até se haver conselho do que haviamos de fazer. Assim andámos todo o dia dos onze do mez, sem fazer mais que correr toda a nao por riba e por baixo, e não achámos mais que marejar por todas

partes, e nisto gastámos o dia e a noite, sem fazer mais proveito que haver muitos rebates de achada da agoa, que só servia de nos dar muito desgosto e pena.

Ao domingo pela manhã quiz Nosso Senhor com darmos toda a noite ás bombas, e nunca levarmos mão dellas, esgotar a agoa de maneira que pudémos julgar vir da popa; e com isto foi o alvoroço tamanho na nao, que lhes parecia que já tinhamos acabados nossos trabalhos, ao menos a quem não entendia, que mal era fazer agoa por popa; e nisto mandáram dar rijamente á bomba, e foi de maneira que aquelles que por mais honrados se tinham, davam mais.

Com isto nos fomos ao paiol das vélas, começamos de lança-las no cabrestante com mais resguardo, do que despois, por nossos peccados, esses poucos, que escapámos, lhe vimos dar fim; e tirámos muitos sacos de gengibre e lacre para cima, e por serem de alvitres, houve muitos homens que não sabendo o que nisso ia, fizeram muitos requerimentos, parecendo-lhes que estavamos em toda a bonança, e não olhando que faziamos isto por proveito de todos, e o primeiro que se havia de botar, havia de ser dos homens pobres, como se botou, ou elles o botáram. Digo isto, porque neste tempo havia homens, que em vez de ajudarem, se punham a fazer requerimento ao capitão, e ao mestre, que não bolissem com a fazenda, que se perderia. Isto foi causa de pôr a gente em tal estado, com tirar a fazenda a riba, e tirar abaixo, que quando veio ao tempo da maior necessidade, andando já desfeitos de tanto trabalho, nem eram homens para o fazer, nem haviam forças que tanto os ajudassem.

A segunda feira treze do mez, fomos abaixo, e começámos de tirar muitos sacos de gengibre e lacre,

com fundamento de tornar abaixo, e botámos na tôlda do capitão, e alcaceba, o qual fundamento nos sahio bem avesso do que cuidámos; e começámos de fundiear a pimenta, e baldear ao mar, o que o capitão mór não queria fazer, dizendo que era de El-Rei, e a mandava deitar no cabrestante. Nisto se foi o guardão e alguns marinheiros ao mestre, e lhes disseram que não estava em tempo para aquillo, e que tinham bem necessidade de baldear e alijar tudo ao mar. Ao que respondeo o mestre, que bem viamos nós outros, que com elle mandar sómente tirar os sacos de gengibre fóra do paiol o queriam matar, que faria, mandando-os deitar ao mar? Que fossem ao capitão mór, que elle o mandaria fazer. Foi então o guardião com alguns homens fallar ao capitão mór, e elle mandou chamar o escrivão, que visse o que diziam aquelles homens, e que fizesse o que melhor lhe parecesse, e botassem ao mar tudo. A' vista da resolução do capitão mór, começáram a botar ao mar e a fundear, e não ficou ninguem que não botasse e ajudasse a tirar debaixo; e quando veio ao meio dia tinhamo-lo lésto o paiol da popa, e outro mais davante; e isto no porão. Nisto andámos o dia e a noite; e com darmos cotidianamente ás bombas, e haverem dias que a gente não comia por andar metida no trabalho, mandou chamar o capitão mór o mestre abaixo, onde andava, e lhe disse que lhe parecia bem ordenar a um negro que fizesse de comer para aquella gente, se o pudésse escuzar, e disto deo cuidado ao padre Frei Christovão de Castro, e a Heitor Nunes de Góes.

A terça feira, que foram quinze do mez, tendo acabado de fundear, que seria á meia noite, começámos de cavar o lastro, e desfalcar; e andando nisto viamos que vinha respondendo a agoa da popa; e quanto era o juizo dos que andavam debaixo, respondia tan-

to ávante, como a escrava do couce. Ver nisto a gente que andava debaixo levantar um choro de maneira que uns abraçados com outros cahiam para uma banda e para outra, começando a sentir seo mal, do que se lhe offerecia, causava assás lastima. Começáram a cortar as escoas, para ver se respondia por alguma costura, e vendo que respondia debaixo, augmentáram o pranto de maneira, que foi sentido dos de riba, e foram o guardião e carpinteiro dizer ao capitão mór a sórte da agoa; ao que respondeo que fizessem seo officio o mais secreto que pudéssem. E elles se tornáram abaixo; e andando com o rastro, parece ser que fez alguma preza, e não respondeo á bomba, e ficáram assim ambas as bombas sem tomar agoa; e com isto foi tamanho o alvoroço da gente, que diziam era já a agoa vencida, que lhes parecia que eram já nossos trabalhos acabados.

Neste comenos metemos tres monetas, dizendo que a nao, ainda expedida da véla, não faria tanta agoa. Mandáram então dar á da gavea; e parece que forçou a nao, e se desfez a preza, e se muita agoa fazia dantes, muita mais fazia então. Tornámos a tomar a véla da gavea, e fomos correndo com as vélas grandes no bordo do Nordéste, e determinámos de fazer betume de farinha de biscouto, e arrôz, tudo calçado aos pilões, e por encontro um pé de carneiro; e com ser a altura das picas, e com a immundicia que tinha, e com a grande força da agoa aproveitavam pouco os remedios que lhe faziam. Determinámos então de fazer um convés na boca da escotilha, e começámos de alijar caixas de roupa que tinha em cima; e nisto veio um homem que as levava a cargo, requerendo que as não botassem ao mar: couza que ao tal tempo parecia mais heregia, que temor de Deos; e com isto veio o capitão ao convés, dizendo que

se botásse tudo ao mar, que elle assim o mandava.

No proprio dia á tarde, andando nisto tão tristes, sem contentamento, quanto se devia suppôr de quem assim ia, e com os olhos via tantos infortunios, mandou o capitão mór chamar a concelho o mestre, piloto, e os mais officiaes, e alguns homens que o entendiam, e poz-lhes diante o que a tal tempo se lhe offerecia, e que lhe dissessem seo parecer, para com isto fazer o que fosse melhor; e mandou a um homem que se chamava Francisco Arnáo, que ia por marinheiro, filho de um mestre que foi na carreira, o qual disse seo parecer, e era que deviam de ir ao Noroéste de dia, que era demandar a Cósta, e que de noite podiamos ir ao Nordéste, que era como se corria a Costa, até verem vista da terra; e tendo suspeita da dita Cósta ser suja, que podiam botar o batel fóra, e mandar o capitão mór homens de quem se fiásse, para nelle irem andando diante da nao; e com isto, e com verem terra trabalharia a gente; e sendo mais a nossa desaventura do que era, pois alli a tinhamos, sem sabermos a certeza de quanto eramos della; porque o piloto se fazia cincoenta legoas, o sota-piloto sessenta, e elle trinta e outo, e outros mais, e outros menos, e que para espelho disto via que nenhum piloto se fazia com a terra do Cabo, e quando se fizesse com ella, e a visse, o mais acertado era ir busca-la, e que assim teriam os homens mais animo para trabalharem, e veriam se achavam algum porto para se meter a nao; maiormente havendo a necessidade que se via, e que indo no bordo da terra tinham mais certa a salvação que no bordo do Nordéste, como iam; e que este era o seu parecer. O qual elles houveram por bom, o capitão mór, mestre, piloto, e a mais gen-

te que alli estava. E nisto assentáram, e mandáram governar ao Noroéste, e quando veio á vespera, acertou a ir tomar o léme um homem, por nome Cosme Gonçalves, que é um dos que estiveram ao conselho, e achando que governando ao Nordéste, e á quarta do Léste disse ao capitão, de que servia conselho, se haviam de fazer suas vontades? Para que era governar ao Nordéste? Ao que rsspondeo o piloto, que queriam que fizesse, que não o deixavam fazer, que sua vontade boa era, que bem viam que melhor era morrer ás lançadas, que morrer afogado; e indo assim correndo até á noite no bordo do Nordéste, e de Nornordéste, andando a gente assim em baixo mandou chamar o piloto, porque se armava um chuveiro a Lessuduéste; e vindo arriba, houve homens que disseram que viam fogo, e que era na terra. Então mandou o piloto governar a Lesnordéste, e guiar para Léste; e via-se tão desesperado, que não sabia o que fizesse. E assim fomos correndo até a quarta feira pela manhã, que foram desaseis de Março.

Quarta feira pela manhã indo assim governando a Lesnordéste, se nos rompeo a véla no estai, e indo amainando, a verga se achou larga das roscas, e cahio a nao para a banda de estibordo, e levou a verga comsigo, e quebrou todos os braços, e a véla foi toda ao mar, e tomando pósse della nos levou a maior parte, e nos houvera de levar a verga e quebrar o mastro, se lhe não acodiram o guardião e o carpinteiro da nao, que lhe passaram um virador por debaixo das entenas como bosas; e com isto tiveram a verga até que acodio a gente que andava debaixo, e lhe guarneceram dous aparelhos, um de encontro do outro, e concertámos o enxertario, e virámos a verga mais acima, e fomos assim correndo com o papafigo de proa pouca couza guindando, e mais uma mo-

neta cingida no castello: e fomos desta maneira até a tarde alijando muitas caixas de roupa, e as dos homens do mar, aquelle que primeiro botava a sua se tinha por mais ditosô em pode-la lançar.

No proprio dia á tardę guarnecemos o estai grande, e nas costeiras de ré do traquete umas polés, para fazermos uma véla da moneta grande sobre cabos, para nos soster o traquete da proa na verga grande: e guarnecemos-lhe tambem umas escotas de uma bosa nova grossa, e nós com ella metida, indo o guardião para baixo, e estando o mestre no cabo da escotilha botando a agoa fóra, lhe vieram dizer que quebrára o enxertario do traquete, que andava desmanchada a verga. Acodio então a mandar com um virador até tomarem uma trinca com umas bosas falsas, para que a sojugásse, e não désse força ao traquete mais do que andava; e neste tempo nos quebrou um pisão, e metemos outro com muito trabalho; e todo este tempo estavam os homens ao léme.

No mesmo dia andando já o contra-mestre no convés (porque até este tempo esteve doente, e não mandava a nao) a acodir, com lhe dizerem que estava a cevadeira desfraldada, mandou lá uns tres ou quatro homens, e indo se tornaram para dentro, dizendo que se tornassem, que lá estava quem a tomasse, e não querendo lá ir, veio o capitão mór, e mandou lá outros homens que a fossem tomar. Sendo já o sol posto, e vendo-se o vento cada vez mais, se nos começou a romper o traquete de proa, e acodiram á véla que vinha metida na verga grande, donde andava larga das escotas, Cosme Cordeiro, contra-mestre, com Antonio Rodrigues, e Francisco Arnáo, andando tomando a trinca no punho e na entena, lhe andavam atirando com páos aos pés, não se sabendo

quem lhe atirava; e neste comenos andando noutra banda para tomar outra trinca o mesmo guardião e o mestre, lhe atiráram com os mesmos páos ás pernas; e com isto não podendo tomar a trinca a deixáram; e neste tempo veio um homem debaixo dizendo que lá andava uma campainha tangendo, como quando vai com defunto.

Neste instante andando em quente com o trabalho de dar ás bombas, e com os caldeirões na boca da escotilha, e na estrinca que fizeram um escotilhão para ajudarem ás bombas, senão quando o mastro grande quebrou pelo terço de cima abaixo da cintura, que tinhamos feita; e com levarmos xarta tomada, e brandaes, por quanto a este tempo o mastro andava largo nas cubertas, e quebrando cahio pela banda de bordo, e acodindo a gente a çafar o mezame para fazerem léstes as bombas, e com a detença que tiveram em cortar o mastro e o mezame, e dár o dito mastro muito trabalho á nao, se arrombaram os paioes e a arca da bomba, e se empacharam ambas, e não tendo com que botar a agoa fóra, senão com os caldeirões e barris, podia-se dizer por nós, que esperavamos secar o mar com uma conchinha.

Quando acodiram acharam onze palmos de agoa na bomba, e andando çafando o mezame, indo um homem para cortar um brandal da banda de estibordo vio estar um olho de fogo sobre a nao, que parecia forno de vidro, com muitas cores, e fedia a enxofre, couza que fazia medo de ver, e parecia que se fundia o mundo; e andando çafando o mezame da popa, foram ver o traquete, e não acharam parte onde o vissem quebrar; e foram á proa para çafar o mezame, e não acharam que cortar, que tudo levara comsigo, e quebrou pelo castello de baixo, levando juntamente gurupés e ancoras, sem quebrar pé de castello, nem o

postaréo, nem boca; couza que nos fez muito maior temor do que tinhamos visto.

Vindo a manhã de quinta feira, que amanhecemos sem mastros e sem bombas, que era o mais necessario de que estavamos desemparados, não nos faltando a misericordia de Deos, começámos a fazer léstes a nao, e botar quarteis fóra, e as amarras; e o contramestre por outra parte andava clamando que dessem á bomba, porque não havia quem o fizesse; pois uns se metiam nos camarotes, outros se escondiam e estavam rezando, e se os chamavam diziam que se estavam encommendando a Deos, e já que haviam de morrer tão cedo, como esperavam, que os deixassem; outros estavam escalavrados do léme, que a noite passada tinha quebrado dous pinções a uma cana, e houvera de matar um homem, e quebrou-lhe um braço, que houvera de perder. Com isto não havia quem trabalhasse, porque viam quão pouco aproveitava o dar da bomba, e mais com a gente andar toda morta do muito trabalho, e haver outo dias que os homens não comiam.

A' quinta feira ao meio dia começámos a querer fazer léste para botarmos o batel fóra, couza que parecia rizo fazel-o, por quão maltratado vinha, e com ir um marinheiro que se chamava Pedro Alvares do Porto, que alli falleceo, dizer ao mestre que determinassemos botar o batel fóra, como logo começámos de deitar, e fazer de duas entenas uma cruzeta, e um cadernar na chapa do castello, e com aparelhos guarnecidos, se foi o guardião abaixo, e o contra-mestre em cima a chamar a gente, que viesse ajudar a botar o batel fóra, a qual estava metida pelos camarotes de popa e de proa, uns com terem para si que era couza escuzada o trabalho, e outros com dizerem que quem havia de ir no batel que o tirasse; e outros com faze-

rem jangadas para se botarem ao mar, como de feito botaram; e alguns vieram com vergonha ajudar ao batel; e outros com lhe dizerem que haviam de vir no batel; e andaram nisto toda a noite; e tendo-o já quasi em cima, lhe tornou a cahir, e abrio pela proa, com deixar a roda nos aparelhos, e eram de feição, que vendo o batel desta maneira, se metiam debaixo de um pedaço de tilha que tinha, e andaram toda a noite sem o poderem sospender: e vinda a manhã se guarneceram tres aparelhos com brogueiros por baixo, com trincas, e com muitos cabos curtos o tiveram em cima. Tornou a quebrar um virador, e tornou abaixo; e tudo isto era por máo azo do mestre, que a este tempo, e ao mais andou mortal em tudo quanto fazia, e não tinha sossego nenhum.

A tudo neste tempo D. Luis estava presente, e vendo como se azava mal a tirada do batel, se foi com outros homens para o propáo, dizendo: Já isto é feito tudo por de mais. A este tempo todos andavam já confessados; e veio então um frade de S. Francisco á proa, onde estavam juntos muitos homens fazendo o que era necessario para o batel; sahio fóra, dizendo: Oh irmãos, lembrai-vos do que Nosso Senhor padeceo por nós; trabalhai, que elle será comnosco; absolveo o batel, se vinha alguma couza má nelle; e nisto o guardião e piloto de uma banda, e o mestre e contra-mestre da outra, esforçando a gente quanto podiam, porque a este tempo não havia quem disso não tivesse necessidade, poz-se a gente aos aparelhos, e botaram o batel fóra. Tendo-o em cima, teceram com um virador por baixo delle, que se quebrasse algum aparelho que não tornasse abaixo. E neste tempo andava já a agoa na cuberta do batel, e a nao se metia já toda debaixo até ás amárras. Tendo já o batel em cima, quebrou uma das entenas, e o pé arrombou a cuberta,

e foi assentar sobre uma caixa de roupa; cuidou a gente que era quebrado, e perderam a esperança do batel; e com tudo puzemos-lhe umas talhas com páos por baixo, e démos com elle em cima da coxia da banda de estibordo, desfeito todo em pedaços, e ahi o pregaram e concertaram como puderam, e para o botarem fóra era necessario cortar a marcagem, como cortaram; e meteo-se D. Luis dentro por lho dizerem, e estando metido se metia muita gente a que elle tinha dado licença, e outra muita, com medo de se desfazer o batel, se tornaram a sahir fóra muito confiados, parecendo-lhe que o batel os tornaria a tomar; o que foi bem aveço do que elles cuidaram; e quando foi ao dar da carreira do batel, iriam nelle até dez ou quinze pessoas, e dando o mar jazigo, lhe deram carreira com levar ao redor de si mais de vinte pessoas das que menos confiança tinham de vir nelle. Lançado o batel, tornou a dar uma grande pancada na nao, e se acabou de arrombar de todo, e não levava mais officiaes que o contra-mestre, por ir doente, e outros muitos pelo mar; e outros estavam esperando pelo batel que tornasse, o qual se ia alongando da nao, com não ter com que se chegar; e nisto uns se lançavam ao mar, outros em jangadas, e outros chamando por quantos santos havia; outros morriam, e outros andavam a nado, e vinham ao batel; dos quaes foi o guardião e o sota-piloto, e outros muitos homens; e D. Luis estava com uma espada na mão, com que não deixava entrar ninguem, com tenção de tomar o piloto e o mestre, e alguns homens de obrigação, que ficavam na nao; e vendo que não podia tomar o dito piloto, que andava em uma jangada no mar todo nú, a todos causava grande mágoa ver acabar tão honrada pessoa, como Pero dos Banhos, quanto mais a D. Luis, que lhe era affeiçoado; e vendo que o não po-

dia tomar, e se vinha a noite chegando, andou recolhendo uns moços que andavam a nado, e mais outros que vinham em uma jangada; e andando nisto disse um homem marinheiro, por nome Francisco Arnáo: Senhores, dai graças a Nosso Senhor que já lá vai a nao; e haveria obra de uma hora e meia, que seriamos fóra della, que foi aos dezasete de Março em uma sexta feira, havendo outo dias que vinhamos correndo com a nossa desaventura. E quando foi noite, que nos achâmos no mar em um batel arrombado, e sem remos, mais que quatro, e sem véla, sem mastro, e sem agulha, nem mantimento, que não levavamos mais de cinco caixas de marmelada e seis queijos, e um barril com obra de dous almudes e meio de agoa para cincoenta e nove pessoas, e os mares que nos comiam, engenhâmos de quatro zarguncho uma verga, e de um remo um mastro, e de uma colcha branca de marca meã uma véla com que fomos correndo aquella noite pelo caminho de Susudueste, e do Sudueste, e quando amanheceo, que foi aos dezouto de Março, que era um sabbado, vespera de Ramos, engenhâmos outra véla de outra colcha vermelha de marca pequena; e o vento sendo a Lesuéste, fomos a Loéste ou a Lesnordeste, e regiamo-nos por um relogio, e fomos correndo todo aquelle dia, dando sempre continuamente a seis andainas ás bombas, e lançâmos pela proa ao batel pela banda de fóra um mantás com um anixo fórte, que sostivesse o batel, que não fizesse tanta agoa; e foi tanto o trabalho do tempo, que disse um homem, por nome Lopo Dias ao capitão mór, que para que queria morrer? que botásse alguma gente ao mar. Ao que D. Luiz se não deo por achado de nada.

Ao domingo seguinte que foram dezanove de Março, que vinhamos já com algum alvoroço de ver terra, nos mandou dar D. Luiz uma talhada de marmellada tamanha como uma castanha, e não grande, um

frasco de agoa, que despois foi medido, e não tinha mais que um quartilho e meio de agoa para doze pessoas, e havendo tres dias que deixaramos a nao, e quando foi á meia noite, nós seriamos com terra, e fomos ter junto de uns ilhéos que estavam um tiro de falcão de terra, e não levavamos fatexa, senão uma pedra de afiar, que pezava uma arroba, e della engenhou o guardião uma fatexa ; de pedaços de cabos fizemos obra de quinze braças até dezouto ; e com isto nos chegámos bem á ressaca dos ilhéos, e surgimos, e quiz Nosso Senhor nos teve até pela manhã.

Segunda feira pela manhã, que foram vinte de Março, em amanhecendo, mandáram seis ou sete pessoas a nado á terra, e indo achãram um rio de agoa doce, que parecia o Tejo, e tornáram alguns delles com recado ao batel, começáram a dizer que havia rio de agoa doce ; e assim pareceo que tinham acabados seos trabalhos ; e com isto andáram até ás cuto horas do dia, que seria meia maré cheia, para entrarem no rio, por ter muito roim barra, e entrando com muito trabalho, não olhando a sahida que tal podia ser, nem menos o tempo não offerecia olhar pela muita pressa e trabalho com que vinha a gente entrando pela boca do rio, que se entrava de Lessuéste, e o Esnoroéste. Entrando mandou o capitão mór aos da terra que levassem um retabolo, e o puzessem ao pé de uma arvore ; e fomos em procissão todos, dando muitas graças a Deos, pedindo misericordia ; indo D. Luiz dizendo as ladainhas com muitas lagrimas.

Tornando da procissão, varámos o batel, e vendo como vinha, parecia couza impossivel vir tanta gente em couza tão pequena, e tão mal negociada de tudo ; e vendo que era a terra despovoada de gente, e mantimentos, mandou D. Luiz que fossem alguns homens buscar algum remedio de comer de frutas : que

quem o achásse, que o trouxesse, para elle por sua mão o repartir igualmente por todos os outros; que concertassem o batel os que pudessem; porque neste tempo uns se lançavam, como mórtos, pelo chão, e outros iam aonde achassem alguma maneira de comer. E vindo este tempo teria a gente obra de vinte buzios, que eram tamanhos como pelotas de jugar meninos: partiram-nos por todas as pessoas que havia na companhia; e foi partido pelo contra mestre e guardião diante de D. Luis, e quando veio a noite deram a cada pessoa duas frutas, que são tamanhas como uma nóz grande; e com isto passou a gente, havendo quatro dias que não comia, e muitos da companhia havia mais de outo, que com o trabalho lhe não lembrava nada.

A vinte e um do mez amanhecendo, se ergueo D. Luis cedo, e mandou chamar a gente dizendo-lhe o que a tal tempo se requeria, e quem tão bem o entendia, que nos lembrassemos que em nossa mão estava agora salvar-nos; e que olhassemos o que Nosso Senhor tinha feito por nós, e por isso nos rogava que trabalhassemos por concertar o batel, e que não tinhamos outra salvação senão Deos, e elle: que rogava muito que uns fossem ao batel, outros á véla, e outros a buscar de comer; o que muito folgavam de fazer, indo uns a pescar, e outros a tomar caranguejos, e outros a apanhar frutas, e outros a concertar o batel; e foi de maneira que de alcançar um homem um banco, que estava lavrando, cahio para uma banda, e a enxó para outra, com fraqueza que tinha; e vindo ao jantar, por não perdermos o costume e maneira de portuguezes, chamavamos, e alli vinham os que eram idos a buscar de comer, e uns traziam uns peixinhos á maneira de peixes reis, e não tamanhos, e outros traziam frutos, e com isto se repartio o pei-

xe, que se tomou com uns panos, e se dividio pela gente obra de uma duzia por pessoa, e quando veio a tarde a cada um cinco frutas, á honra das cinco chagas.

Quando veio a tarde chegou um homem a D. Luis com quatro ou cinco laranjas, dizendo: Senhor, eis aqui fruta da nossa terra; com a qual se fez um novo pranto e choro; e não tendo maneira de fogo, acertou trazer D. Luis uma pedra de Cambaya, e ferio fogo com que queimámos o batel, e o concertámos.

Aos vinte e dous do mez pela manhã, botámos o batel ao mar com umas falcas pequenas, com lhe fazermos das duas colchas e um pedaço de pano que traziamos, uma véla, e mais remos; disse então: Filhos, muito bem sabeis da maneira em que estamos, e que não sabemos mais que estarmos aqui neste rio; e Cosme Cordeiro, e alguns de vós outros, e eu tomámos o sol, e achámos que está em dezanove gráos menos um quarto; e se este rio tem sahida para a banda do Nordéste, como faz móstras nas cartas, receio que ao sahir desta barra passemos algum trabalho, por quão ruim parece; e por isso em minha determinação é irmos por este rio acima, se vos parece bem; e se acharmos sahida, não póde ser tão roim como esta: e senão tornaremos para baixo, que ao menos não nos ha de faltar agoa, que é o principal.

Disseram todos que assim lhes parecia bem, que fizesse sua mercê o que entendesse. Com esta determinação nos fomos pelo rio acima, e fomos dormir obra de meia legoa a diante de donde estavamos, e dormimos debaixo de umas arvores, e o batel amarrado a ellas; as quaes tinham umas frutas, e a gente começou a comer com a fóme que tinha, e as mais das pessoas que comeram houveram de rebentar com

esta fruta, e mais com umas sementes, que havia á maneira de grãos. E assim estivémos aquella noite, e amanhecendo fomos para cima, e achámos uma sorte de sapal: e com isto, e com não termos módo de sahida, e os ares serem carregados, e as forças poucas, tudo se ajuntava. Estava a gente tão mortal, que não havia homem quc tomásse remo, nem o podesse tomar, e fomos obra de duas legoas pelo rio acima, até darmos em seco: e fomos então á terra, e não achámos que comer, nem tão sómente as frutas que vimos em baixo; e tomámos umas figueiras bravas, e começámos de comer, e mandou D. Luis que as cozessem, e se aproveitassem, que as comeriamos, e se assim as não comessemos, que nos matariam, e assentámos de tornar para baixo. Parece que em tornando se esforçava a gente, que quem não tomou remo á ida, o tomou á vinda, e chegámos onde concertámos o batel. A' boca da noite fizemos uma procissão, por ser dia de Endoenças, pedindo misericordia; e D. Luis com a cruz diante, dizendo a ladainha, até o pé da arvore, em que estava um retabolo, que foi a vinte e quatro de Março em uma sexta feira.

Ao sabbado, que foram vinte e cinco do mez, pela manhã determinámos de sahir fóra, e por ser pouca a agoa, disse o guardião ao capitão mór, e ao contra mestre, que lhe não parecia bem sahirmos tão cedo, que esperassemos para haver mais agoa; e comtudo determinámos de sahir; e sahindo atravessou o batel com ir a maré teza para dentro, aonde esperámos que houvesse mais maré; e quando fomos para sahir, disse o guardião que dissessemos uma Ave Maria a Nossa Senhora da Nazareth; e nisto puzemo-nos ao remo, com darmos á véla; sendo já na barra, quebrou em nós um mar, e apoz elle outro muito maior, que nos houvera de meter no fundo, e nos arrazou o batel, e

quebrou a verga, que era um bambû grosso, e valeonos ir o guardião de proa com outro homem que levava um traquete lésto, que era de mantas; e quando a gente vio o batel arrazado, foi tamanho o alvoroço, que estivéram muito pérto de desmaiar, e corriamos muito risco de nos perder, e fomos assim correndo nossa róta caminho da ilha de Santa Maria. E quando foi ao sabbado ao meio dia, vimos uma almadia com negros; elles vendo-nos fogiram de nós; e indo mais ávante, obra de meia legoa, vimos uma ilhota pequena que estava em dezouto gráos. Aqui foram muitos homens fóra a ella, e achâram muitas laranjas, que foi mantimento para a maior parte de nossa jornada, porque havia homem que comia vinte laranjas; e aqui estivemos aquella noite, e nisto insistio o guardião, e alguns homens, que fizeram com que partimos com o vento Susuduéste muito rijo, e fomos correndo até a meia noite um bolcão ao mar, e fomos a elle, dizendo que era terra. Aqui havia muitos pareceres aveços dos outros, que diziam que não era terra; e quando foi ás duas horas despois da meia noite, achamo-nos com a ilha de Santa Maria, que está da terra quatro legoas; e parece que ainda que foramos muito correntes na navegação, não tomáramos melhor porto, que não parecia senão que Nossa Senhora nos trazia pela mão, porque nunca puzémos a proa do batel em terra, que não achassemos agoa, e infinidade de laranjas, que era o nosso pão.

Aos vinte e seis de Março dia de Pascoa da Resurreição sahimos em terra na ilha de Santa Maria, onde achámos muitas laranjas, e em quantidade da longura do batel tres ribeiras de agoa muito serena e boa, e em sahindo veio ter comnosco um negro, o qual se achou como salteado, e disse, como por acenos, que *ia, e* que logo vinha. Mandou o capitão mór reco-

lher todos, receando alguma traição, por não saber que gente era, e terem della sempre má sospeita; e estando nisto vimos dous negros por cima de umas pedras, fallando de maneira de espanto, e queixume, como que queriam perguntar que gente eramos. E isto entendemos pelos maneios da falla que viamos fallar. E estando nisto por muito espaço, perguntou o capitão mór se havia alguem que fosse lá fallar com elles; e não havia ninguem que lá fosse, senão um marinheiro chamado Giraldo Fernandes, que foi lá, e elles fogiram delle á carreira; e nisto mandou-lhe D. Luis por um moço pagem da nao que ahi vinha, um meio chandel feito em duas partes, que lho désse, e elles o não quizeram tomar senão de uma banda de uma ribeira, e os nossos da outra, e nisto vieram mais; então disse o guardião se tinham alguma couza de mantimento para vender ou resgatar; e o capitão mór não queria; mas pelo ver tão desejoso de ir, o mandou, e que levasse alguns pedaços de panos, e tafetá, e pedaços de prégos. E chegando começou a resgatar arrôs, figos, e muitas gallinhas, e canas de açucar, e assim estivemos aqui este dia, e mais a segunda feira seguinte até a tarde; no qual tempo vinham muitas mulheres e moços a ver, e diziam-nos que nos não fossemos, que nos iriam buscar mantimentos. As mulheres traziam umas esteiras á maneira de saias vestidas, e corpinhos como em Portugal, e os homens panos da mesma herva. E á segunda feira á tarde nos quizeramos partir; e por não termos toda a gente no batel, por serem a mariscar, nos detivemos um pedaço, e em nos partindo vimos vir uma almadia com muita gente, que vinham cantando e acenando que esperassemos por elles, e traziam uma vaca para vender, e disseram-nos que fossemos para terra, e iam diante mostrando-nos o caminho cantando, e lançámos o guar-

dião em terra para a comprar; e arredámo-nos delles, e o capitão nos rogou que encomendassemos a Deos o guardião, que o guardasse, já que se punha em perigo para nos trazer de comer; e estando nisto resgatou a vaca por um pedaço de pano, e de ferro, e pedaços de tafetá, e uns bastões de cristal; e alli mais resgatou muitas gallinhas e arrôs; e a regra que nos dava a cada pessoa era uma gallinha para quatro, e uma colher grande de arrôs para cada pessoa, e ás vezes para duas, e o mais mantimento eram laranjas, que o tempo não era para mais, porque não tinhamos resgate nenhum; e isto que ahi havia, foi achado no batel, que o metera um homem do mar, que morrera na nao; e com tudo isto, o que podia resgatar alguma couza por fralda de camiza, o fazia ás escondidas, e havia muitos que não traziam mais que o manto da camiza, e os bocaes por mostra, porque lhe era muito defendido por D. Luis, á uma por não haver resgate, á outra por não ficarem despidos, e com tudo isto, e com o mais que nesta parte defendiam, não aproveitava; e isto de feito, e de vista que por mim passou; de maneira que essa noite se matou a vaca, e comeose á terça feira, e estando-a assando vieram da ilha de S. Lourenço duas almadias, em que vinha muito mantimento, e duas vacas, arrôs, mel e figos, e com prazer das outras vacas, abriram mão da outra, e emfim não resgataram nenhuma, e ficámos sem uma e sem outras. E disto succederam alguns desgostos entre o capitão mór e a gente. Estivemos aqui todo este dia de terça feira, e dormimos a noite seguinte.

A' quarta feira, que foram vinte e outo de Março pela manhã partimos da ilha de Santa Maria caminho de outra ilha, que estava na Bahia de Antão Gonçalves, e nós tinhamos para nós que estava na boca, e fomos lá ter á Bahia á quarta feira á noite, e dormi-

mos da banda do Nordéste a uma aba, que fazia abrigo, e no dia á noite de sexta feira estivemos fazendo resgate de arrôs, gallinhas, e muito mel de abelhas, que ha muito na ilha toda. E estando o guardião resgatando, e não tendo mais com que resgatar, descalçou os calções, e resgatou com elles; e então o mandou chamar o capitão mór, que viesse embarcar ao batel para nos irmos, que tinhamos bom tempo, e fomos correndo á bahia pela banda do mar do Nordéste, cuidando ser a ilha que nos dizia o roteiro, e que tinha sahida, e fomos até irmos ter vista da ilha, que está dentro no saco da Bahia, e não achámos sahida, a qual ida foi mais por teima, que por outra couza, por quererem dar credito ao Roteiro; e não achando sahida fizemos um bordo de Suduéste para a contrabanda donde viemos, onde andámos quinze dias sem podermos sahir fóra com ventos pela proa, com remar alguma callada a balravento com muita chuva, vento, e frio, de noite e dia; porque havia noite, que estava toda a gente em pé para escorrer a agoa que chovia, que já não pretendiam mais que escorre-la de si.

E n'isto andámos resgatando mantimento, e aos cinco de Abril partimos da banda da Bahia do Sudéste para o Nordéste, que não pudemos ir á ponta, por ser o vento escaço; e metemo-nos em um rio pequeno, onde estivemos tres dias resgatando arrôs, gallinhas, mel, figos, e polvos, mais caro tudo do que sohiamos achar atráz donde vinhamos.

Aqui veio um filho do Xeque da terra, a que elles chamam Félûz, e esteve fallando com D. Luis, e trouxe de prezente um gallo, e um pouco de arrôs, o qual traziam de fóra do rio, e lhe deram um barrete vermelho, e algum aljofar, de que faziam pouca conta, e mais um pedaço de pano vermelho pintado. E ao outro dia pela manhã veio o pae, e trouxe dous gal-

los, e um fardinho de arrôs, e levou outro barrete, e mais um pouco de aljofar, e uma memoria de prata. No terceiro dia foi um homem cortar um palmito bravo, e deu-o a D. Luis, e comeo delle, e houvera de morrer com elle, e mais quantos o comeram; os quaes todos deitaram sangue pela boca em póstas, e tomavam unicornio; e neste porto nos trouxeram uma vaca para resgatarmos; com lhe darmos um astrolabio e muitas cavilhas de ferro, elles não queriam, e levaram-na, e resgatámos um porco do mato barato, e isto porque não o comiam; e neste dia, por não termos resgate de panos, nos disse D. Luis: — Filhos, e irmãos, bem sabeis que não temos com que haver de comer, e eu não o tenho, porque muito bem sabeis que não trago aqui mais que um pouco de aljofar, o qual não tem valia nesta terra; porque se a tivera, eu o gastára, como sabeis, de muito boamente; agora minha determinação é esta; que já que meos peccados quizéram que assim fosse, o que queria, e vos rogo é, que alguns de vós outros que tem camizas e celouras, as dem, para comermos todos igualmente, e não pereçam uns, e vivam outros, e quem tiver duas camisas, dê uma, e quem tiver duas celouras o mesmo. E todos deram as que tinham, e as mandou entregar a Belchior Dias sóta-piloto, para se resgatarem da sua mão; e como diziam taes palavras, eram para sentir a quem as ouvia de quem sempre deo, e fez mercês e amizades, e verem-se em tanta mingoa, que camizas velhas estavam pedindo com as lagrimas, que lhe corriam pelo rosto abaixo; e isto digo, porque lhas vi cahir muitas vêzes nesta nossa desaventura; e o mais commum mantimento que tinhamos, eram laranjas de muitas maneiras. Neste rio vimos muita madeira da nao.

Aos nove de Abril pela manhã nos sahimos do

rio, e démos uma grande pancada com o batel em uma pedra, que no-lo houvera de arrombar ; e nisto disse D. Luiz ao guardião que visse elle, e a mais gente, que em qual invocação de Nossa Senhora queriam que prometesse uma esmóla, que elle a promettia. Escolheram elles então Nossa Senhora do Monte, e elle a prometteo, e foi por cada pessoa, que alli vinha, um cruzado ; e fomo-nos meter na ponta da Bahia ao abrigo de umas pedras, porque não podiamos sahir, por ser muito o vento, e aqui estivemos dous dias.

Aos onze de Abril sahimos da ponta da Bahia, e metemo-nos por entre uns recifes, que lançavam ao mar uma boa meia legoa, e assim fomos dando em seco por muitas vezes, como quem sabia mal aquella paragem ; e quando veio o dia, vieram a nós duas almadias, que nos leváram a uma coroa de area, que estava entre o recife e a terra, e alli estivemos tres dias e duas noites, e mandou o capitão ao guardião que fosse a terra a resgatar, e resgatou uma vaca por panos e ferros, e deo mais o seu astrolabio por ella, por lha não quererem os negros resgatar, e mais estando para nos irmos ; e resgatou um porco. E neste tempo, que estavamos para partir desta coroa, aconteceo que tendo o guardião lá na povoação a resgatar algumas esteiras, ou arrôz, parece que deo aos negros uns dous calções ; e importunando-o tanto que lhos descozesse, elle pelos não escandalizar, lhe disse que viessem ao batel, que lá lhos concertariam, por se ver salvo delles ; os quaes negros vieram á coroa, e achâram Cosme Cordeiro contra-mestre, e Francisco Arnáo marinheiro, e tanto os importunáram, dizendo que lhes fizessem dalli cada um seu pano para se cobrirem, que emfim lhe houveram de fazer a vontade ; mas por não terem agulha com que

lhos cozessem, fez Cosme Cordeiro uma agulha de páo, com que mal ou bem lhos fizeram como pediam, ficando-lhes os fundilhos, que despois resgatáram por arrôz, mel, e figos, que tão famintos de resgate estavam ; e entendido é, que a necessidade os fez uzar destas traças por não terem outro remedio.

Neste porto nos mostráram muitas vacas se quizessemos resgatar, e nós não tinhamos já nem tão sómente arrôs, que era o que mais pretendiamos haver, e alguns polvos. Todo o comer que comiamos nesta viagem, foi sem sal ; não o fazem nesta Cósta toda, salvo em Aro, aonde despois fomos ter.

Partimos desta coroa aos 13 de Abril pela manhã, e houve alguns homens que disseram que não partissemos ; dos quaes foi Antonio Sanches, que sempre era o que mais impedia as partidas dos portos ; e vindo o guardião de terra, onde andára á noite fazendo agoada, a qual se fazia em alguns bambûs que tinhamos resgatados, e quando vio que se punha duvida á partida, disse ao capitão mór : Senhor, isto não é tempo para aguardarmos mais, partamo-nos ; e olhe V. M. que nos falta o mantimento, e que não temos resgate para mais, e será isto causa de maior trabalho do que temos passado, e por isso parece bem partirmos agora, que temos bonança, para o Recife que nos falta para passar. E vendo D. Luis isto, mandou que nos fossemos logo, que não tinhamos outra sahida senão aquella, que nos encomendassemos a Deos, e rezassemos uma Ave Maria a Nossa Senhora de Nazareth ; e sahimos ás nove horas do dia pelo Recife, com o vento Suéste, e Les-Suéste bonança, e os máres vangueiros, que davam trabalho ao batel.

No proprio dia á tarde chegámos a uma povoação de negros, a qual com ter novas de nós, ou com ver a embarcação differente, mandou o Rei daquella terra

duas almadias com gallinhas, arrôs, e figos, e dous cocos ao capitão mór, que lhe rogava muito que fosse á sua terra, que lhe daria o mantimento que houvesse mister; e o capitão mór mandou dar ao negro um pouco de aljofar, o qual o não quiz tomar, dizendo que o mataria seo senhor, se tal tomásse; e fomos ter a uma ilhota, que está obra de meia legoa da sua povoação, e mandou se ao guardião que fosse lá, e levou comsigo Giraldo Fernandes; e que fosse ver que homem era aquelle, que tantas palavras de espirito mostrava ter, e que lhe dissesse como estava alli, e que vinha perdido. O qual Rei, como vio lá o guardião, e o outro homem, mandou que se assentassem, e lhe déssem de comer, que vinham cançados; e meteo-se em uma almadia, e veio onde estavamos, e trouxe comsigo um fardo de arrôs, figos, e mel de abelhas, e deo-o a D. Luis, mostrando por sinaes estar muito pezaroso por nossa perdição, e certificou a toda a pessoa, vira a D. Luis chorar muitas lagrimas, e dizer com uma voz muito quebrada ao ceo estas palavras: Oh Senhor, muitas graças vos dou por me terdes chegado a este estado, que fallando, sou mudo, e ouvindo, sou surdo! Isto a fim de não entender o que El-Rei lhe dizia para lhe responder; e esta era uma das maiores faltas que tinhamos em nossa desaventura, que não nos entendiam, nem nós a elles.

Estando nisto mandou D. Luis dar um limão em conserva, e elle o tomou, e partio com uma faca, e deo delle a quantos trazia em sua companhia. E nisto chegou o guardião, e disse a D. Luis o muito agazalhado que lá lhe mandára fazer, e que ainda não vira negro naquella terra de tanto apparato, e tanta creação como aquelle, e que fizesse conta delle, porque parecia de mnita estima, assim no serviço dos seos, como na obediencia que lhe davam. E nisto

disse o mouro que se queria ir, que fossemos com elle, que nos mandaria dar o necessario, e D. Luis disse que não podia ser; e mandou ao guardião que fosse mandar remar para ir acompanhado até se desembarcarem, e deo-lhe umas memorias de ouro muito louçãs cheias de ambar, e elle ficou muito contente com isso, dizendo que fossemos todos com elle a sua casa. E nisto disse um Lopo Dias ao capitão mór, que lhe désse licença para ir com elle lá; a qual lhe deo, e foi com elle, e o Rei muito contente com isso, e nós tornámos para a ilhota, e ahi dormimos com levarmos muita chuva e frio, e nesta noite nos morreo um marinheiro por nome Manoel Fernandes, casado em Lisboa, e morreo ao desemparo, como Nosso Senhor sabe.

Aos quatorze de Abril pela manhã fomos á banda da povoação, por nos estar o Rei esperando com muita gente, que comsigo trazia, e vinha com o nosso homem pela mão; quando foi ao chegar, elle mesmo nos ensinava para onde haviamos de ir, e trazia uma vaca de prezente, e muito arrôs, mel, e figos, sem por isso querer nada; e esteve alli todo o dia em terra olhando para a nossa embarcação, e como faziamos de comer. Quando veio á tarde foi-se para a sua povoação, e levou comsigo o proprio Lopo Dias; parece que sendo elle em sua casa, o dito Lopo Dias vio umas duas caixas de roupa da nao, que os seos achâram na praia, e tomou uma alcatifa, e carregou-se de roupa, e elles saltaram com elle, e tomaram lha, e não sabemos se lhe deram ou não, e elle veio aonde nós estavamos muito cançado, de maneira que parecia que não vinha de vagar; e quando D. Luis vio isto, parecendo-lhe que ficaria aggravado, mandou lá o guardião, e levou comsigo dous homens, um por nome Francisco Arnáo, e outro Giraldo Fernandes, os quaes chegaram lá de noi-

te, e ahi dormiram, e na mesma noite por lhe não fallarem, que não quiz sahir fóra de casa, mandou-lhe dar de comer; e quando foi ao outro dia, desculpou o guardião ao capitão mór, dizendo lhe que já castigára aquelle homem do que fizera, e que fosse fallar ao dito capitão mór, o que elle não quiz fazer, e deo-lhe um fardo de arrôs, e que se tornásse; o qual tornou a dizer ao capitão mór o que passava, e como ficava aggravado.

Aos quinze do dito mez mandou o capitão mór ao guardião que o fosse desculpar, e mais que resgatasse uma vaca; o qual foi e resgatou com uma serra, e mais um pedaço de tafetá, e um pedaço de pano pintado; e sobre isto lhe deo um barrete vermelho que trazia na cabeça, e mais lhe quizera dar o pelote que trazia vestido, se lhe não foram á mão, e veio-se dizendo que ficava satisfeito de tudo, e mais que neste dia sahiram duas caixas de roupa, e elle vira Balthezar Rodrigues, que com elle fora; e com isto dormimos esta noite.

Aos dezaseis do dito mez de Abril disse o contramestre e guardião ao capitão mór, que olhasse Sua Mercê que se nos ia o tempo, e que já a gente ia enfraquecendo, e que seria bem que nos partissemos caminho do Aro, para vermos que meio lá tinhamos, e não olhasse ás vontades de algumas pessoas, que folgavam de estar em terra. Ao que respondeo o capitão mór, que bem via tudo, e que fizesse o que melhor lhe parecesse. E neste lugar esteve D. Luis para deixar aos dous homens, se lhe não fora á n ão o guardião, e o contra-mestre; dizendo que não olhasse Sua Mercê a mexericos, que visse o que nisso ia, e já que Nosso Senhor o salvára com aquellas pessoas, que as levasse comsigo, até que Deos fosse servido fazer delles alguma cousa. E partimos aos dezasete dias pela

manhã, e fomos dormir dahi obra de dez ou doze legoas, com assás trabalho, com levarmos muito mais pouca agoa, que já começavamos a entrar por costa brava.

Aos dezasete dias do mez amanhecendo, partimos desta lagoa, e fomos ao meio dia a Sambá, onde tomámos o sol, e ficámos em quatorze gráos e um terço. Nesta terra estando tomando o sol, nos salvaram á mourisca, dizendo: *Salem leque*. E dissemos por acenos, que em Aro dous zambucos; e acabando de tomar o sol, partimos, e fomos dormir dahi obra de quinze legoas por nos recolhermos muito tarde, e isto por não acharmos acolheita.

Aos dezouto do mez partimos pela manhã, e ás dez horas vimos andar uns negros pela praia, e por ser brava, não pudemos chegar; mandou o capitão mór um homem a nado, por nome Giraldo Fernandes a saber se tinhamos longe Aro, e elles quando o viram fugiram, e iam dizendo que perto a tinhamos, e que se queriamos comer, que esperassemos, que o iria buscar, e elle tornou-se para o batel, e fomo-nos a derrota, sempre ao longo da Cósta, sem poder achar abrigo. E quando foi á vespera, fomos detrás de uma ponta e surgimos; era tão sem abrigo, que disse o guardião, e Francisco Arnáo ao capitão mór: — Senhor, muito melhor é varar o batel em terra, que temos dia, que não estarmos amarrados aqui de noite; quebrar-nos-ha este cabo, e viremos a morrer aqui todos; ou vamos ávante, que quererá Deos dar-nos algum abrigo. Com isto houve muitas pessoas que disseram que haviamos de ser causa de todos morrerem, pelo muito vento que havia. Indo assim correndo com muito temor de ponta em ponta, vimos uns ilheos, que primeiro os vio o guardião, que ia de *proa vigiando*. E indo mais ávante, viram um mastro

de navio, e o advertio um marinheiro por nome Francisco Arnáo, pedindo alviçaras, e logo viram outro, e uma cruz, os quaes navios estavam no porto de Aro, um era de Antonio Machado, que era capitão das viagens de Moçambique, e por má navegação vieram ahi ter, e o navio era d'El-Rei, e o outro era de Antonio Caldeira, que estava fazendo resgate, o qual offereceo logo o navio ao capitão mór, como de feito elle foi para a India, com lhe dar por isso mil e seiscentos pardáos, e deo neste tempo D. Luis á sua gente dous arrates de contas, e duas mãos de arrôs, e aos seos officiaes tres, e duas mãos de arrôs, e mão e meia de farinha cada mez.

FIM DO SEGUNDO VOLUME